

MOMENTO

MAD
1954

feminino

"MOMENTO FEMININO" SOBE O MORRO



PREÇO NÃO PODE CONTINUAR SUBINDO COMO BALÃO

(Reportagens)

ANO VIII



Preço: Cr\$ 3.00



N.º 107



1954

Neste Número:

De uma

à outra

margem

(Conto)



MODAS



O BANHO

E A

BELEZA



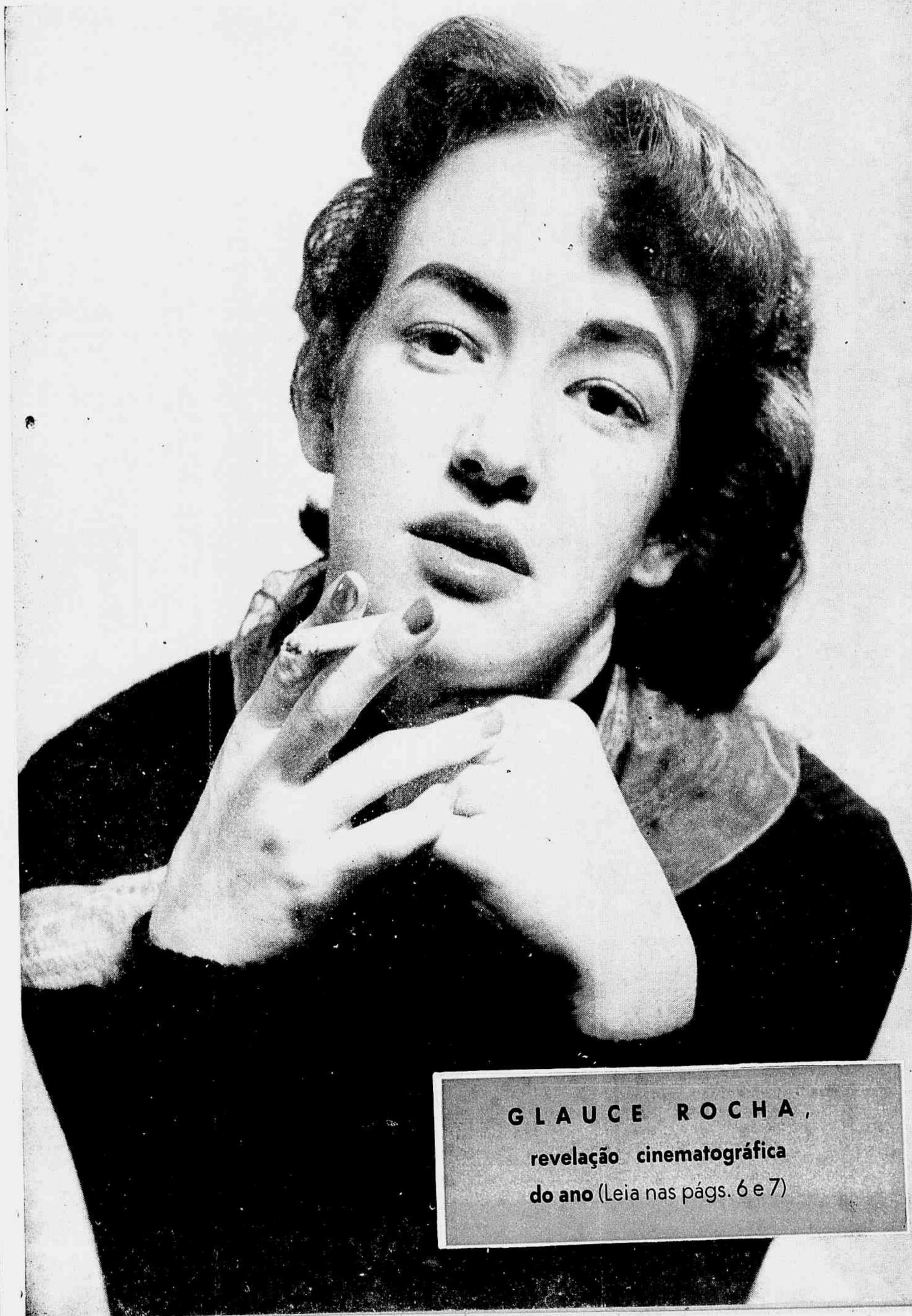
Por que se

reunem as

mulheres da

América

Latina ?



GLAUCE ROCHA,
revelação cinematográfica
do ano (Leia nas págs. 6 e 7)

NOSSO AMOR.

UMA jovem leitora, que se assina A. L., escreveu-nos narrando seu problema e pedindo-nos uma sugestão.

Diz ela que tem dezesseis anos e sente vocação para o teatro. Desde pequena representa nas festas colegiais e sempre ouviu grandes elogios de seus mestres. Gostaria ela de ingressar num elenco de alguma companhia teatral mas encontra firme resistência por parte de seus pais, os quais julgam impróprio para uma mocinha trabalhar em palco.

Pergunta-nos A. L. qual deve ser sua conduta diante desta resistência.

O caso de A. L. não é único. Outras jovens têm enfrentado a mesma resistência não somente contra a arte de representar mas tam-



MADALENA

bém contra o "ballet".

Naturalmente a maior parte dos pais receia que suas filhas sejam alvo de comentários malévolos ou teme que o

meio teatral não seja sadio para jovens.

Na verdade eles estão influenciados pelos preconceitos do passado que fixaram que ser

NOSSA VIDA.

artista de palco indigno de uma mulher ou então que a mulher nasceu somente para dedicar-se ao lar. Não se nega no entanto, que os pais que assim procedem apenas visam o bom nome das filhas.

No caso de A. L., o que fará quebrar a resistência de seus pais, será seu comportamento de jovem ajuizada, aliado a um estudo firme da arte de representar, através do qual provará que tem realmente talento para ser artista. Não é possível também que os pais vendo uma filha talentosa, a contrariem apenas por preconceitos.

Isto talvez adiante um pouco, mas antes de mais nada, nossa amiguinha A. L. vai ter paciência para adquirir um pouco mais de idade a fim de poder obter mais confiança em si própria e conquistar a confiança de seus pais.

CONHEÇA SEU FILHO

Maria Gabriela

HOJE em dia os pais se tornaram uma espécie de escravos ou bonecos nas mãos dos filhos, êsses pequenos déspotas implacáveis e absolutos. Essa situação é prejudicial a filhos e pais. Os frutos desse processo de criar os filhos sem deveres, sem responsabilidades, sem respeito humano, já se estão revelando a cada passo. A maioria dos jovens de hoje é criada no sistema da liberdade total, da igualdade sem fronteiras. Repelem qualquer restrição, rejeitam conselhos, negam-se a qualquer compromisso.

É a mocidade "moderna", criada sob os auspícios de uma imprensa, um cinema, rádio e outros meios de cultura os mais dissolventes. É natural que assim seja, pois êsses meios de cultura estão a serviço de uma sociedade que se decompõe vertiginosamente. Dentro desse quadro social a tarefa de pais e educadores avulta e chega a ser missão titânica educar os jovens, preservando-os das perniciosas solicitações que a cada momento se lhes oferecem.

A verdade, porém, é que mesmo os pais bem intencionados sentem-se desorientados diante de tantos problemas tão graves. Os pais de hoje, desiludidos e marcados por um sistema educativo cujos estigmas os acompanham até agora, resolveram educar seus filhos

"cientificamente", manuseando compêndios ou estudando preceitos da moderna pedagogia. Ai encontraram coisas encantadoras para uma geração de sufocados como nós: respeito à personalidade da criança, autodisciplina, liberdade para se dirigirem, etc.

Nada mais agradável que isso para aqueles que foram criados no sistema do "cale a bôca, criança não fala diante dos mais velhos, criança não dá opinião, se fizer perguntas leva uma surra", etc., etc. Os castigos corporais eram empregados com frequência, privavam-se as crianças de sobremesa, de cinema, de usar vestido novo, de brincar com os amiguinhos. Em compensação, enchiam-nos de tantas obrigações e compromissos que não sobrava tempo para nada. Os filhos tinham deveres mas não tinham direitos.

Recalcando revoltas e amarguras, sentindo o peso de uma infância da qual só guardamos lembranças tristes e humilhantes, quisemos indenizar nossos filhos e caímos no extremo oposto. Estamos pagando as conseqüências desses erros. (Continuaremos o assunto na próxima conversa. Até breve).

PARA AS MÃES

Dra. Yêdda Menezes

VAMOS prosseguir hoje com os conselhos para as gestantes:

VIAGENS — A trepidação dos veículos pode produzir o aborto ou parto prematuro. Entre o bonde e o ônibus, o primeiro deve ser preferido. As viagens longas não devem ser feitas nem no início nem no fim da gestação.

CUIDADOS COM OS SEIOS — Os seios não devem ser comprimidos durante a gravidez. Pode-se usar um corpinho que sustente os seios sem apertar. Devem feitos movimentos de ginástica antes e após o parto a fim de evitar a flacidez dos tecidos.

CUIDADOS COM OS DENTES — Devem ser cuidados os dentes com muita eficiência durante a gestação, pois estando alterado o metabolismo do cálcio, ocorre nesse período maior número de cáries. Os dentes devem ser escovados de manhã, após as refeições e antes de deitar. Aconselhamos, se possível, adiar as extrações nos primeiros meses devido ao

abalo que causam às mulheres muitos sensíveis. É indispensável o afastamento dos focos sépticos (tratamento de canais, granulomas, etc.).

Passado o estado puerperal, quando os dentes retomam sua vitalidade e calcificação, devem ser feitos os trabalhos de prótese que se fizerem necessários.

Algumas grávidas não suportam dentifrícios, principalmente nos primeiros meses, devido às náuseas. Nesses casos podem ser usados bochechos com água pura ou levemente misturada com dentifrício líquido.

HÁBITO DE FUMAR — Quando moderado, não traz grandes malefícios à gestação. O uso do fumo excessivo, entretanto, produz por vezes sérias alterações no produto da concepção.

—0—

CONSULTAS — As nossas leitoras podem fazer as consultas que quiseram sobre todos os problemas médicos que interessam à mulher, especialmente na fase da gravidez. Muitos prejuízos causa às futuras mães a falta de uma orientação precisa.

Escrevam para MOMENTO FEMININO — Seção "Para as mães".

Leia "DIREITOS DO HOMEM"

À venda nas bancas — Redação: Rua do Acre, 47 - s/1207
Distrito Federal

EXPEDIENTE

Diretora :
ARCELINA MOCHEL

Redatora-chefe
ZENAIDE MORAES

Redatora-Secretária
ETHEL DE SOUZA

Redação e
Administração :

R. EVARISTO DA VEIGA, 16
Sala 808

Rio de Janeiro

N. avulso Cr\$ 3,00

Assinatura anual Cr\$ 35,00

ANO VIII - JULHO-AGOSTO -
1954 - N.º 107

As importâncias em dinheiro
devem ser enviadas em nome
de nossa gerente Olga Duarte.

SUMÁRIO

- De uma à outra margem — Conto 4
- Últimas de toda parte — Cartas do Rio 5
- Glauce Rocha, revelação cinematográfica do ano — Entrevista 6 e 7
- O que vai pelos Estados 8
- Educação do homem e da mulher 11
- Elegância feminina — Modas 12e 13
- Momento Feminino sobre o morro — Reportagem 14 e 15
- Nosso 7.º aniversário .. 17
- Uma visita ilustre 19
- Por que se reúnem as mulheres da América Latina 20 e 21
- No Continente Americano belo e fértil — Reportagem 22e 23
- Como vive uma tecelã brasileira — Reportagem 24 e 25
- Assim vivem nossas irmãs do campo — Reportagem 26 e 27
- Preço não pode continuar subindo como b a l ã o — Reportagem 28 e 29
- Paz para a Indochina e a França 30
- O que vai pelo mundo 31
- Momento político 32
- A sorte do mundo está em nossas mãos 33
- O público francês não viu Galina Ulanova dançar — Reportagem 34 e 35
- Alfabetização 36
- Usar a arma do voto .. 37
- Para as crianças — Concurso Pica-Pau ... 38 e 39
- Rádio — Teatro — Cinema — Artes Plásticas — Cozinha — Beleza — Decoração — Conselhos Úteis — Cuidados com os bebês — Palavras Cruzadas — Bibliografia, etc.

Nossa Capa

GLAUCE ROCHA — revelação cinematográfica do ano — numa fotografia de Kasmer. (Ver reportagem nas páginas 6 e 7).



Criança



(Especial para
MOMENTO FEMININO)

Espuma de sêda, suspiro de neve,
um sôpro de plumas,
tão frágil, tão leve...
que estranhos poderes abrigas nas mãos!

Pedaço de sonho, botão entreaberto,
um canto perfeito, desejo, oração,
oásis tranqüilo no adusto deserto,
um trecho de meiga e suave canção...

Tesouro do mundo; do imenso universo
fanal de esperança seguro, e tão bom!
Teu amor não se canta nas linhas de um verso;
és gôta de chuva, poema de som...

Florzinha que a gente defende
abriga e protege, na concha da mão;
tua graça conquista, teu jeito surpreende,
teu riso domina qualquer coração...

Com mãos pequeninas, acenas, brincando;
um dia, entretanto, já homem, farás
um mundo em que todos irmãos, trabalhando,
entõem seus hinos de Amor e de Paz.

Eu creio, criança, com fé, nesse dia...
e a luz da alvorada brilhante, anuncia
futuro de pura, radiosa alegria,
destino da nova e feliz geração.

Por isso é que eu penso: suspiro de neve,
és sôpro de plumas
tão frágil, tão leve...
mas grandes poderes abrigas nas mãos...

Poema de **BEATRIZ BANDEIRA**



De uma a outra margem

Leônidas Barletta
Escritor argentino, diretor
do Teatro do Povo de
Buenos Aires

Os cais ficara deserto. A ponte móvel havia trazido cerca de uma dezena de pessoas e nenhum veículo. Um pouco mais de tempo e o rio ficaria silencioso. Poder-se-ia ouvir o chiado da água contra o casco dos botes atados uns contra os outros, contra as vigas do dique recobertas de musgo e graxa.

Do lado dos cafés chegava a intervalos um confuso rumor de música e a luz fria e esverdeada de uma lâmpada incandescente alumiaava um carrinho cheio de frutas.

A ponte móvel havia parado na outra margem e o esqueleto gigantesco da ponte de ferro esfumava-se na noite.

Dom Antônio tinha ficado só sobre seu velho "Valiente Baldisera". Todos os boteiros se haviam ido, um após outro, e alguns até o haviam convidado, da escada do atracador:

— Vamos, Dom Antônio?

E não haviam obtido resposta.

O velho era de caráter brusco. Também para sua filha Henriqueta era Dom Antônio. Quando o velho afastava os netos, a mãe dos garotos intervinha dizendo:

— Deixem Dom Antônio em paz. Dom Antônio leva a procição por dentro.

Era um modo de dizer que havia aprendido de sua finada mãe, e com isso deixavam-no entregue a seu obstinado silêncio.

O "Valiente Baldisera" balançava-se suavemente. A água do Riachuelo, negra e pesada, ondulava com morbidez de mulata. De pé, no centro do bote, apoiando as ossudas mãos nos remos, algo inclinado para a frente, com a tábuca do assento entre as pernas, de vez em vez dava uma tragada lenta e um golpe de remo para manter a embarcação no mesmo lugar.

A noite era quente, desagradável: uma noite própria para uma aventura má. Dom Antônio poderia ter deixado o bote amarrado junto aos outros, tomado seu canecão de vinho ao passar por "La Linterna de Génova" e ter ido dormir; mas

sua vontade, o retinha.

Uma tragada de cachimbo, um golpezinho de remo...

Sentia todo o corpo mole e os olhos ardendo. Sabia que alguém viria para passar à outra margem em seu bote. Tinha que esperá-lo. De um momento para outro, no alto da velha escada do atracador ia aparecer aquele que aguardava.

— Bote!

Sairia de sua quietude dando duas tragadas mais enérgicas no cachimbo, dois golpes mais fortes de remo, e aquele que esperava entraria no bote. Depois, como nos 45 anos decorridos, o "Valiente Baldisera" chegaria lentamente à outra margem, entrando na massa espessa e negra da noite e da água, coberta de grandes

círculos de azeite.

A tarefa era simples. Deixar a margem a golpe de remo e entrar num instante, nada mais que um instante, na solidão de céu e água, e depois o bote chega ao atracador da outra margem. Mas o mistério estava nessa zona intermediária, inexistente para os olhos, na qual, durante um sôpro, estava-se a igual distância da vida, tão perto e tão longe do mundo. Bastava olhar acima e abaixo, e o mundo se diluía. Todos os ruidos cessavam até o próximo golpe de remo e os faróis vermelhos e verdes dos semáforos e dos navios se confundiam com as estrélas. Tudo era céu, céu profundo de uma mesma altitude em tôdas as di- uma força confusa, superior à

★ CARTAS DO RIO ★

(Conclusão da pág. 5)

também pelas estações de rádio. A contribuição que trouxeram ao Congresso contra o câncer, em São Paulo, foi valiosa. Sobre tudo porque demonstraram que na União Soviética esse flagelo social se reduz diariamente, pelo emprêgo, a tôda a população, gratuitamente, dos métodos de pesquisa e exame preventivo. Como se sabe, a prevenção é atualmente a grande arma eficaz contra o câncer. Descoberto e tratado a tempo, ficam reduzidos a um mínimo os casos fatais.

Mas não nos afastemos do que lhe quero transmitir: a impressão profunda que nos causaram, pela sua extrema simplicidade, êsses homens que em sua Pátria são verdadeiras sumidades no combate a um mal terrível, que dedicam suas vidas ao estudo das possibilidades de eliminá-lo da face da terra. O presidente da delegação, prof. Blokin, moscovita, figura de simpatia irradiante, moço ainda, falando inglês carregado e exibindo uma elegante gravata-borboleta. O prof. Savitsky, alto, corpulento, entrado em anos, venerável figura de sábio. O prof. Chevchenko, alegre ucraniano de Kiev, de quase 2 metros de altura. O gentil e correto prof. Baslov, de Leningrado, "a Veneza soviética", como nos dizia. E não vamos nos esquecer de lhe apresentar o jovem Dr. Butrov, secretário da delegação e o jornalista Jorge Kalugin, da agência Tass.

Acreditamos que você, quando vier ao Rio, talvez não fique tão entusiasmada com a sua capital como se mostravam os cientistas soviéticos. "O Rio é uma das mais belas cidades do mundo — dizia-nos o Dr. Blokin." Sem querer parecer que nos julgávamos demasiado por isso, objetamos que Paris também é linda. Mas o prof. Blokin não se dava por achado. "Vimos Paris, Roma, são cidade antigas, bonitas, mas o Rio é qualquer coisa de entusiasmar. Estivemos no Corcovado e acreditamos que não há vista mais linda!" Por dentro, bem que concordávamos com o prof. Blokin...

E foi assim, nesse diapasão, numa conversa entusiástica, amigável, sem protocolo, que vimos se escoarem as horas. "Diga em sua revista que o Rio de Janeiro é um espetáculo de beleza" — exigia de nós, de dedo em riste, o prof. Chevchenko, misturando ao inglês inúmeras palavras francesas, e orgulhoso de dizer "boa noite" e "muito obrigado". "Copacabana é um espetáculo!" Soubemos que noutra recepção, declararam: "as brasileiras são muito bonitas e que se fossem para a União Soviética casariam imediatamente."

Estavam presentes também os cientistas poloneses que vieram ao Congresso. Entre elas uma mulher, a Dra. Kolziejska, diretora do Instituto do Câncer, em Cracóvia. Ainda moça, elegante. Preocupou-se em saber se no Brasil as mulheres tinham os mesmos direitos que os homens, se podiam realmente exercer tôdas as profissões. Conversamos muito. Falando francês e inglês fluentemente, disse-nos que na Nova Polônia tôdas as profissões estão abertas à mulher e que por todo o país se estende uma rede de creches, escolas e jardins de infância, para permitir-lhe participar livremente de tôdas atividades sociais. A mulher que amamenta trabalha 6 horas e ganha 7.

Ouvii com pesar nossas informações de que a mulher brasileira sofre uma série de restrições em seus direitos, não somente nas leis, mas na prática. E felicitou nossa revista pelo esforço que desenvolve para auxiliá-la na batalha emancipadora.

Era outra encantada com o Rio. Gostou também muito de São Paulo, mas as nossas belezas naturais a espantavam. Todos estavam, como você vê, sensibilizados com as atenções recebidas, e louvando as belezas desses céus do Cruzeiro do Sul. Nós, é claro, tivemos o cuidado de não lhes falar das "favelas" nem da canção popular que diz "cidade maravilhosa, que a todos seduz, de dia falta água, de noite falta luz"...

Mas as favelas estão aí, aos olhos de todos. E, certamente as viram, êsses cientistas voltados para o bem-estar do homem...

Abraça-

ENI

mensões, e a alma ficava suspensa como uma bolha no ar.

Uma tragada de cachimbo, um golpe de remo... e outra vez retomava o contato com o mundo. Os ruidos do outro lado avançavam, cobriam e abafavam os da margem oposta. Perfilavam-se os miseráveis habitantes das casinhas, das docas, avizinhava-se o atracador disforme e o mistério terminava com a entrega de uma moedinha.

E assim uma, cem, milhares de vêzes, nos 45 anos de remador.

Dom Antônio aspirou com força o cachimbo e sentiu crepitar o tabaco acêso ao tocar a saliva da piteira.

Um líquido morno e acre correu em sua bôca. Apertou o cachimbo com as gengivas desdentadas. Deu um golpe de remo. Uma voz que sempre havia ouvido, chamou:

— Boteiro!

O passageiro desceu os degraus sem apoiar-se no corrimão, pisou a ponta do bote sem ladeá-lo, sentou-se na tábuca, de costas para a prôa e disse com uma voz que agora pareceu a Dom Antônio ser a sua:

— Vamos!

Obedecendo ao costume, encaminhou o bote para a outra margem.

A noite era quente e desagradável, uma noite própria para uma aventura má.

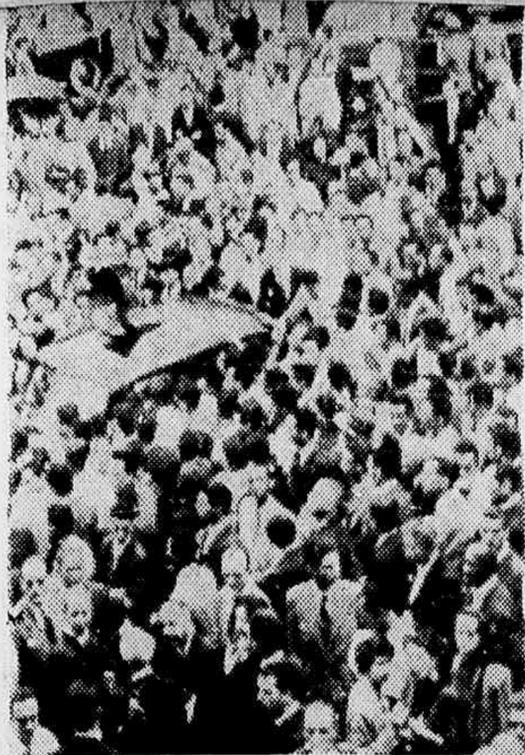
A ponte móvel iniciava sua marcha com muito ruído de ferros. O bote avançava mais lentamente que nunca. O cachimbo havia-se apagado. O coração batia pausadamente. Encontrou-se de repente no meio do Riachuelo, cercado de grandes barcaças e de escuros navios imóveis, e outro golpe de remo levou-o para longe de todos e de tudo frente ao rumo 32 da rosa náutica, com aquele passageiro silencioso. O coração batia-lhe pausadamente. Acometeu-o, pela primeira vez em sua vida de boteiro, a impaciência angustiosa de querer alcançar a outra margem. De repente, lembrou-se também de que não havia visto o rosto do seu passageiro. Não podia distingui-lo; mas adivinhou que sorria. Pôs-se a remar desordenadamente até que se esgotaram suas forças; depois caiu inerte num banco do bote.

Então o passageiro tomou os remos do batel e silenciosamente continuaram avançando no meio da noite.

E foi a última viagem de Dom Antonio, o patrão do "Valiente Baldisera".

Mas os que encontraram morto o velho boteiro da ponte Almirante Brown, afirmam que o bote não se tinha movido do atracador.

MOMENTO FEMININO



● Na Praça Floriano, no Rio de Janeiro, o povo protestou contra o clima de violência, criado pelo governo, que culminou no assassinio do major Rubens Vaz, por elementos da guarda pessoal de Vargas.



● Despertou vivo interesse em São Paulo e no Rio de Janeiro a presença de engenheiros e cientistas soviéticos que participaram do Congresso de Energia Elétrica e do Congresso Mundial Contra o Câncer. Os soviéticos visitaram instituições oficiais e declararam à imprensa que estavam encantados com as belezas do Brasil. Na fotografia os médicos soviéticos: professores Chevtchenko, Biokin, chefe da delegação, Baslov, Butrov e professor Savitsky.

ÚLTIMAS de toda parte

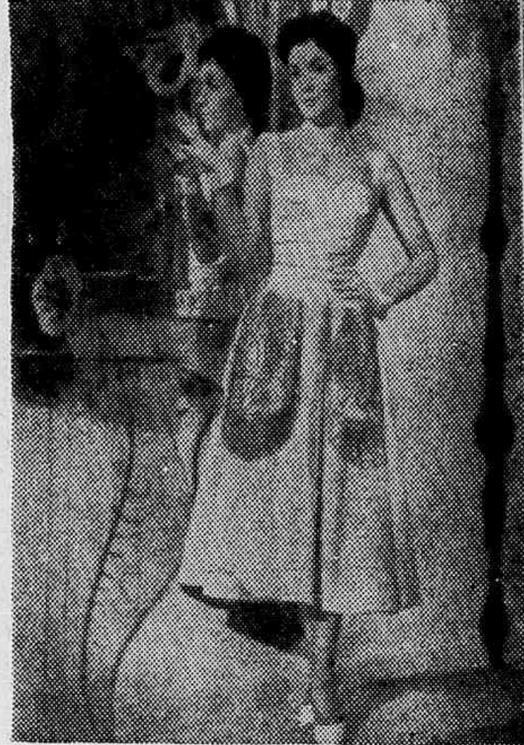


● De passagem para o Chile, o famoso escritor soviético Ilya Erehemburg, recebeu no aeroporto do Galeão manifestações de apreço de intelectuais brasileiros. Entre as pessoas que foram levar seu abraço ao autor de "A Tempestade" figurava o escritor tcheco Jan Drda, atualmente no Brasil.

● Esta é Marta Rocha, "Miss Brasil", que perdeu para uma representante norte-americana o título de "Miss Universo". Injustamente — dizem os entendidos.



● Antonella Lualdi é uma bela atriz italiana que se afirma. Aparece em um número cada vez maior de co-produções franco-italianas, nas quais tem oportunidade de demonstrar suas reais aptidões cinematográficas. Vimo-la recentemente em "A Sentença" e, ao lado de Daniel Gelin, em "Essas Mulheres".



● Gina Lollobrigida é uma das estrelas do cinema italiano mais em evidência no momento. Pelo seu magnífico desempenho no filme "Pão, amor e fantasia" recebeu o prêmio da melhor interpretação feminina.

CARTAS DO RIO

Cara amiga,

Acredite que um verdadeiro lote de novidade ocorre ultimamente nos quatro cantos da "cidade maravilhosa". Leia nossa revista e verá. Há uma delas, entretanto, sobre a qual falamos pouco, porque aconteceu quando nossa edição estava praticamente fechada: a visita ao Brasil de cientistas e engenheiros soviéticos. É um fato auspicioso, porque é necessário, mais do que nunca, em um mundo cheio de fricções, alargar as trocas culturais, aproximar os povos.

Os brasileiros demonstraram que sentem isso ao vivo pelas manifestações de simpatia de que cercaram, em São Paulo e no Rio, cientistas e engenheiros do grande país socialista. Nós, que não perdemos oportunidade de expressar, em nome de nossas leitoras, esse desejo de conagração, estávamos presentes a uma das muitas recepções em homenagem aos cientistas que vieram para o Congresso Mundial Contra o Câncer. Para lhe dar uma idéia das distinções de que foram alvo basta dizer-lhe que realizaram palestras na Sociedade de Medicina, no Hospital dos Servidores do Estado e que a imprensa do Rio os ouviu numa entrevista coletiva, transmitida

(Continua na pág. 4)



UMA ATRIZ

GLAUCE ROCHA,



Glauce sorri para os seus inúmeros fãs

QUE PRETENDIA SER MÉDICA

HAVIAMOS assistido ao "Rua sem Sol" e, como todos, ficámos impressionados com aquela jovem alta, de fisionomia expressiva, de nome até então desconhecido. E achamos que a sua história devia ser interessante. Resolvemos contá-la aos nossos leitores.

Fomos recebidas por uma jovem simples, sem vaidade, de voz suave e gestos lentos.

Contou-nos que nasceu em Campo Grande, Mato Grosso. Educou-se em Belo Horizonte, onde se formou professora primária. Seguiu depois para Porto Alegre, onde pretendia seguir a carreira de medicina. Apaixonou-se, porém, pelo teatro tendo começado como amadora no Teatro do Estudante.

ESTUDO E DEDICAÇÃO

Glauce é profissional há pouco mais de um ano. Estêve antes com o Teatro do Estudante, durante uns três meses. Estreou no Teatro Duse, na peça "João sem terra". Depois frequentou o Serviço Nacional de Teatro, onde estudou línguas. No Conserva-

Duas pôses de Glauce: à esquerda, como aparece em "Dona Xépa", enchendo o palco com seu expressivo encanto; à direita, aos 15 anos, quando sonhava ainda com a medicina.



tório Nacional de Teatro, do Rio, foi tomando contato com outras matérias e percebeu que estava apaixonada por teatro.

— Em que outras peças trabalhou?

— Tomei parte em "Abertura de um testamento", de José Maria Monteiro, em 1951. Depois, com Alda Garrido, trabalhei em "Mme. Sens Gene", ainda como aluna.

— Você só representa dramas?

— Não. Tomo parte também num grupo de teatro infantil, "Os Fabulosos". Representamos durante três meses a peça "O Gato de Botas", no Teatro Jardel, divertindo a garotada. Gosto muito dêsse trabalho.

CINEMA

— Como chegou ao cinema?

— Quando foi rodado aqui no Rio o filme mexicano "Aventura no Rio", com Ninon Sevilha, o falecido Fenelon procurou alguns artistas para fazer um teste. De uma turma de 80 convidados, só comparecemos eu e um rapaz. Com surpresa, depois de três dias fui chamada. Fiz uma "ponta" de 15 minutos para êsse filme.

— E no cinema nacional, como ingressou?

— Alex Vianny, êsse grande batalhador pelo cinema nacional, apreciou meu trabalho no filme mexicano e convidou-me para o "Rua sem Sol". Foi essa minha grande oportunidade. Tive o primeiro papel e fui muito bem recebida pela crítica. Fiquei extremamente comovida quando os críticos declararam que eu era "a revelação do ano". Eu nem quis acreditar, parecia-me um sonho.

— Quais serão seus próximos filmes?

— Estou contratada para trabalhar em "M'boi tatá", filme colorido, no qual também tomarão parte Vanja Orico, Dóris Monteiro e Milton Ribeiro. O filme será rodado no Triângulo Mineiro, mas só lá para o fim do ano. Também pretendo tomar parte em "Volta ao Mundo", de Vinicius Lima. O diretor também será Alex Vianny.

TELEVISÃO

— Fiz um programa de televisão em São Paulo, com Madalena Nichols, durante quatro semanas. Parece que agradei. Gostei da experiência. Nesses poucos anos em que me dedico a atividades artísticas, tenho recebido muito estímulo e apoio. Compreendo muito bem a responsabilidade que isso me traz. Por isso estudo bastante e tenho esperança de me tornar uma boa atriz.

— Você é modesta, Glauce — dissemos. Você é uma boa atriz, uma grande esperança para o teatro e cinema do Brasil.

MOMENTO FEMININO



Em sua residência, conversa com a repórter



Em "Rua Sem Sol", filme que a consagrou

revelação cinematográfica do ano

"DONA XEPA"

— Atualmente estou trabalhando com Alda Garrido, na peça de Bloch, "Dona Xepa", que tanto sucesso tem alcançado nesses dois anos de representação, sempre com a casa cheia. Há pouco festejamos o quarto centenário de representações e provavelmente iremos ao quinto. A peça tem agradado muito, tanto pelo conteúdo profundamente humano e contrário à guerra, como pela interpretação. Alda Garrido é um grande coração e ninguém melhor do que ela poderia interpretar "Dona Xepa".

— Que papel você desempenha na peça?

— Substituí durante algum tempo Samaritana Santos no papel de Rosália, a filha ruim. Depois voltei para o papel de Hilda, a noiva de Edison.

De nossa parte, que vimos "Dona Xepa" e Glauce no papel de Hilda, podemos afirmar que a jovem artista é realmente uma verdadeira revelação para o teatro e o cinema.

— Os artistas de teatro ganham bem? perguntamos.

— No nosso caso, podemos dizer que dá para viver, embora sem extravagâncias, numa época como esta. Os artistas, no Brasil, lutam com grandes dificuldades. Não é por acaso que muitas companhias boas se dissolvem. Em primeiro lugar, está a falta de apoio oficial e depois a falta de casas de espetáculos. São poucas as companhias que conseguem manter-se. As despesas são muito elevadas e embora o preço das entradas seja alto, não permite grandes lucros.

— E o cinema?

— Nosso cinema poderia desenvolver-se muito se tivesse apoio do governo. Temos bons artistas e diretores. Falta, porém, verba e outras facilidades. Há dificuldades de importar filme virgem e outras tantas dificuldades de exportação. É uma pena. Superados, porém, os obstáculos presentes, a nossa indústria de

cinema poderá concorrer com a de outros países mais desenvolvidos.

APOIO A CONFERENCIA LATINOAMERICANA DE MULHERES

— Glauce, lemos seu nome entre as personalidades que apoiaram a Conferência Latinoamericana de Mulheres. Desejamos que nos diga algumas palavras a respeito.

— Considero essa Conferência um acontecimento muito importante e de grande repercussão em toda a América Latina. Estou sempre ao lado de todas as iniciativas que visam à emancipação da mulher e à proteção da infância. Senti-me honrada com o convite que me fizeram.

FLÔRES DOS ADMIRADORES

Num vaso sôbre a cômoda estavam dispostas lindas flôres de ervilhas. Glauce contou-nos que elas haviam sido remetidas por um seu admirador, um jovem de 15 anos.

— Fiquei muito comovida, pois considero muito a espontaneidade e a sinceridade da oferta. Sei que a intenção do jovem foi justamente a de demonstrar sua admiração por meu trabalho em "Dona Xepa".

— :: —

Assim é Glauce Rocha, simples, inteligente, sensível e modesta.

É muito amiga de nossa revista. Contamos-lhe de nossas dificuldades para tirar regularmente MOMENTO FEMININO. Glauce prontificou-se a ajudar-nos. E, realmente, muito tem feito.

Agradecemos a bondade e compreensão dessa jovem de talento. E nos sentimos honradas com sua atenção e carinho.

RÁDIO: um pouco da vida de CARLOS GALHARDO

Carlos Galhardo nasceu no dia 24 de abril (não diz o ano), em São Paulo. Seu verdadeiro nome é Carlos Guagliardi (legitimamente paulista).

Dono de uma linda voz, Carlos Galhardo é hoje um dos "grandes" de nosso rádio. No entanto, começou sua vida como alfaiate e dizem que se hoje é um dos radialistas mais bem vestidos, deve-o ao profundo conhecimento que tem de como, onde e para que existem os encheamentos. Embo-

ra não precise muito de encheimentos pois tem uma boa estatura: mede 1,74 m. e pesa 78 quilos. Só o cabelo não o ajuda muito pois a testa fica dia a dia maior...

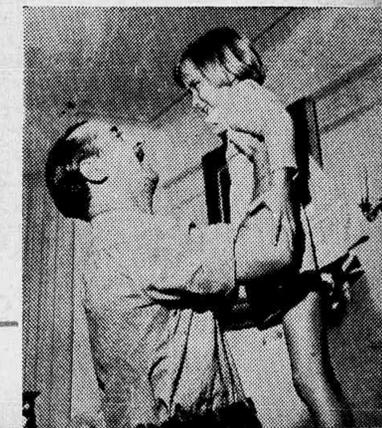
Galhardo iniciou suas atividades como cantor na antiga Rádio Educadora, e já passou pela Rádio Cajuti, Cruzeiro do Sul, Sociedade, depois Mayrink Veiga onde ficou durante muitos anos. Quando a Nacional começou a ser a "tal", Carlos passou-se para ela e hoje está nova-

mente na Mayrink. Foi considerado o "melhor" de 1953.

Seu primeiro sucesso musical foi "Cortina de Veludo". Já trabalhou no cinema, tendo participado dos filmes "Vamos Cantar", "Banana da Terra" e "Sob a Luz do Meu Bairro". Acredita no cinema nacional.

Para terminar, devemos ainda dizer que é solteiro, torce pelo clube da camisa vermelha, adora macarronada (como paulista que se preza) e possui vários cavalos no Tóquei Clube.

Carlos Galhardo



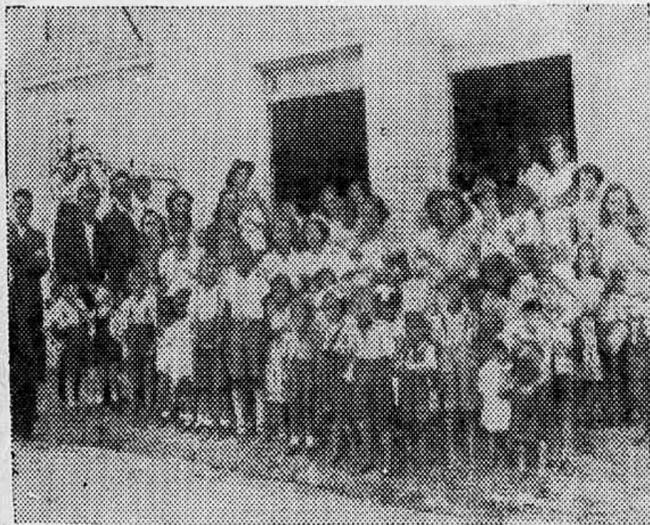
MOMENTO FEMININO

O QUE VAI PELOS ESTADOS

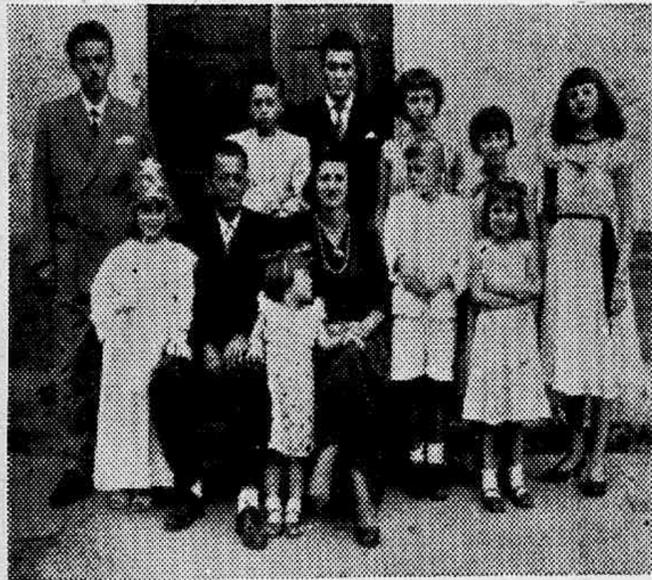


SOCIAIS DE MOMENTO FEMININO

- Breno e Bruno, filhos gêmeos de nossa amiga Amantina Moraes, de Santa Maria, Rio Grande do Sul, completaram 13 anos em 18 de março.
- Nádia Almeida Carvalho completou um ano no dia 16 de abril. É filha de Itala e Rafael de Carvalho. Distrito Federal.
- Vera Marina Fernandes completou 17 anos no dia 15 de junho. Distrito Federal.
- O casal Felipe Antônio Tarta e Ondina Perez Tarta, da cidade do Rio Grande, festejou suas Bodas de Prata no dia 27 de junho.
- No dia 23 de junho nossa colaboradora Lêda Sá festejou mais um aniversário.



Grupo de moradores de Santo André, durante a festa de Natal organizada pela União das Mulheres Democratas daquela progressista cidade paulista.



D. Clotilde Barbieri Ribeiro em companhia de seu marido, Sr. Jorge Ribeiro e de seus 10 filhos, no dia de suas Bodas de Prata. (Juiz de Fora, Minas).

★ ★ ★

Instala-se a Associação Feminina de Araraquara.



O QUE VAI PELOS ESTADOS

SÃO PAULO

CAPITAL — A Federação de Mulheres do Estado de São Paulo, que tem sua sede na Rua da Liberdade, 120, sala 3, realizou uma festiva reunião para comemorar a "Jornada Internacional da Infância". Foi programada uma palestra do Dr. Osvaldo Cavalcanti sobre "Higiene Infantil", uma sessão cinematográfica dedicada aos problemas da infância, bem como farta distribuição de balas e doces.

A Federação convidou todos os seus núcleos a comemorarem o Dia Internacional da Infância com palestras, conferências, exibição de filmes, festas etc.

RECITAL — O soprano Celina Guimarães Pellizzari realizou, em São Paulo, seu recital patrocinado pelo Clube dos Artistas. O programa constou de várias árias clássicas, música folclórica brasileira e "negro spirituals". A artista foi muito aplaudida.

★

SANTOS — A Associação Feminina Beneficente de Santos, com sede na Rua Braz Cubas, 258, possui cursos de corte e costura, alfabetização, bordados e enfeites de bôlo. Mantém ainda um posto de assistência médica. O posto médico e os cursos são inteiramente gratuitos.

★

SOROCABA — A Associação Feminina de Sorocaba realizou uma concorrida assembléa no dia 9 de maio em sua sede, na Rua Francisco Scarpa, 70. Nessa oportunidade foram apresentados vários números artísticos, muito aplaudidos por todos os presentes.

★

AMPARO — De nossa representante Maria Timóteo recebemos uma boa reportagem sobre a situação das operárias de Amparo. Informa-nos também nossa amiga que em Amparo está se formando uma Associação Feminina que já conta com 202 participantes que se empenharão por conseguir a efetivação do salário mínimo e o congelamento dos preços.

Oportunamente publicaremos a reportagem enviada. Pedimos à nossa amiga que nos mande fotografias de operárias.

★

ARARAQUARA — Num ambiente festivo inaugurou-se, no dia 1.º de Maio, a sede da Associação Feminina de Araraquara. Entre outras personalidades estiveram presentes a Sra. Eunice Catunda, Presidente da Federação das Mulheres do Estado de São Paulo, os Vereadores Orestes Pieroni Gobbo e José Gurgel e o jornalista João Evangelista Ferraz.

D. Hermínia Stucki, presidente da A.F.A., presidiu a reunião. A Sra. Olinda Othon Montanari, secretária da Associação, conclamou as mulheres de Araraquara a se unirem a fim de pôr um paradeiro à exploração do povo. Falando sobre as próximas eleições, pediu às mulheres que votem conscientemente a fim de eliminar os demagogos e escolher os verdadeiros amigos do povo.

Falaram depois os Vereadores Gurgel e Orestes Gobbo e a estudante Nirva Natera. A Sra. Eunice Catunda fez um relato da luta movida pelas mulheres em busca de uma vida melhor para todos os brasileiros e conclamou as mulheres da cidade a se unirem em torno da Associação Feminina.

Depois do discurso do jornalista Evangelista Ferraz foram apresentados vários números artísticos, com a colaboração de alunas da Escola de Ballet Mímica de Araraquara. A jovem Elide Maria recitou uma poesia de Castro Alves. (Na fotografia que publicamos, vemos um aspecto parcial da assistência e a Mesa Diretora dos trabalhos integrada pelas senhoras Eunice Catunda, Hermínia Stucki e Olinda Montanari e o jornalista João Evangelista. Ao microfone a estudante Nirva).

★

BAURU — De nossa representante Jorgelina Fernandes recebemos uma carta contando das lutas das mulheres de Bauru contra a carestia. Houve uma reunião no Sindicato dos Pedreiros, com a presença de várias senhoras. Os preços do arroz e do feijão estão subindo cada vez mais. O café tornou-se bebida de luxo. As mulheres de Bauru estão dispostas a lutar pelo congelamento de preços.

Mandem notícias.

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE — O Centro das Donas de Casa de Belo Horizonte realizou uma ampla reunião de protesto contra os aumentos das tarifas de luz, dos preços da gasolina, café e outros gêneros de primeira necessidade. Foi aprovado realizar uma campanha visando encontrar meios capazes de evitar as manobras altistas. No final dos trabalhos D. Célia Lobato, Presidente do Centro das Donas de Casa, fez um apêlo a todos os presentes no sentido de redobrar os esforços para combater a carestia. Ficou decidido enviar a Nova Lima uma comissão de associadas a fim de prestigiar o movimento contra a carestia que ali se verifica.

O Centro das Donas de Casa de Belo Horizonte deu seu apoio à Convenção pela Emancipação Nacional e enviou várias teses ao movimento.

★

MONTES CLAROS — A diretoria do Instituto Feminino de Montes Claros, escreveu-nos uma carta dizendo que instituíram MOMENTO FEMININO como órgão oficial da organização que visa defender os direitos da mulher e dos jovens. A diretoria é composta das Sras. Lení Maria Borges, Sebastiana Rosa e Silva, Vanda Machado, Josefa Pereira da Silva, Ruth Martins Moreira e Maria da Silva.

Desejamos os maiores êxitos ao Instituto Feminino de Montes Claros e agradecemos a honra que nos distinguiram.

★

ALAGOAS

RIO LARGO — Recebemos uma reportagem sobre as fiandeiras da Fábrica Progresso, de Rio Largo, Estado de Alagoas. Assim que dispusermos de espaço, publicaremos. Pedimos que nos mandem fotografias da operária Tercília da Silva e da casa onde mora, para ilustrar a reportagem.

★

MACEIÓ — Recebemos também uma relação de preços de gêneros de primeira necessidade, de Maceió, pela qual se verifica que a população local não pode sequer alimentar-se, tão altos estão os preços, enquanto os salários são baixíssimos.

Por essa razão as mulheres alagoanas procuram organizar-se para lutar pela sobrevivência de suas famílias ameaçadas de inanição, exigindo o congelamento dos preços.

Agradecemos a atenção de nossa representante.

★

ESTADO DO RIO

AUSTIN — A União Feminina de Austin realizou uma animada festa junina à qual compareceram cerca de 1.000 pessoas. Foram servidos os pratos tradicionais: cangica, batata doce etc. A União Feminina, dirigida pelas Sras. Audília Plo e Iraci Bispo, luta presentemente para obter um posto médico e escola pública em Austin.

Enviamos nossos votos de progressos.

★

CEARÁ

JUAZEIRO DO NORTE — Uma comissão de senhoras foi organizada com o fim de obter certos melhoramentos em Juazeiro. As necessidades são muitas: assistência médica gratuita, escolas, ajuda à infância abandonada, calçamento nas ruas, higienização, luz elétrica. A princípio, cinco senhoras tomaram as primeiras providências para exigir do Sr. Prefeito a instalação de luz na rua Santa Rosa. Depois de várias tentativas, foi, por fim, instalada a rede elétrica. Já então a comissão era composta de oito senhoras. Para festejar o acontecimento, houve uma festa em que a Sra. Sebastiana Severino Souza usou da palavra, mostrando que só com unidade as mulheres podem obter a solução dos seus problemas.

★

RIO GRANDE DO SUL

PÓRTO ALEGRE — A União Feminina de Navegantes realizou uma reunião festiva tendo a Sra. Clara de Souza declamado uma poesia de homenagem à União. Deixamos de publicar por falta de espaço.

MOMENTO FEMININO



E. Litvinenko, no papel de Marina

CINEMA

★ O destino de Marina

EKATERINA LITVINENKO, que participou da delegação soviética ao Festival de Cannes, é a figura principal do filme "Destino de Marina", que a fez de uma hora para outra bater o recorde entre as artistas a quem buscavam os caçadores de autógrafos, naquela cidade francesa.

Ekaterina Litvinenko é atriz dramática do Grande Teatro de Odessa e o filme "Destino de Marina" marca sua aparição no cinema. Declarou à reportagem, em Cannes, que para realizar com veracidade seu papel viveu vários meses em uma aldeia kolkosiana, para familiarizar-se com os costumes camponeses.

O filme conta a história de uma mulher kolkosiana a quem o marido abandona por julgá-la "inculta". Estimulado por ela, fazia estudos superiores em Moscou, onde decide casar-se com uma jornalista. Marina — que tem uma filha de 17 anos — dedica-se ao trabalho, reagindo com grande dignidade ao sofrimento que lhe causa a ingratidão do marido, a quem amava profundamente. Seus êxitos no trabalho conquistam-lhe o título de "Heroína do Trabalho Socialista" e seu nome se torna conhecido em toda a URSS.

Uma jovem jornalista — a mesma por quem se apaixonara o marido infiel — atraída pela fama de Marina, vai à aldeia para entrevistá-la. Interessando-se vivamente por essa bonita e serena mulher, pede-lhe dados sobre sua vida pessoal. E compreende tudo quando Marina lhe mostra seu retrato de casamento e lhe diz um pouco envergonhada: "Meu marido me abandonou". A jornalista responde: "Não, não a abandonou. Ele, sim, é que ficou sem você".

Nesse curto diálogo reside todo o sentido do filme: não é o drama de uma mulher abandonada, mas a história de uma mulher a quem novas condições de vida, uma concepção mais elevada de seus direitos, ensinam que uma decepção amorosa não marca o limite da vida nem a transforma em portadora de um estigma humilhante.

E isso se revela com mais clareza quando, algum tempo depois, o marido infiel se encontra em Moscou com sua antiga esposa, que é agora agrônoma de destaque. A ele, lhe havia saído tudo às avessas: foram-lhe mal os estudos, a jornalista recusou-se a desposá-lo. Pede a Marina que o perdôe, mas esta que encontrava em seu trabalho, na amizade do presidente do kolkos, em seus amigos kolkosianos, em sua filha, uma nova e autêntica felicidade, acha e m seu coração para com êste homem apenas um sentimento de lástima. E não aceita a reconciliação.

RIO MAGAZINE

e

SÃO PAULO MAGAZINE

As duas revistas máximas desta capital e de São Paulo
Circula entre mais de 80 mil leitores, mensalmente

MOMENTO FEMININO



Silvana Pampanini

Chegou a Roma, em viagem de recreio, o agente de seguros Elmer C. Leterman, cuja companhia já segurou os bigodes de Menjou, as pernas de Betty Grable e os pés de Carlitos. Opinando sobre as atrizes italianas, Elmer disse: "há uma da qual estou disposto a segurar qualquer coisa: Silvana Pampanini".



Miriam Nunes, em "Canto do Mar"

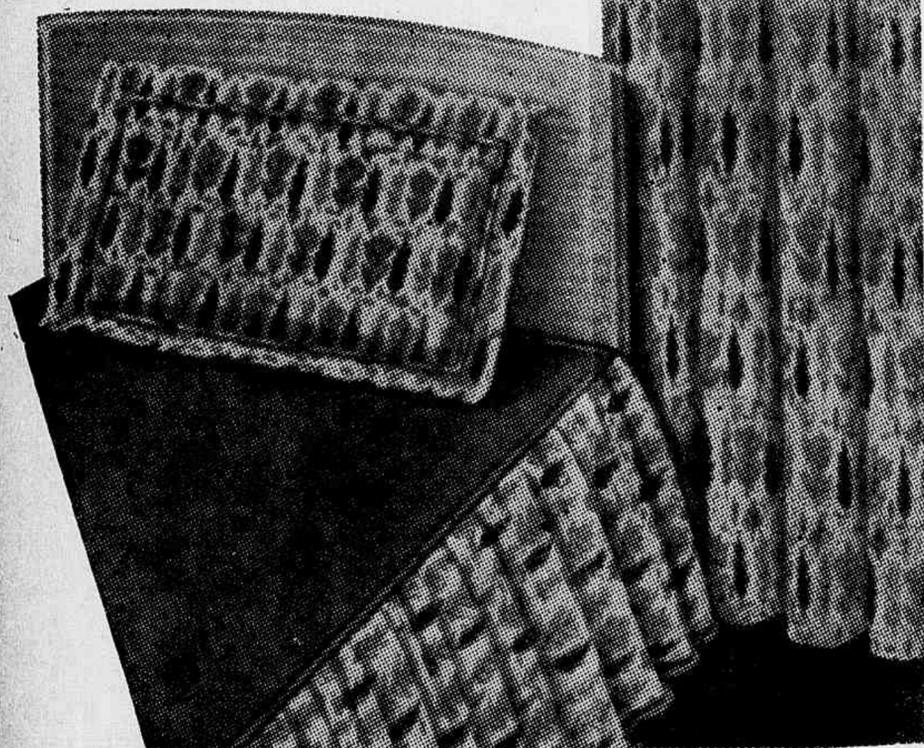
Em Karloi Vari, realizou-se um festival de cinema "Para a paz e união dos povos". O primeiro lugar, como melhor filme regional, coube a "Canto do Mar", realizado no Brasil, por Cavalcanti. Polônia, Tcheco-Eslováquia e URSS otiveram também prêmios, como melhores realizações pela paz e entendimento entre os povos.



Uma cena de "Luz Apagada"

O filme "Luz Apagada", com Maria Fernanda, Mário Sérgio e Fernando Vieira, que Carlos Thiré escreveu e dirigiu para a Vera Cruz, está sendo considerado pelo público brasileiro como a melhor produção nacional do ano. Numa votação organizada por uma revista de fãs desta capital, "Luz Apagada" já venceu as eleições do primeiro e do segundo trimestre deste ano.

Decoração



COMBINE AS CORTINAS COM A CAMA

Você pode dar um arranjo moderno e de efeito agradável no seu dormitório, fazendo as cortinas, fronhas e a barra da colcha de uma mesma fazenda estampada.

Escolha uma fazenda de cores firmes, molhe e passe a ferro antes de cortar, e modifique o seu quarto com esse arranjo que sugerimos. É muito prático, porque a fazenda é lavável, e o seu quarto terá um aspecto alegre e limpo.

Se você se mudou e as cortinas ficaram curtas para as janelas de sua nova casa, faça uma barra de fazenda estampada, combinando com as almofadas ou a colcha.

Nas lojas, você encontrará belíssimos algodões ou chintz de cores alegres e firmes. Procure combinar as cores lisas com as estampas da barra, que poderá ser franzida ou pregueada.



O BANHO E A BELEZA

Judite

O banho diário é indispensável para a beleza e a saúde. Especialmente num clima como o nosso, o banho é uma neces-

sidade diária.

Nos tempos de Cleópatra e Pompéia, as granfinas da época tomavam banho de leite de mula. Naturalmente, já faltava água... e sobravam as mulas.

Devem ser preferidos os banhos de chuveiro, frios ou quentes. Os banhos de imersão só devem ser tomados como repou-santes, antes de dormir.

Dantes de ir para o seu

banho, prepare todo o material necessário: esponja, escovas, sabão (de preferência, neutro), uma toalha felpuda, talco e, se gostar, água de colônia e desodorizante.

Proteja seus cabelos com uma touca de borracha. Use uma escova de cabo longo para esfregar as costas, e uma escova pequena para os cotovelos, joelhos, calcanhares e os pés; se tem calos, esfregue-os di-

riamente com pedrapomes.

Ao sair do banho, enxugue-se vigorosamente com a toalha até que a pele fique rosada e brilhante, estimulando assim a circulação do sangue. Quando estiver completamente enxuta, ponha o talco e a água de colônia.

Você se sentirá bem, com disposição para enfrentar um dia de trabalho ou para uma noite repousante.

LUIZ WERNECK DE CASTRO

ADVOGADO

Av. Rio Branco, 277, 9.º andar — grupo 902

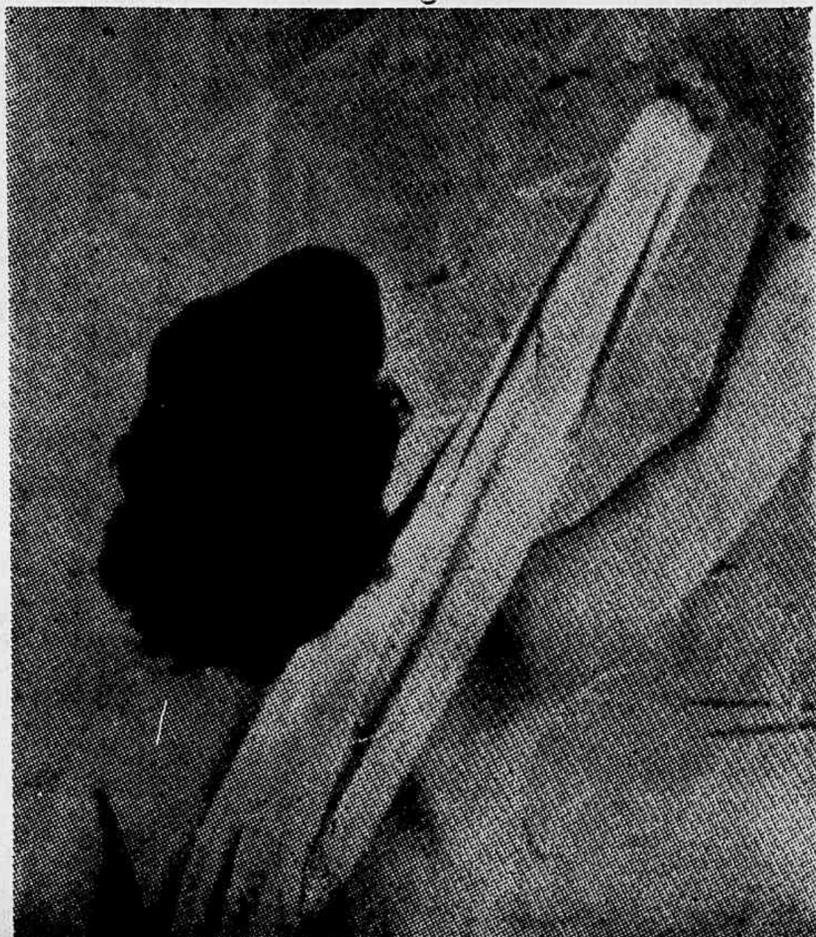
Diariamente das 12 às 13 e das 16 às 18 horas

FONES: 42-6864 e 42-9028

Exceto aos sábados

— CONSELHOS UTES —

- Para afiar tesouras, basta passar as lâminas repetidas vezes por um cristal ou gargalo de garrafa de vidro.
- Para devolver a maciez às solas dos sapatos endurecidos pelas chuvas, passe-lhes querosene com um pincel.
- Os tapetes de oleado durarão mais tempo se se tiver o cuidado de espalhar por baixo deles uma camada de serragem para absorver a umidade.
- Para diminuir o perigo de quebrar ou rachar as louças, basta colocar um pequeno tapete de borracha na pia.
- Para não correr o risco de escorregar dentro da banheira, coloque no fundo um tapete de borracha.
- Quando se tem dificuldade em destampar um vidro, despeje-se sobre a tampa algumas gotas de azeite: daí a alguns minutos faz-se nova tentativa, que é quase sempre coroada de êxito.
- Para limpar suas esponjas ou escovas, use água com vinagre.





ALDA GARRIDO

TEATRO

"DONA XÊPA" (peça de Pedro Bloch), que teve em Alda Garrido uma intérprete genial, recebeu de nossa redatora Nair Batista, a seguinte carta:

UM BEIJO PARA DONA "XÊPA"

Permita-me, dona Xêpa, que eu deposite em suas mãos maternais o meu mais respeitoso beijo de mulher.

Cria-me dona Xêpa, como você, são tôdas as mulheres simples do mundo, porque no coração de cada mulher que ama jamais se extinguirá a meia ingenuidade de menina diante das maldades do mundo, aquêlê perdão infinito diante da incompreensão e do ódio, aquêlê orgulho infantil pelo filho que aprendeu a falar corretamente um idioma estrangeiro.

Tôdas as mulheres simples do mundo são como você, amiga: Quando amam, transformam-se até de provincianas em mundanas, tudo perdoam, contornam tôdas as situações para fazer felizes aqueles que amam. Sim, dona Xêpa, quando se trata de afeto e de sentimento, de que sacrifícios não são capazes as mulheres como você! Serão capazes de calçar sapatos altos e apertados sôbre os joanetes, serão capazes de fumar longas piteiras, serão capazes de aprender a falar corretamente o francês e freqüentar os jantares das embaixadas pronunciando pernôsticamente "Picassô".

Você sabe, dona Xêpa, que, por amor aos filhos, as mulheres são capazes de tudo. Aqui mesmo no Brasil, houve uma mulher de bondade inigualável que, por amor ao filho, perseguido e injustiçado, atravessou oceanos, encontrou-se com reis e estadistas, chegou até a falar em comícios. Os poetas chamaram-na a Madre Heróica. Seu nome era Leocádia.

Escute, dona Xêpa, já chegou, porventura, até a sua casa simples, a notícia de que, no mês dos balões brasileiros, milhares de mulheres, seguindo o seu exemplo, resolveram reunir-se numa cidade distante chamada Copenhague? Essas mulheres vão falar tendo por palco o cenário da própria vida, tendo como assistência a tôdas as pessoas do universo. E como essas mulheres se sentiriam felizes se você estivesse entre elas repetindo aos filhos de todas as mulheres do mundo as palavras que, com tanto amor, soube dizer a seus dois filhos!

Escute, dona Xêpa, como a senhora, há hoje milhões de mulheres capazes de dizer, mesmo a um filho querido, a única palavra tão difícil de pronunciar: "Não". E você, dona Xêpa, tão brasileira e tão universal, tão materna e tão humana, como você sabe dignificar ainda mais a maternidade ao dizer "não" ao filho amado, àquele que era a razão mesma do seu orgulho e de sua felicidade, àquele por quem você vendera o seu último bem e no exato momento em que a fortuna lhes batia à porta, acenando-lhes pérfidos triunfos à custa de um invento que levaria a morte e a destruição a outros lares! Seu coração bondoso viu as crianças de sua vila jamais cantando o "cai-cai-balão" da infância nossa, viu morto o bigodudo português da venda da esquina, tão seu amigo, viu morta a vizinha bisbilhoteira, tôda a pequena humanidade suburbana que se espraia até alcançar, no outro lado do mundo, aquela criança que já morreu em Hiroshima, e aquela outra que o invento de seu filho mataria numa vila distante e desconhecida por você.

Pelo beijo depositado pelas mães na cabeça do filho pequenino, pelas cantigas de ninar de todos os povos, pelas cirandas brasileiras nas noites de lua, pelo violão ceresteiro enchendo os ceus com as modinhas de amor dos nossos trovadores, por tudo que sua alma simples e boa aprendeu a amar, você, mulher brasileira, é capaz de dizer "não" à guerra, você é capaz de despedaçar o seu próprio coração de mãe! Você é capaz de deixar a pompa da cidade e o ambiente de snobismo em que o ouro poderá vir a conduzi-la para voltar à vida humilde da sua aldeia. Você preferirá tornar a ser uma bondosa dona Xêpa amada pelas crianças soltando balão e brincando de roda!

E quando os fogos de artifício iluminarem de beleza e de algazarra a noite tão caracteristicamente junina e brasileira, você sorrirá tranquila porque o invento de destruição e de morte não cairá jamais sôbre os berços onde as mães já abençoaram os filhos adormecidos, sôbre os leitos onde os casais se amam, sôbre a fonte que, lá fora, continua rumorejando e cujas águas são ainda sorvidas sem receio de que guardem filtros assassinos.

MOMENTO FEMININO

EDUCAÇÃO DO HOMEM E EDUCAÇÃO DA MULHER

MARIA GUERRA

NASCE um menino ou nasce u'a menina. As reações que provocam nos pais são bastante diferentes. Não estamos falando aqui das preferências que êstes teriam por um ou outro, falamos das reações de caráter educacional que se revelam imediatamente nos planos relativos ao futuro da criança.

Desde o início se evidenciam dois objetivos diferentes para a educação desses recém-nascidos de sexos diferentes e, objetivos diferentes acarretam métodos, exigências, aspirações também diferentes.

Nem é preciso dizer que, na sociedade em que vivemos, o menino é mais valorizado que a menina. Muitas mães darão para isto a desculpa: quero ter filhos homens para não haver no mundo criaturas infelizes a mais.

Isto não é verdade. As mulheres não são criaturas infelizes. Infelizes são as condições de vida que elas têm encontrado durante séculos, quando os seus direitos, se existem, existem apenas no papel.

Consideremos, porém, a realidade. Desde o início da vida, certos pais e o que é mais grave ainda, certas mães, tomam certos pesos e certas medidas para filhos e filhas.

O que para um é natural e louvável, para a outra é impossível e condenável; o que é qualidade num, é defeito na outra.

Se o menino é indisciplinado, as mães têm a tendência de considerá-lo varonil, se êle é exigente, autoritário, sentem-se felizes porque saberá vencer na vida; se êle se aproxima do tipo do autócrata caseiro, elas também não protestarão.

E aí do menino que manifestar tendências "maricas", que auxiliar a mãe no trabalho caseiro, que não corresponder ao ideal de "masculinidade", as mulheres serão as primeiras a apunhá-lo.

Fácilmente verificamos que para a menina tudo será considerado ao contrário. Desobediência e indisciplinada não constituirão provas de "feminilidade", o autoritarismo e a exigência serão também contrários ao ideal de "doçura", próprio à mulher. E assim por diante.

Por um lado as próprias mulheres preparam com extraordinário afã e carinho os futuros maridos, tantas vezes autocráticos e despóticos, de suas filhas; por outro lado, lamentam a sorte destas, considerando-as predestinadas à infelicidade, como se tal predestinação fôsse possível.

Precisamos lembrar ainda que o ideal da mulher passiva, indecisa e doce é tão caro aos que orientam o mundo para a guerra, como o ideal do homem agressivo, violento e despótico.

O desejo persistente de confinar a mulher ao lar, de desligá-la da vida social, de colocar em oposição a sua condição de mãe e a sua condição de cidadã, faz também parte do plano educacional geral da sociedade em que vivemos.

A mulher-boneca seria o ideal desta ordem social, se não fôsse necessária a mulher-mãe.

E' preciso notar porém que esta mulher-mãe não corresponderá nunca à sua função de educadora enquanto não fôr mulher-cidadã, enquanto não participar da vida social pelo seu trabalho e pela atividade em prol da Paz e de suas reivindicações.

Existe uma condição de nossa vida que age fortemente no sentido de expulsar a mulher da vida social. Esta condição é a ausência de instituições em que pessoas especializadas e responsáveis ajudem a mãe a educar os filhos.

Porém, se a realidade é esta, devemos lutar contra ela, não só através de reivindicações, como criando na própria família condições que facilitem o afastamento da mãe de casa, sem que isto acarrete o abandono dos filhos. A colaboração de todos os elementos da família — pais e filhos, é necessária para que cada um dêles possa realmente viver uma vida completa.

A organização inteligente da família é um problema muito importante não só porque torna mais fácil a vida da mãe, como principalmente porque possibilita a educação de finos e filhas dentro de normas que os levam à participação da vida social.

Quando todos os membros de uma família colaboram, na medida de suas forças, para a sua manutenção e unidade, através de uma contribuição em trabalho, ela se transforma numa pequena coletividade — forma de organização superior ao caos que geralmente reina nas famílias em que a mãe é uma quase escrava dos filhos ou em que êstes não têm voz ativa.

Somente educando as crianças dentro de um espírito coletivo, dando-lhes desde cedo o senso de responsabilidade, estaremos formando cidadãos e não homens e mulheres aos quais apresentamos exigências morais completamente diversas.

ADVOGADO

DR. LETELBA RODRIGUES DE BRITO

Rua Alvaro Alvim, 24 — Tel.: 52-4295 — D. F.

Para você, dona Xêpa, o meu melhor beijo de mulher, em nome de tudo quanto a vida tem de belo, do sabiá laranjeira cantando de madrugada, do apito da fábrica falando de trabalho e de luta, da pôça d'água na rua vilareja refletindo paisagens singelas, da capelinha azul e branca no êrmo da estrada, em nome de tudo que é tão brasileiro e tão humano, receba o meu beijo de amor à vida, à beleza e à Paz!

N. B.

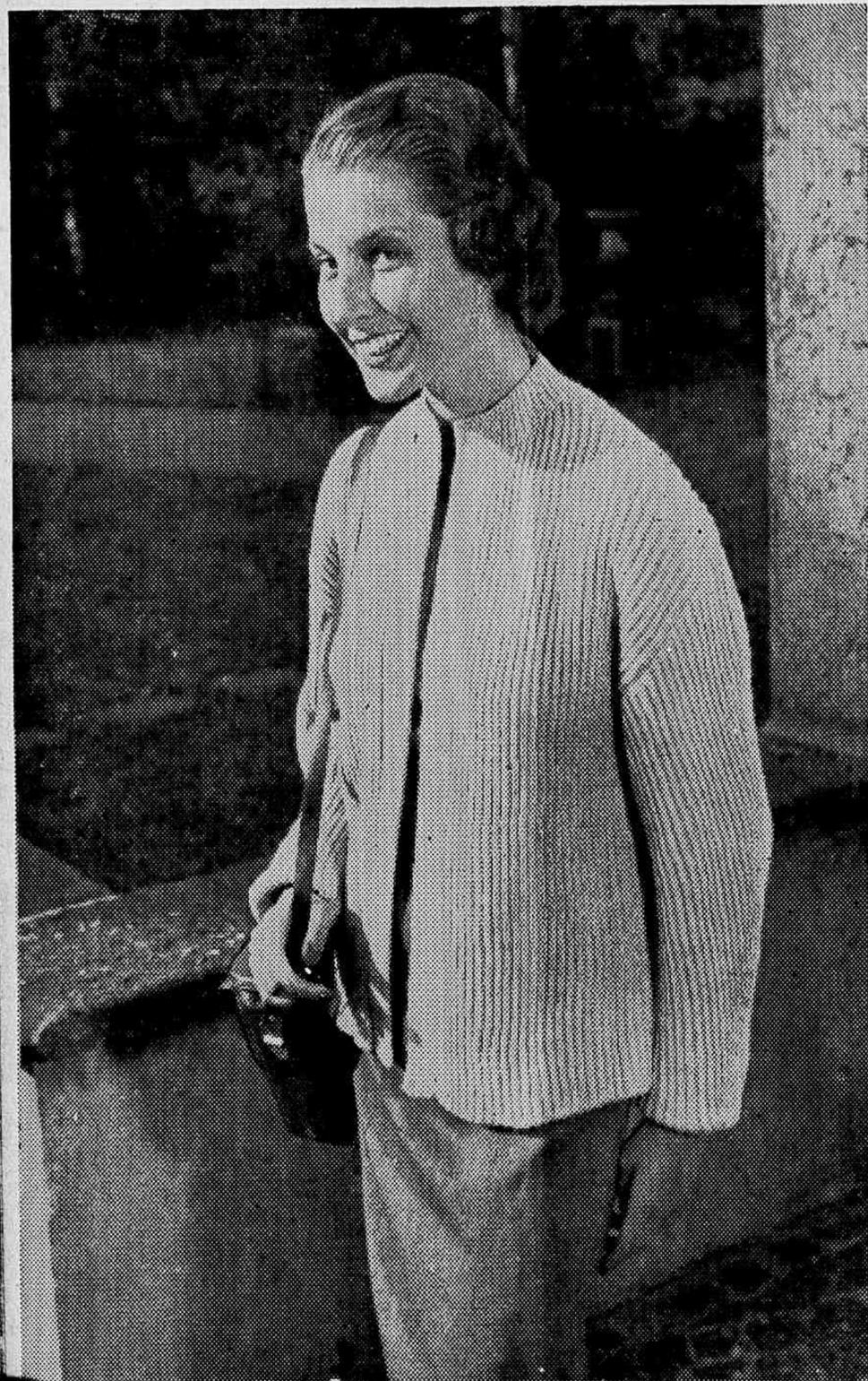
ELEGÂNCIA FEMININA

O SÍMBOLO DAS PÉROLAS

DE VERNON

"Encarceradas na rósea concha..." disse delas o poeta, mas esqueceu-se de acrescentar que só são libertadas para novamente ser aprisionadas em colares, pulseiras, etc., e enfeitar e ser enfeitadas pelas mulheres.

As pérolas, que tradicionalmente simbolizam a descrição na elegância feminina, já conheceram outros períodos de glória, mas nunca como agora. Antigamente, eram o privilégio de umas poucas felizardas que podiam se dar ao luxo de possuir um fio delas, talvez dois, e só. Mas, atualmente, com a descoberta da cultura de pérolas, e também com o aperfeiçoamento na confecção das artificiais, a mulher moderna pode usá-las em profusão, enroladas em vários fios, no pescoço, nos braços, ou cascadeando em brincos imensos. Ao contrário de outras pedras preciosas que, usadas em excesso podem resultar prejudiciais à elegância, a pérola conserva sempre o seu tom sóbrio e discreto.





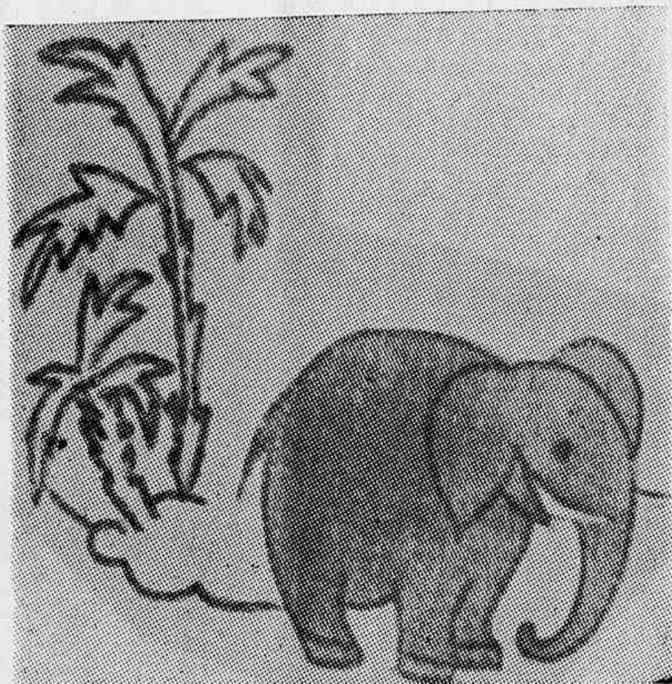
Para estes últimos dias de inverno, está muito em moda usar estolas que agasalham e dão um toque elegante à sua toaleta.



A direita, apresentamos modelinhos para suas meninas. Para o inverno, os vestidos podem ser de lãzinha e os boleros de flanela. Em baixo, bonitos riscos para enfeitar as roupas de seus filhinhos. O bordado é aplicado.

4 Sugestões de "M. F."

- Para a primavera que se aproxima, um lindo casaco de tricô.
- Para as tardes, uma blusa simples e original, de mangas pregueadas.
- Muito simples e muito em moda, uma sugestão para o seu "tailleur".
- Em "jersey de lã", o modelo abaixo é ideal para fim de estação.





Sras. Madalena Pereira da Silva, presidente da União Feminina do Morro do Pasmado; Maria Mendes de Castro Oliveira, secretária, e Augusta da Silva, tesoureira.

“Momento Feminino” sobe o morro

Reportagem de
ETHEL DE SOUZA

SÓBRE O TÚNEL DO PASMADO QUE CUSTOU MILHÕES CRESCE UMA FAVELA ONDE VEGETAM OITO MIL PESSOAS — PRO DÍGIOS DE EQUILÍBRIO: OS FAVELADOS, GRANDES ENGENHEIROS ANÔNIMOS — LIXO EM ABUNDANCIA, CRIANÇAS TAMBÉM — A UNIÃO DOS FAVELADOS

A manhã era esplêndida de sol. O ônibus corria veloz pela pista asfaltada da Praia de Botafogo. Saltamos depois do novo e magnífico túnel do Pasmado. Olhamos as redondezas. Mulheres, homens e crianças com latas d'água, subindo ou descendo o morro, a passos largos, sem perder uma gota do precioso líquido. Grandes acrobatas, pensamos.

Depois de alguns metros de escalada — o Morro é íngreme e a “escada” é natural, formada por milhares de pés dia a dia — paramos para respirar. Alguns meninos olharam-nos, um ar irônico: essas “macamas” são umas fracas...

Não tivemos coragem de responder. Fomos subindo. A paisagem que dali se descortina é magnífica. Palmeiras enormes, a avenida asfaltada, carros velozes rebrilhando ao sol, ao longe outros morros verdejantes, a igreja de Santa Terezinha, encravada junto ao túnel do Leme.

MUITO LIXO — MUITAS CRIANÇAS

Por toda a parte surgem crianças às dezenas. Idades indefinidas, fisionomias iguais. A maioria de pretos e mulatos, descalços, maltrapilhos, imundos, correndo e saltando no meio do lixo. O mau cheiro é insuportável, não há esgotos, a água vem de uma única bica lá embaixo.

Chegamos ao barraco de D. Maria Mendes de Castro Oliveira. Estava doente, de cama. O marido trabalha na Light e ela é lavadeira. Têm um casal de filhos na Escola Pública.

Compraram o barraco por Cr\$ 8.000,00. O “dono” deu-lhes um papel que não representa nenhuma garantia.

— O dia que a Prefeitura quiser pôe a gente p'ra fora. — informou-nos D. Maria. E para onde é que nós vamos?

— Bem ou mal, a gente vai vivendo. O pior daqui é não termos esgoto. Conseguimos há pouco uma bica d'água por intermédio do Vereador Henrique Miranda. Antes não havia nada.

— E o lixo? Isso pode trazer muitas doenças — dissemos.

— Alguns jogam o lixo num descampado que tem lá atrás

e depois queimam. Mas outros jogam tudo por aí mesmo. A Saúde Pública nunca vem aqui.

— E quando chove como é que conseguem subir e descer o morro? — perguntamos alarmadas.

— E' triste quando chove. Precisamos de calçamento. Muitas pessoas caem e se machucam seriamente.

UNIÃO FEMININA NO MORRO

Acompanhadas da Sra. Alice Gurstin, da Associação Feminina do Distrito Federal, fomos até o barraco de D. Madalena Pereira da Silva, Presidente da União Feminina local, fundada em princípios do ano.

São duas peças pequenas, escuras, teto baixo. Ali moram 5 pessoas. Pelas paredes, muitas gravuras de santos. O mau cheiro entrando pelo buraco da “janela”. E' muito pior a situação dos demais barracos.

— Temos uma lista com duzentas assinaturas pedindo uma Escola de Madeira para o Morro e uma barraca do SAPS. A senhora não imagina que sacrificio é ir lá embaixo comprar as coisas e ainda mais pelo preço que estão.

— Conte-nos alguma coisa de sua vida, D. Madalena.

— Sou baiana, vim para cá com 8 anos. Trabalhei como empregada doméstica durante muitos anos. Agora sou lavadeira e vou lutando para criar minha filha. Moro há 13 anos neste Morro. Quando vim para cá só tinha uns dez barracos. Agora é isso que a senhora vê.

— O barraco é seu? A senhora não paga nada?

— Pago, sim senhora. Cr\$ 50,00 de aluguel de chão, todo o mês. Não tenho direito a nada. Se eu quiser sair daqui tenho que levar o barraco. Não posso vendê-lo porque o chão não é meu.

— Quem cobra êsse aluguel? A senhora tem recibo?

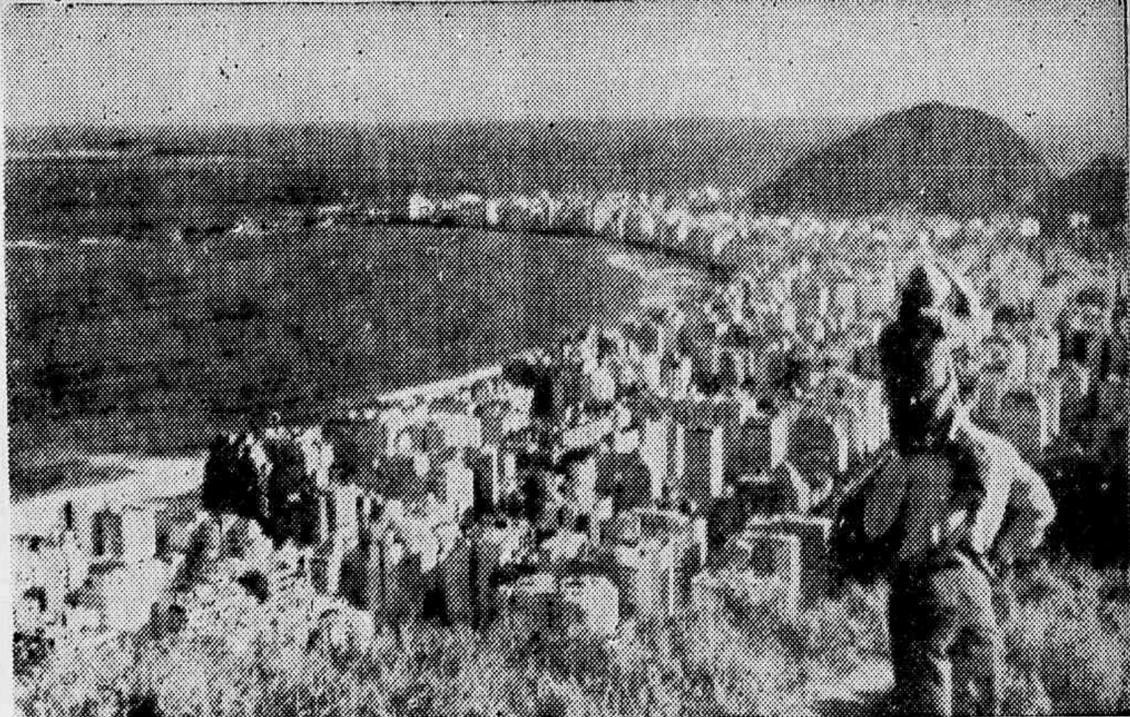
D. Madalena mostrou-nos um recibo passado por Bernardino Vinhas. Ficamos conhecendo essa coisa estranha: aluguel de chão. Coisas que existem nesta “cidade maravilhosa”.

Um grupo de moradores do Morro do Pasmado — Fotografia tomada depois de uma assembléia da Associação Pro-Melhoramentos do Morro, na qual aparece o vereador Henrique Miranda entre associados e membros da Diretoria da Associação.





Rio de Janeiro, cidade dos contrastes. A direita, os arranha-céus vistos do alto. Acima, o morro, com a favela, visto cá de baixo.



CR\$ 120,00 POR MÊS

— Sou sòzinha no mundo. Vim de Minas no tempo da "espanhola". Não sei o ano. Sou muito doente mas tenho que trabalhar assim mesmo, como cozinheira. O que me vale é a bondade das vizinhas. Tôdas me ajudam. Às vèzes ganho comida da igreja.

— A senhora está sem trabalho?

— Vou cozinhar na casa de uma "madama" uma vez por semana. Ela me dá Cr\$ 100,00 por mês. Ganho mais Cr\$ 20,00 por fora, que já dá pro aluguel do "chão".

D. Augusta da Silva, é êsse o seu nome, tem a pele tôda manchada devido à doença. Diz que tem 49 anos, mas não sabe ao certo. É Tesoureira da União Feminina e acha que só unida a população do Morro conseguirá alguma coisa melhor.

CADA HISTÓRIA, UM DRAMA

O pobre barraco foi-se animando, chegou outra vizinha, a filhinha pela mão. D. Maria da Conceição da Silva, mora há dez anos no Morro, paga Cr\$ 60,00 de "chão". Trabalha por hora, das 8 às 12, ganha Cr\$ 20,00 por dia. O marido está desempregado há mais de quatro anos. Arranja biscates de vez em quando.

— O que vale é que o meu filho mais velho é sapateiro aqui no Morro e sempre tem trabalho...

Veio do Estado do Rio, há muitos anos, na esperança de uma vida melhor. A saudade da vida do campo se manifesta nas pobres latas com plantas viçosas por todo o canto e gaiolas com passarinhos cantadores.

"QUEM TEM NÃO DEIXA VIVER QUEM NÃO TEM"

Cabelos escorridos, o rosto largo de nortista, o garotinho de 4 meses no colo, D. Maria Sabino de Andrade também se aproximou. Veio de Pernambuco, num "pau de arara", há dois anos, com tôda a família composta de 9 pessoas, entre elas o pai velho e doente.

— Tenho 31 anos e já tive seis filhos. Vivos, só tenho 3.

— De que morreram os outros?

— Sei lá. Pobre não sabe de que morrem os filhos. Foi só eu sair um pouco e voltar para ver o filho morto. Miséria. A gente trabalhava na terra do dono mas não podia plantar nada p'ra nós. O que a gente ganhava não dava p'ra comer. Viemos embora, o pai doente, agora estamos lutando p'ra viver aqui. Meu marido arranjou um emprêgo de porteiro num edifício mas na carteira está registrado como servente. Ganha Cr\$ 1.200,00 e nós somos 8 agora lá em casa. Meu irmão é quem ajuda.

— Viemos para cá porque no norte quem tem não deixa viver quem não tem. Mas aqui é a mesma coisa. Sou serralheiro de profissão e arranjei um emprêgo. Dá para ajudar um pouco o pessoal.

Um rapaz desempenado, com 23 anos, o rosto franco, ar decidido, irmão de D. Maria Sabino foi quem nos disse isso.

— Isso está tudo errado, dona. Não pode continuar assim.

ASSOCIAÇÃO PRO-MELHORAMENTOS DO MORRO DO PASMADO

Continuamos subindo o Morro. Lá no alto, num terreiro batido, estava instalado um palco rústico, com alto-falante, coberto de latas e fôlhas de zinco. Ali se realizava uma assembléia da Associação Pro-Melhoramentos do Morro. Em pouco tempo apareceu uma multidão, na maioria crianças. O Vereador Henrique Miranda, a quem a população deve a instalação da bica d'água, estava cercado de amigos.

O Sr. Sebastião Saturnino presidiu os trabalhos. A Diretoria é composta pelos Srs. Antônio Xavier, José Silvestre Filho, Floresvaldo Oliveira, Aguardêncio Cabral, Nilton Bento, Sebastião Hermógenes, Álvaro Gonçalves e outros.

Muitas resoluções importantes foram tomadas: fazer um encanamento e erguer um reservatório, novas bicas; adquirir novo registro de luz que será administrado pela Associação; construir a sede da Associação e reorganizar o Departamento Recreativo e Esportivo.

A população do Morro do Pasmado está decidida a viver como gente. Pelas próprias mãos.

(Conclui na pág. 31)

Nem sempre a favela fica no morro. Perto da Lagoa Rodrigo de Freitas, um dos pontos mais lindos desta "cidade maravilhosa", fica a Praia do Pinto. Recentemente seus moradores acordaram dentro d'água, como se vê na fotografia. Sômente com a ajuda da União Geral dos Favelados é que conseguiram do Prefeito a dragagem do canal que lança na Lagoa os detritos da favela.



★ ★ ★ Estas cousas diriam os Bebés Se pudessem os Bebés falar... ★ ★ ★

Mãezinha, não exagere com a minha comida. Quando eu recusar a mamadeira, é porque há razão para isso. Não insista nem queira me ver gordo como um capado. Lembre-se de que gordura nem sempre é sinal de saúde. Não quero ficar feio e pesado de banha. Faço questão de ser elegante.

—:0:—

Não se esqueça de me dar uns golinhos d'água entre as refeições. Tam-



bém sou gente, sinto sede. Caldinho de laranja ou de limão também é gostoso e tem vitamina C.

—:0:—

Mamãe, naturalmente você já esqueceu de que é muito desagradável ficar com a fralda molhada. Enquanto está quentinho, vá lá. Mas quando esfria, é de amargar. Não é atôa que eu grito e esperneio quando estou molhado. Além disso, sou um garoto que gosta de higiene. E também detesto irritações na pele devido ao... molhado.

—:0:—

Ei! nada disso! não é só trocar de fralda com essa pressa tôda. Limpe-me direitinho com um algodão molhado depois ponha talco. Se eu achar de... molhar outra vez logo em seguida, paciência. Recomece tudo. "Ser mãe é sofrer num paraíso."

—:0:—

Escute, mãezinha. Divida o trabalho que lhe dou com o papai. Esse negócio de dizer que papai não tem jeito, é conversa. Ele aprende. E é até mais divertido quando papai me dá banho. Ponha o "velho" a trabalhar.

—:0:—

Não, não me sacuda dessa forma! Não sou de borracha. Essa brincadeira às vezes acaba mal. Afinal, para demonstrar o seu amor, não é preciso me massacrar assim. Olhe-me apenas com amor e ficarei satisfeito.

Couzas que acontecem

● A CIÊNCIA VENCE A MORTE

O Dr. Negovsky, da Faculdade de Medicina de Moscou, já conseguiu reanimar cerca de 900 pessoas declaradas mortas após exame clínico. O sistema do cientista é utilizado nos casos de morte por síncope cardíaca ou por choque operatório e consiste na aplicação de um aparelho respiratório artificial e de uma injeção de sangue, adrenalina e glicose diretamente no coração. A intervenção realiza-se seis minutos depois do paciente ter "cessado de viver" e as pulsações do coração recomeçam dois minutos após. O Ministério da Saúde Pública soviético ordenou a utilização do método em todos os hospitais da URSS.

● A PREDIÇÃO DE FAROUK

Comentando melancolicamente a situação da realza nos tempos que correm, o ex-Rei Farouk afirmou: "Até o fim deste século só restarão cinco reis no mundo — o da Inglaterra e os quatro do baralho".

● PROGRAMA ESPECIAL

Na França, uma estação de rádio teve a idéia de transmitir um parto processado pelo novo método soviético — agora adotado na maioria dos países da Europa — que exclui por completo a dor. Assim, 40 milhões de ouvintes puderam "assistir" pelo rádio, todas as fases do parto, a voz do médico dando

instruções de movimentos de ginástica à futura mãe, os comentários das enfermeiras e, finalmente, o momento emocionante em que se fez ouvir o primeiro grito do recém-nascido.

● DEMONSTRAÇÕES ANTI-AMERICANAS

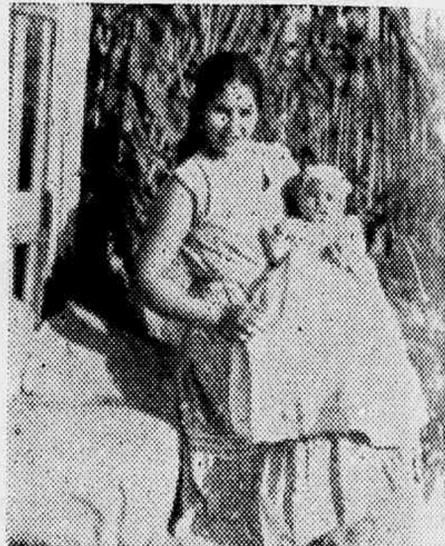
A revista norte-americana "News-week", constata que uma violenta onda de anti-americanismo varre a América do Sul, desde o caso da Guatemala. Entre outras manifestações cita: no Chile, o povo queimou a bandeira americana em praça pública. No Uruguai, estudantes fizeram uma greve de 24 horas e apedrejaram a Embaixada Americana. No Equador, iniciou-se o alistamento de voluntários para defender a Guatemala. E no México, considerado um barômetro da América Latina, na porta da Embaixada dos Estados Unidos foi depositada por populares uma coroa funerária "em memória da política de boa vizinhança".

● VISÃO NA NEVE

Ao que afirma Sir John Hunt, chefe da expedição que venceu o Everest no ano passado, o "Abominável Homem da Neve" (espécie de criatura colossal, remanescente de outras eras) realmente existe. "Vi suas pégadas nas encostas da montanha", declarou o explorador. Sir John Hunt recebeu recentemente em Moscou, o título honorário de "Montanhês soviético".



Ao alto o Sr. Jorge Corrêa, professor da Escola de Música Francisco Alves, que executou com maestria lindos números de violão. Em baixo, Gení Calazans que cantou e dançou em nossa festa de Cascadura, recebendo entusiásticos aplausos da assistência.



Stelinha Egg, quando interpretava na festa de Botafogo uma de suas lindas composições.



MOMENTO FEMININO

Nosso 7º Aniversário

TANTO NA ZONA NORTE COMO NA ZONA SUL COMEMOROU-SE FESTIVAMENTE MAIS UM ANO DE "MOMENTO FEMININO" — NÚMEROS DE CANTO, DECLAMAÇÃO, DANÇAS, DOCES E SALGADINHOS — PALAVRAS ENCORAJADORAS À NOSSA REVISTA — "A VITÓRIA SERÁ DOS FORTES E NÃO DOS FRACOS", DIZ STELINHA EGG — GENI MARCONDES: "É DE GRANDE IMPORTANCIA PARA TÓDAS AS MULHERES UMA REVISTA COMO "MOMENTO FEMININO" — NOVOS AMIGOS

COMEMORANDO nosso 7.º aniversário, amigas e amigos de nossa revista organizaram duas festas no Distrito Federal: em Cascadura, na zona Norte, e em Botafogo, na zona Sul.

Ambas foram muito concorridas, transcorrendo em ambiente alegre e cordial. Em Cascadura, além de um animado baile, houve números de canto e dança. O Sr. Clemente de Oliveira dirigiu o "show" e foi o animador da festa. Constantino, nosso grande amigo, levou seus filhos Rita, Ruth, Rosa, Regina e Lourival que cantaram e tocaram instrumentos com grande sucesso. Irma Solange cantou vários números. Geni e Lena cantaram e dançaram. Jorge Corrêa, professor da Escola de Música Francisco Alves também prestigiou a festa. O popular Gravatinha, que chegou recentemente de uma vitoriosa excursão à Europa, apresentou diversos números. Os Srs. Feliciano Granja e Amaro Ferreira deram grande apoio à festa.

Foram servidos doces, salgadinhos e bebidas. A Sra. Zenalde Moraes, Redatora-Chefe de "Momento Feminino", fez uma ligeira palestra sobre nossa revista. Houve ainda um leilão animado. O baile prolongou-se por várias horas.

NOVOS AMIGOS PRESTIGIAM NOSSA REVISTA

Em Botafogo, o 25 de julho também foi homenageado em ambiente cordial e alegre. Estavam presentes: Glaucê Rocha, Stelinha Egg e o maestro Gaya. Roberto Braga, Geni Marcondes, Edino Krieger, Modesto de Souza, Deputado Fernando Lobo Carneiro, jornalista Bercellino Maia Samaritana Santos, Carlos Cotrim, Badu, que animou nosso "show", vários artistas do grupo de Teatro Infantil "Os fabulosos", Sra. Cristina Pereira e a pianista Maria José Moraes, de Manaus, Conceição Funes Portugal, de Carangola, Minas Gerais, a Sra. Iolanda Fernandes, do Chile, as delegadas à Conferência Latino-Americana de Mulheres Sras. Adela e Ema Gomez, a escritora Elisa Werber Bandeira Ilídio Costa e tantos outros.

"MOMENTO FEMININO" É UMA CRIANÇA QUE JÁ CAMINHA COM SEUS PRÓPRIOS PÉS"

A Professora Geni Marcondes teve palavras carinhosas e animadoras para a nossa revista: "Quando nasce uma criança ficamos pensando: vingará ou não? Damos-lhe todo o carinho e atenção e acompanhamos chelos de cuidado seu desenvolvimento até que a criança adquira força e segurança. Então deixamos que caminhe por si. Assim foi com a nossa revista. Hoje podemos dizer: essa criança que é "Momento Feminino", festejando seu 7.º aniversário, já pode caminhar por seus próprios pés, já não nos dá cuidado, não morrerá!"

Fêz um paralelo entre "Momento Feminino" e as revistas de evasão, que afastam a mulher da realidade. Disse que, apesar de todas as dificuldades, está certa de que venceremos e alcançaremos nossos objetivos.

"UM GRUPO DE BRAVAS MULHERES FUNDOU "MOMENTO FEMININO"

A Sra. Zenalde Moraes falou da fundação de nossa revista, há sete anos, por um grupo de senhoras que compreenderam a necessidade de dar à mulher brasileira uma revista diferente que lhe falasse ao coração e ao espírito. Contou nossas dificuldades e as imensas necessidades que surgem a todo instante e também nossa determinação de vencer.

"OS FABULOSOS" E ROBERTO BRAGA

Artistas que compõem o grupo de Teatro Infantil "Os fabulosos", apresentaram números de declamação, canto e imitações, agradando plenamente. Modestos e simples, embora bastante talentosos, encantaram os presentes.

Roberto Braga, outro jovem de voz espiêndida, cantou várias canções, entre as quais o poema de Ethel Rosenberg dedicado aos seus filhos, m sicado pelo compositor Edino Krieger, que o acompanhou ao violão. Calorosos aplausos demonstraram o entusiasmo de todos.

STELINHA EGG E XANGÔ

Atendendo aos muitos pedidos, Stelinna Egg cantou duas canções folclóricas, tendo impressionado com o "Xangô", que interpretou com muito realismo. Disse algumas palavras de estímulo a "Momento Feminino", terminando assim: "A luta é grande, mas a vitória será dos fortes e não dos fracos".

Assim, em meio a muitos abraços e votos de prosperidade para nossa revista, terminaram os festejos de nosso 7.º aniversário.

A todos que conosco colaboraram com tanta boa vontade e carinho, o nosso muito obrigado.



Três aspectos de nossa festa de Botafogo. Ao alto, quando falava nossa redatora-chefe, Sra. Zenalde Moraes — Um aspecto da assistência — Em baixo, um grupo em que aparecem Stelinha Egg e o maestro Gaya, Glaucê Rocha, Modesto de Souza, Carlos Cotrim, Samaritana Santos e Badu.



O homem do comício e o menino

Elisa Werber Bandeira

O homem gesticulava e a multidão eletrizada seguia-lhe os movimentos como se fôsse uma só onda, um só cérebro, um só pensamento.

Os olhos do homem se dilatavam. A boca se rasgava em vocábulos transbordantes de excitação, as palavras saíam fáceis, ora febris, tempestuosas, ora suaves, chorosas e trêmulas. Os braços acompanhavam as palavras, se movimentavam, brandindo, tremendo, e entusiasmavam e encolerizavam.

O menino passou. Pediu uma esmola. Mas o transeunte que parara, empolgado pelo discurso, não o ouviu.

A onda se espremia e se avolumava. O menino, dentro dos andrajos, também quis ouvir. Ouviu.

Turbilhão de palavras. Frases que não compreendia bem. Sentia ser coisa importante o que o homem dizia. Pela imobilidade da multidão, intrepidez e fúria do orador.

— Imitemos os heróis da última guerra. Daremos o nosso sangue pelo bem da Pátria. Depois voltaremos, cheios de glória, com a vida equilibrada e boa...

O menino sentiu calor, espremido pela multidão. Saiu. Correu ladeando a turba, conseguiu alcançar o homem que falava, trepado num caixote.

E puxando-o pelas calças, choramingou:

— Me dá uma esmola. Meu pai morreu na guerra.

ASSINATURAS DE MOMENTO FEMININO

As nossas amigas de São Paulo estão se empenhando em conquistar grande número de assinantes para a nossa revista. Na primeira relação que recebemos tivemos o prazer de constatar que dois grandes amigos nossos — Dr. Y. G. dos Reis e Dr. José Ribeiro de Carvalho — achando que é muito módico o preço de uma assinatura anual, resolveram dar Cr\$ 100,00 por cada uma.

Agradecemos e esperamos que o exemplo frutifique...

BOLINHOS SALGADOS

por VIRGINIA

VAMOS dar hoje algumas receitas de bolinhos, fáceis de fazer e sempre apreciados por toda a família, principalmente pelas crianças:

Bolinhos de pão — Deixe de molho no leite e sal miúdo de pão dormido. Junte três ovos e misture bem. Junte uma colher de salsa picadinha e frita na manteiga. Se gostar, junte um pouco de cuminho. Tire às colheradas e frite em gordura quente. Deixe escorrer em papel pardo e sirva quente. Pode servir junto com puré de bananas cozidas ou maçã.

Bolinhos de pão com queijo — Deixe de molho no leite e sal o pão dormido. Amasse bem, junte 4 gemas, 2 colheres de queijo ralado, meia de manteiga, as 4 claras em neve. Misture depressa e frite em banha quente. Sirva com bifés mal passados.

Bolinhos de beringela — Cozinhe em água e sal umas quatro beringelas com casca. Retire as cascas, amasse bem, junte 3 ovos, uma colher de manteiga, 4 de farinha, sal e uma xícara de leite. Misture bem e frite em gordura quente. Pode usar a mesma receita com cenouras em vez de beringelas.

Se você tem arroz para aproveitar aqui vão algumas sugestões: Se você deseja apenas aproveitar o arroz que sobrou, sem grande trabalho, e sem ter que esquentá-lo na frigideira, basta que o coloque por cima do arroz antes que tenha secado a água, arrumando-o direitinho com um garfo. Quando o arroz estiver pronto ninguém notará a diferença.

Bolinhos de arroz — Coloque o arroz que ficou da véspera em uma vasilha grande, amasse-o bem com um garfo, junte uma cebola grande bem picadinha, um ramo de salsa, duas colheres de sopa de leite, 2 (dois) ovos batidos como para fritada, sal e pimenta a gosto, um pimentão verde bem picadinho e amasse tudo muito bem; se achar que a massa está muito mole, pode ligar com um pouco de farinha de trigo ou até maizena. Forme os bolinhos ao seu gosto e frite em banha bem quente. Ficam deliciosos para acompanhar qualquer prato de carne.

Bolinhos de arroz com camarão — Procede como na maneira anterior, acrescentando camarões que deverão ser bem picadinhos e tostados só no azeite. Ficam deliciosos para acompanhar uma boa salada mista.

Castelinhos de arroz — Cozinhe tantos ovos quantos desejar servir. Depois de descascados parta-os ao meio retirando as gemas e fazendo uma base para que as conchinhas se mantenham de pé. Faça uma massa com arroz, as gemas, petit-pois, salsa bem picadinha, encha as claras, coloque uma azeitona no alto da massa formando um castelinho, polvilhe com gema de ovo e farinha de rosca, leve ao forno para dourar e sirva logo. É um prato delicioso e muito decorativo.

Batatas à moda russa — Passe no ralador algumas batatas cruas. Depois de raladas coloque numa vasilha que dê para você misturar bem com uma colher de pau mais os seguintes ingredientes (para meio quilo de batatas): três ovos, meio copo de leite, uma colherinha de nós moscada ralada, uma colher de manteiga (de sopa), duas colheres de sopa de farinha de trigo, sal a gosto, forme uma pasta mole, se fôr necessário aumente o leite, e frite em gordura bem quente colocando uma concha de cada vez na frigideira. Para acompanhar carne é simplesmente delicioso.



Móveis e Decorações

Sala de Jantar, Dormitórios, peças avulsas, etc.

Diretamente da fábrica

Desconto especial com a apresentação deste anúncio

Falar com o Sr. Costa,

Telefone 25-6923

Distrito Federal



UMA VISITA ILUSTRE

MME. EUGÉNIE COTTON é uma senhora francesa da geração em que as mulheres não tinham as oportunidades de hoje.

Entretanto, isso não a impediu de realizar seus sonhos de cultura e de se tornar um nome destacado da pesquisa científica em seu país.

E sem esquecer o que lhe custou o ilustre nome científico que hoje ostenta, Mme. Cotton está na primeira linha do grande movimento internacional para que as mulheres possam gozar da plenitude de seus direitos e da alegria simples de acariciar seus filhos sem temer pelo futuro. Presidente da União de Mulheres Francesas, desde que findou a guerra, é também a querida presidente da Federação Internacional de Mulheres, organização que congrega mulheres de 70 países. Há um ano atrás fez reunir em Copenhague um Congresso em que se ergueu a voz do mundo, através de uma parcela das mais ativas de suas representantes.

Quem ali esteve, não pôde esquecer a figura suave de Mme. Cotton, sua face veneranda e risonhamente simpática, suas palavras que iam fundo ao coração.

Por isso obrigamo-la, com as desculpas da profissão, a falar sobre sua vida, para apresentá-la às mulheres brasileiras. Ouçamos o que diz modestamente, sobre sua atividade ilustre:

"MAGNETISMO DA COMPOSIÇÃO DOS METAIS"

MME. COTTON começa falando das dificuldades de sua época para as mulheres que desejavam progredir nos estudos. A jovem Eugénie, apesar de tudo, tinha o desejo de ser professora de Liceu. Na Escola Normal Superior de Sevres, aonde a levou sua vontade firme de adquirir novos conhecimentos, teve os professores mais excelentes de seu tempo — físicos como Paul Langevin, Jean Perrin, Marie Curie. E daí lhe nasceu o desejo da pesquisa científica.

— Era difícil porque os exames da escola Normal não serviam e tive que passar por outros para chegar à tese de doutorado, conta Mme. Cotton, recordando esta fase de sua vida. Foi com o estudo "Magnetismo da composição dos metais" que a França ganhou uma jovem cientista, na pessoa de nossa entrevistada.

A FAMÍLIA

MME. COTTON sempre amou a ciência e a vida, da qual esta não se aparta. Foi no seu próprio setor

MOMENTO FEMININO

de trabalho, entre a cátedra que ocupava na Escola Normal Superior de Sevres e o laboratório, que encontrou aquêlo que sua juventude romantizava desde os primeiros anos: Aimé Cotton, nome que a França conhece como um dos seus mais ilustres pesquisadores, com uma cátedra na Sorbonne.

Quatro filhos. A face de Mme. Cotton, que mostra um riso em que há muita suavidade e um certo toque infantil, fica ensombrecida de repente. Perdeu dois dêles, de seus queridos filhos. Um ao nascer. Outro aos 9 anos. Restam-lhe uma filha e um filho, e os netos. Falando de seus netos o sorriso lhe volta. Meia dúzia de netos.

MME. COTTON recorda agora sua vida inteira dedicada ao magistério, na Escola Normal Superior de Sevres. "Sempre procurei inculcar em meus alunos o amor à ciência" — nos diz, recordando que outro tanto fizeram seus mestres ilustres: Longevin, Perrin e Marie Curie. Ensinava física e fazia trabalhos de pesquisas científicas com seus alunos.

— Pediram-me depois para ser diretora da Escola. Não queria aceitar e se o fiz foi somente para que outras mulheres não tivessem tantas dificuldades quanto eu.

Esta foi a primeira vez que tomou uma atitude prática para ajudar suas irmãs de sexo.

GUERRA E PAZ

VEIO a guerra perturbar a atividade criadora no lar dos Cotton e de tantos outros, mundo afora. Aimé Cotton, quando seu país foi dominado pelo invasor nazista, incorporou-se à Resistência. Foi duas vezes prêso. E sua corajosa mulher sentiu, como tantas outras francesas, que era preciso fazer alguma coisa mais do que preocupar-se pelo espôso e os filhos nessa época conturbada. As pesquisas científicas perigavam, como perigava a própria vida. E participou na medida do possível do movimento que tornou um pesadêlo a vida dos criminosos ocupantes da França gloriosa.

Veio a paz e as mulheres que tanto tinham sofrido e lutado juraram que haveriam de mantê-la. Surgiu na França um grande movimento para liquidar definitivamente o fascismo, garantir os direitos das mulheres, educar no sentido da paz. Mme. Cotton a êle se incorporou, agora não mais como diretora da Escola Normal de Sevres. O governo Petain a havia demitido de suas altas funções, como represália por suas atividades antinazis.

Dai, com seu nome ilustre construído com sua vontade dinâmica, com seu desejo igual à sua vontade de ver de novo jovens estudantes pesquisando para a vida, seus netos sorrindo sem o terror dos bombardeios, Madame Cotton sobressaiu como membro do Movimento Mundial de Paz, como presidente da União de Mulheres Francesas e como presidente, várias vezes reeleita, da Federação Democrática Internacional de Mulheres.

ENCONTRAMO-LA em Berlim, na Conferência de Imprensa Feminina. Sabíamos da idéia da Conferência Latino-Americana de Mulheres, tendo acompanhado de perto o desenvolvimento de algumas fases dessa iniciativa. Conversamos com Mme. Cotton a respeito. Revelou vivo entusiasmo. "Se a F. D. I. M. fôr convidada, será para mim uma honra ir ao Brasil, participar desse importante acontecimento, ao lado das mulheres latino-americanas".

Acreditamos que tínhamos ouvido mal, que nosso francês se enrascara. Não podíamos admitir a viagem, sobre mar e oceano, realizada por uma senhora de 73 anos. Objetamos sobre o cansaço dessas viagens internacionais. Mme. Cotton quis saber quantas horas. E com uma energia de jovem nos disse: "Oh, isso não é nada".

HONRA A CONFERÊNCIA LATINO-AMERICANA DE MULHERES

A PRESIDENTE DA F.D.I.M., AOS 73 ANOS, PESQUISA AS PROPRIEDADES MAGNÉTICAS DO CAUCHO. ACREDITA QUE A PAZ É INDISPENSÁVEL AO PROGRESSO DA CIÊNCIA E QUE É PRECISO ENSINAR AS MULHERES O CAMINHO DA LUTA PARA GARANTIA E CONQUISTA DE SEUS DIREITOS.

Por que se reúnem as Mulheres

da América Latina?



Porque despertam, aos milhões, no Continente, exigem os direitos que não têm. Querem ser felizes, trocar por sorrisos as lágrimas nas faces de seus filhos. (Na fotografia, os belos cartazes anunciadores da Conferência Latino-Americana de Mulheres. Um grupo de senhoras examina as prendas que deram origem à Exposição de Atividades Femininas)

Porque desejam que seus filhos entrem na posse da fortuna da América, a mãe-pátria. Querem seus lares prósperos, num mundo em que as mães confraternizem na alegria. (Ao lado, fotografia tomada por ocasião da constituição do Comitê Patrocinador da CLAM, com a presença de representantes da Argentina, Brasil e Chile à Conferência que é aspiração e esperança)



MULHERES DO CONTINENTE OPINAM:

UMA GOMEZ, dirigente do Comitê Nacional Feminino de Unidade, integrou durante os preparativos da Conferência, o Comitê Patrocinador da Conferência em geral e lhe parecia que seus frutos viriam beneficiar a mulher chilena. Nos disse: A feliz idéia de realizar esta Conferência foi para as mulheres do Chile um mandato ao qual não poderíamos fugir, uma vez que nos pontos a tratar se consideram coisas fundamentais, como os Direitos da Mulher e os Direitos da Infância.

No Chile, como na maioria dos países latinoamericanos, o abandono da infância se reveste de caracteres alarmantes. As estatísticas oficiais colocam meu país entre os de maior mortalidade infantil. Isto se deve ao alto custo da vida e aos baixos salários, que não permite aos lares modestos alimentar-se medianamente; assim, não se pode consumir leite, carne, ovos, manteiga, frutas e os alimentos fundamentais para o crescimento e desenvolvimento da infância. A isso é preciso

acrescentar a escassa e má habitação, que obriga as famílias a viver em uma promiscuidade espantosa.

O analfabetismo é outro grave mal que está minando as próprias bases da nova geração. Cada ano é maior a cifra de crianças em idade escolar que não podem ir à escola por falta destas e de professores. As cifras assinalam que durante o presente ano são mais de 400 mil as crianças que ficaram à margem da instrução. Isso aumenta dia a dia a vagabundagem e a prática de hábitos perigosos para a formação moral da juventude.

Se buscamos as causas destes males, vamos encontrá-las, em primeiro lugar no fato de que os organismos oficiais correspondentes, neste caso os Ministérios da Saúde e Educação, não dispõem de meios necessários para dar solução a estes problemas. E por que? Porque a maior parte do Orçamento Nacional, mais de 50%, se destina a gastos de defesa do Continente, de que o Chile é signatário.

UM IMENSO VALOR

Acredito que a Conferência tem desde já um valor imenso; através das cartas recebidas no Comitê Patrocinador, verifi-

camos desde o início o interesse que despertou nos mais variados setores femininos do Continente. Isso se justifica, porque como mulheres e como mães nos corresponde o dever de encontrar os meios de garantir a nossos filhos um futuro sem fome nem miséria num mundo de paz e harmonia.

As mulheres chilenas tiram dessa importante assembléia valiosas experiências, que aproveitaremos para fortalecer e ampliar o movimento feminino em nosso país.

MEXICO

"A mulher mexicana sempre foi a inspiradora e estímulo inspiradas em nossas lutas. Lucrécia Toriz e Martina Deras representam. Nesses tempos perigosos e sistemáticos de luta tenaz e incansável de toda nossa América

PARAGUAI

DA POETISA PARAGUAIA JOSEFINA LAGUARDIA:

lewa para a Conferência e estímulo inspiradas em nossas lutas. Lucrécia Toriz e Martina Deras representam. Nesses tempos perigosos e sistemáticos de luta tenaz e incansável de toda nossa América

"A Conferência Latinoamericana sobre os direitos da mulher despertou em mim grande interesse. Seus ideais são afins com os que sustentamos, porque os objetivos a que se destina são nobres e humanos — Ideal sonhado por todas as mulheres que pensam em um melhor futuro para seus filhos e a humanidade"

ARGENTINA

Sra. Margarida de Ponce, presidente da União de Mulheres argentinas, Membro do Conselho e Comitê Executivo da F.D.I.M. — Membro do Conselho Mundial da Paz

"As mulheres da América Latina sentiram a necessidade de unir-se superando diferenças ideológicas e religiosas, para considerar, em comum, suas condições de vida, a defesa e conquista de seus direitos, a proteção à infância, a defesa da soberania de seus povos e a manutenção da paz. As mesmas inquietações, os mesmos problemas afetam a todas as mulheres latinoamericanas, em sua condição de mães, de trabalhadoras e de cidadãs e estou certa que nesta I Conferência Latinoamericana de Mulheres, ponto alto de nosso grande esforço na marcha para o progresso, havemos de encontrar, todas juntas, a causa que mantém a mulher em situação de inferioridade econômica, política e social, e o caminho para a solução destes problemas. Temos não só o direito, mas o dever de fazê-lo, se quere-

mos assegurar para nossos lares e para nossos filhos um futuro de paz e felicidade.

PERU

Sra. Lúcia Valdez de Ducastainig, pedagoga e economista:

"Esta inquietude do grupo de mulheres brasileiras que gestaram a idéia de unir as mulheres da América Latina para coordenar a aspiração de uma só unidade e solidariedade de todas as mulheres, merece as felicitações mais expressivas."

COLÔMBIA

Senhoras da Sociedade Fraternal Universal Amor e Paz, de Barraquilha

"Toda a Europa se mobiliza no sentido da emancipação da mulher e é muito justo que neste Novo Mundo se mova o sexo feminino, já que sobre nós pesa a responsabilidade da família e a preparação dos homens do futuro".

BOLÍVIA

O Ateneo Feminino, por sua diretora, sra. Zoila de Antejana Paz, escreve apoiando "tão transcendental oportunidade".

Convite a Todas

Vingou na América Latina a idéia que a inspirou já havido o I Congresso Mundial de Mulheres, presentes mulheres das mais diversas partes do mundo, a Federação Democrática Internacional de Mulheres reuniu seu Comitê Executivo. Em caráter extra-oficial, as latino-americanas receberam o apoio de mulheres organizadas da Europa, de onde em conta que o esforço emancipador da mulher não se circunscribe a regiões do mundo. DE MULHERES resolveu dirigir a comparecerem como convidadas

rebeu o apoio de mulheres organizadas da Europa, de onde em conta que o esforço emancipador da mulher não se circunscribe a regiões do mundo. DE MULHERES resolveu dirigir a comparecerem como convidadas

AS mulheres são criaturas atuantes e capazes. Representam exatamente a metade do gênero humano e desde que o homem se entende têm dado mostras de sua capacidade criadora. Apesar dos entraves que desde éras recuadas são opostos à sua trajetória.

Nos últimos tempos emergem cada vez mais, em todos os pontos da terra, demonstrando corajosamente o seu valor. Em alguns países do mundo já conquistaram igualdade plena de direitos; em outros batalham sem descanso para garantir seu lugar na vida social, política e econômica. Em outros ainda vivem em condições de dependência, mas tomam rapidamente consciência da importância de suas realizações anônimas.

Em nossa América Latina elas se desacom, mais e mais. E não se conformam em ficar indiferentes diante de seus direitos neçados, de seus lares ameaçados pela insegurança que abala o mundo. E pelo atraso econômico que asfixia suas pátrias, sufoca em seus braços anímosos a vida de que povoam a terra fértil do Continente Latinoamericano.

Porisso sempre sonharam discutir em conjunto com suas irmãs da América as possibilidades de ajudarem a engrandecer o Continente com seu trabalho construtivo. Quiseram sempre ouvir o exemplo das mulheres destacadas desta parte do mundo, aquelas que vencendo os obstáculos se tornaram vitoriosas em suas profissões, projetaram seus nomes

além do lar, em seus países; ou ultrapassaram mesmo as fronteiras para se tornar patriotas do Continente. Quiseram sempre continuar das que mourejam nas fábricas, nos campos, nas profissões liberais, nos negócios. Sempre sentiram que esses problemas e lutas são comuns e porisso pedem solução.

Essa aspiração é que deu origem à CONFERÊNCIA LATINOAMERICANA DE MULHERES. Mais de 300 mulheres de 7 países — um apelo que provinha do Brasil: "Vem ao encontro de nossa América Latina, enfermeira ou operária, seja teu trabalho singelo ou glorioso! A mulher brasileira abrirá as portas de sua pátria para receber-te!"

O apelo dizia: "Somos a imensa maioria de nossos braços, nossos corações, nossa inteligência. E ainda: "...é necessário estreitar os laços que nos unem até conseguirmos elevar nossas vidas a um nível compatível com a situação

mesmo as fronteiras para se tornar patriotas do Continente. Quiseram sempre continuar das que mourejam nas fábricas, nos campos, nas profissões liberais, nos negócios. Sempre sentiram que esses problemas e lutas são comuns e porisso pedem solução.

Essa aspiração é que deu origem à CONFERÊNCIA LATINOAMERICANA DE MULHERES. Mais de 300 mulheres de 7 países — um apelo que provinha do Brasil: "Vem ao encontro de nossa América Latina, enfermeira ou operária, seja teu trabalho singelo ou glorioso! A mulher brasileira abrirá as portas de sua pátria para receber-te!"

O apelo dizia: "Somos a imensa maioria de nossos braços, nossos corações, nossa inteligência. E ainda: "...é necessário estreitar os laços que nos unem até conseguirmos elevar nossas vidas a um nível compatível com a situação

Era o velho sonho que principiava a tomar forma. A idéia vingou, depressa. As mulheres do Continente acorreram para o debate. Dêles muito esperam.

No Brasil, mais de 200 puseram sua assinatura sob esse apelo, que é um claro sintoma de vitalidade da mulher latino-americana. De 7 países, inicialmente, são que se pronunciam. Os Estados brasileiros, mandam ao Rio de Janeiro suas representantes. E todo o Continente se comove com o afã das mulheres que querem afirmar-se.

Nas páginas seguintes estampamos uns poucos problemas que afligem as mulheres brasileiras. Poucos, mas fundamentais. E se assemelham, em muitos outros países de nosso Continente.

A CONFERÊNCIA LATINOAMERICANA DE MULHERES a êles responde, aponta causas, soluções, contribui para realizar o velho sonho de emancipação da mulher. E de nossos próprios países. Nossa contribuição depois será mais vigorosa, porque mais unida e consciente. MOMENTO FEMININO saúda porisso o conclave, que representa o surgimento de uma força nova no Novo Mundo.



NO CONTINENTE

As crianças morrem por falta de alimento

*No Brasil, Quando Sobre -
vivem, não têm onde Estudar*

**NO DISTRITO FEDERAL, EM PLENO SERTÃO
CARIOCA, CRIANÇAS E PORCOS SUGAM O
MESMO SEIO**

Em sua maioria, são assim tristes as crianças brasileiras

Reportagem de **MARÍLIA DE ALENCAR**

NO Continente Americano, belo e fértil, cujo solo é uma promessa de perene colheita e cuja natureza está constantemente em primavera, a mais dolorosa visão de um mundo que se acaba acompanha os passos do viajante, quer no extremo norte, quer no extremo sul. No Brasil, a realidade econômica continua a desafiar a fertilidade do solo e a primavera das flôres. E é por isso, que as mulheres se reúnem, porque a verdade

deve ser dita pelas próprias mães, que outro anelo não possuem senão o de saberem vivos e felizes os filhos que geraram.

**NO BRASIL, AS CRIANÇAS NASCEM
PARA MORRER**

Neste momento, em que se reúnem sob o Cruzeiro do Sul, mulheres do nosso Continente, repitamos mais uma vez esta frase muito dura, mas real: "No Brasil, as crianças nascem para morrer". São as próprias estatísticas oficiais que mostram em toda sua fria realidade o quadro da morte das crianças brasileiras. No Nordeste, é sabido que morrem de 300 a 500 crianças em cada mil. No Distrito Federal, nascem aproximadamente 60.000 crianças cada ano. No primeiro ano de vida morrem 5.000, no segundo 2.000 e no terceiro algumas centenas.

Um dos mais dantescos episódios de mortalidade infantil é narrado pelas mulheres cearenses. E' a romaria de mães, que se sucedem no cemitério de Parangaba, onde, de 15 em 15 minutos dá entrada um pequeno caixão. Segundo informações colhidas no local, o número de enterros de crianças é, naquele cemitério, de cerca de 24 por dia.

De que morrem as crianças cearenses? A denúncia sobre a miséria naquele Estado é das mais tremendas. Morrem porque se alimentam de chá, exclusivamente de chá, pois a misérrima mulher da terra de Iracema já não tem com que alimentar o filho pequeno. A situação

da mãe cearense é tão grave, que, às vezes, chega a perder dois filhos, num só dia...

DE QUE MORREM AS CRIANÇAS?

O principal alimento das crianças é o leite. No entanto, no Rio de Janeiro, os pediatras têm medo de aconselhar esse alimento básico, dadas as condições precárias da sua higienização, pois a pasteurização é feita de forma absoluta-

Brutalidade e violência, ensinam as histórias em quadrinhos.



TUDO

ES

RONDA.;

*Los astros son rondas de niños,
jugando la tierra a mirar...*

*Los trigos son talles de niñas,
jugando a ondular... a ondular...*

*Los rios son rondas de niños,
jugando a encontrarse en el
[mar...*

*Las olas son rondas de niñas,
jugando la Tierra a abrazar...*

GABRIELA MISTRAL

AMERICANO BELO E FERTIL



Os "Gibís", em lugar das lindas histórias maternas. A impiedosa saúva inicia sua tarefa de corromper nossos filhos. Os super-homens e os super-criminosos iniciaram seu reinado pernicioso entre nossas crianças.

mente inescrupulosa, tornando fatal o seu consumo por crianças de baixa idade.

CRIANÇAS E PORQUINHOS

Revoltante e indigna de um povo civilizado é a situação das famílias da zona do sertão carioca. Conforme denúncia feita a esta revista, em certas zonas desprovidas de qualquer atenção por parte do governo, onde os postos de saúde são inexistentes e inexistentes são as escolas, crianças de baixa idade são vistas ao lado de porquinhos sugando o mesmo seio. Interrogada a mãe sobre a desumanidade presenciada, respondeu a pobre mulher: "É melhor meu filho mamar numa porca a morrer de fome, pois eu não tenho leite nem dinheiro para comprar comida".

PODERÃO ESTUDAR OS NOSSOS FILHOS?

A Constituição Federal preceitua que "A instrução primária é obrigatória e gratuita"; no entanto, vemos, no início de cada ano letivo, o quadro deprimente das filas nas portas das escolas públicas, filas de pais transformados em mendigos, implorando o direito adquirido: "a instrução primária para seus filhos". E o espantoso resultado dessa fila do ABC é que, não obstante a agitação eleitoral, 150.000 crianças ficaram sem escolas, no ano de 1954, em plena Capital da República.

E ainda sobre ensino primário, recebemos outra denúncia, das mais graves

EM UBERLÂNDIA, NOS GRUPOS ESCOLARES...

Em Uberlândia, consta, por dados estatísticos, que, nos grupos escolares, dentre 60 alunos, apenas um é normal. São doentes provenientes de falta de alimentação, falta de assistência médica; não existem ambulatórios infantis. A Santa Casa fechou por falta de verba. Nas escolas rurais e dos bairros, 100%

MOMENTO FEMININO

das crianças são anêmicas e famintas. É freqüente, nos Grupos Escolares, crianças que desmaiam quando tomam sopa.

No Lactário de Uberlândia há mais de mil crianças matriculadas, mas só são beneficiadas, por falta de medicamentos e leite, cinquenta crianças.

PROBLEMAS DO ENSINO SECUNDÁRIO

Terminado o ensino primário, quantos adolescentes estarão sem horizontes para a realização de seus sonhos de futuro? E isso porque o ensino secundário e normal é de custo exorbitante, o preço dos livros é inacessível. Toda família brasileira conhece, de causa própria, esse terrível espetáculo de verificar que o orçamento doméstico diminui à medida que os estudos progridem... Pão ou livros, tal é o dilema da mãe brasileira.

E O "GIBI" SE CONTRAPÕE À EDUCAÇÃO MATERNA

A criança está no bérço e as maternas cantigas de ninar são tão belas! A criança cresce e pede à mãezinha que lhe conte uma linda história. E as histórias maternas são tão lindas! Mas a criança viu nas mãos de um menino maior a colorida revista, cheia de fi-

guras. E a impiedosa saúva inicia sua tarefa de corromper a formação de nossos filhos. É a vez dos bandidos ianques, dos sábios incumbidos de destruição e morte, dos super-homens e dos super-criminosos iniciarem seu reinado pernicioso entre as crianças.

O PROBLEMA SERÁ APENAS DO BRASIL?

Não, o problema não é apenas do Brasil. De todos os países do Continente as vozes das mulheres clamam contra a miséria que ronda o bérço de seus filhos. Na rica Venezuela do petróleo, a mortalidade infantil é uma das mais altas do mundo. No Chile do salitre e do cobre, o problema é idêntico. Por onde quer que haja riqueza no solo, a rapinagem dos "trustes" vai matando as vidas que desabrocham.

Mas nem tudo está perdido. Ontem, como hoje, a mulher cumprirá o seu dever. Reunidas na Conferência Latino-Americana, suas vozes altivas levam aos povos do mundo a queixa materna mais profunda, reivindicando os direitos que os corações reclamam como legítimos e que dizem de perto com o futuro e a independência de suas pátrias.



A fotografia ilustra como vivem as crianças brasileiras, nos campos e nos lares pobres das cidades. Sem roupas, porque os pais não podem adquiri-las num país onde há super-produção de tecidos. Magras e desnutridas, com os ventres enormes, consequência da verminose. Até os 10 anos a morte os ceifa aos milhares. Em algumas localidades a mortalidade infantil se eleva a cifra espantosa de 850 em mil crianças. As que sobram criam-se sem escolas, aumentando o índice enorme de analfabetos





Grupo de operárias da Fábrica Confiança — Procuram o padeiro... para reforçar o almoço

D. Izaura Ribeiro: há treze anos trabalha na Fábrica e ganha 800 cruzeiros — Maria Rosa, a operária e doceira

COMO VIVE UMA TECELÃ BRASILEIRA?

Reportagem de
Diana Gilaberte

Há em suas vidas
a
alegre beleza do
algodão nacional?



QUAL de nós, mulheres da classe média, não se detém na vitrine que exhibe o nosso algodão de côres alegres, bem nacional nas suas marcas de fabricação, bem nosso, que não trocaremos pelo fabricado no estrangeiro?

Qual de nós, mulheres, não o cobiça e não o compra quando pode, para confeccionar o vestido que dispensa tinturaria nas suas côres firmes, e que no mais singelo feito veste-nos graciosamente?

Mas qual de nós conhece de perto a colaboração anônima da tecelã que participa no seu labor diário para a indústria nacional dos tecidos de algodão?

Elas aí estão, aos milhares, no Norte e no Sul, e aqui na Capital, viúvas na sua maioria, sustentando os filhos menores com os recursos que vão procurar nas Fábricas.

Como vivem? Como trabalham? Quanto ganham? Quantos sustentam com o seu trabalho dia a dia? Quais são os seus anseios?

Ouçamos o que nos dizem algumas, que abordamos na hora do almoço. São da Fábrica Confiança, em Vila Isabel.

—//—

Timidamente, negam-se às fotografias e fogem à repórter. É que o Diretor da Fábrica, como um perfeito capataz, ali as está feitorando mesmo à hora de recuperarem no parco almoço, uma parcela das energias gastas no trabalho. Entretanto, o capataz não fiscaliza as marmitas para verificar o que e quanto come a operária, pois o que lhe interessa é o que ela produz.

Conseguimos abordá-lo e procura mostrar-se amável conosco, falando-nos com entusiasmo dos "serviços sociais" da empresa, que tem 2.800 operários. Dá-nos a entender que as operárias são malandras e que é preciso estar a fiscalizá-las a cada momento. Para que cumpram seu dever. Apesar das boas maneiras e da oferta de permitir-nos uma visita à Fábrica, tentou, como mais tarde soubemos, punir as operárias que conosco conversaram nessa manhã.

—//—

Mas não foram os problemas da Gerência que nos levaram ao bairro de Vila Isabel. Interessava-nos saber como vivem milhares de mulheres do Brasil, tecelãs do algodão brasileiro, dignas e bravas mães de família, que enfrentam 8, 9 e até 10 horas de trabalho na Fábrica, pensando nos filhos pequeninos deixados ao cuidado remunerado de uma vizinha;

essas anônimas heroínas do trabalho fabril fomos procurar e ouvir.

Aproximamo-nos de um grupo ao redor de um tabuleiro onde os últimos docinhos acabavam de ser vendidos. Apesar da conversa do gerente sobre as excelências de instalação da fábrica, o refeitório era ali mesmo na rua. Fisionomias pálidas, roupas mal ajeitadas, chinelas, lenços mal protegendo os cabelos; tudo atesta uma vida dura, amenizada apenas, pelo companheirismo do grupo, onde as mais jovens, menos maltratadas pelo tempo de trabalho, têm ainda alguma beleza e esperam dias melhores.

Aos poucos, animam-se, aproximam-se de nos, sentem que somos de paz e que nossa Revista é a porta-voz da Mulher, de suas lutas, dos seus direitos, de sua vida.

Conversam conosco, falam de seus problemas, suas famílias, suas dificuldades...

OPERÁRIA E DOCEIRA

Maria Rosa trabalha há 19 anos na Fábrica. Não pode produzir muito porque enxerxa pouco. Faz apenas de Cr\$ 300,00 a 400,00, e com esse salário não pode mandar quase nada para a família no interior. É do Estado do Rio. Então faz docinhos que um menino vende na porta da Fábrica, à hora do almoço. Já está com o seu tabuleiro vazio e no seu rosto de riso franco sente-se a alma ingênua e boa da mulata fluminense, bisneta talvez de escravos que laboraram a terra brasileira. Nessas quase 20 anos Maria Rosa ajuda a transformar o algodão em tecido, dedicada ao trabalho de hoje, como seus antepassados, que encaneciam ao lado de seus filhos de leite, os sinhôzinhos.

"VENHO DE EDEN, PARA TRABALHAR EM VILA IZABEL"

Declara-nos Maria Ribeiro. Gasto Cr\$ 200,00 de passagem pois a caminhada é longa. Mas meu marido ganha pouco, tenho três filhos e preciso ajudá-lo, que a vida está sempre mais cara, e os garotos precisam comer, tomar remédios, vestir. Mas, acho que estou melhor que muitas das companheiras, pois consigo tirar Cr\$ 1.500,00. O diabo é que essa carestia leva tudo, tudo mesmo. Com o salário mínimo a vida pode melhorar, se não continuar tudo subindo, como se vê. Por que é que o Governo não dá jeito nisso e não proíbe esses aumentos das coisas? Toda a semana sobe o preço, sem nunca parar. O dinheiro da gente assim nunca vai dar nem para comer um pouco mais.

MOMENTO FEMININO

COM CR\$ 610,00, NEM NA FAVELA...

...a gente pode viver, diz-nos Aurea Araújo Santos. Tenho 4 filhos pequenos que não podem me ajudar. O marido ganha pouco.

Parece uma velha, no seu ar cansado e na sua magreza. É a vida dura do favelado a estampar-se no seu rosto triste. Para trabalhar na Fábrica deixa os 4 filhos com uma vizinha, e espera o salário mínimo para resolver as dificuldades de sua vida miserável.

8 FILHOS, 10 ANOS DE VIUEZ, 13 DE FÁBRICA E 49 DE IDADE

É a triste história da tecelã empreiteira Isaura Ribeiro, que consegue fazer de Cr\$ 800,00 a 900,00, por mês. Fêz o primeiro ano primário, depois foi ser doméstica. Hoje está na Fábrica. Conseguiu colocar aí o seu filho de 16 anos, que tira Cr\$ 20,00 por dia. Mas tem ainda 5 filhos menores no barraco, que nada produzem e que precisam comer.

Como Isaura, quase todas as operárias são semi-analfabetas; 50% das mulheres não sabem ler nem escrever.

PARA CONSEGUIR Cr\$ 2 400,00 TRABALHA EM 3 TEARES

Se conseguir trabalhar em 3 teares, pode a tecelã, trabalhando 8 horas por dia, chegar a Cr\$ 2.400,00. Mas, para tanto é preciso que as máquinas trabalhem sem enguiços e que o pano saia sem defeitos, pois o tecido com imperfeições é multado em 10% sobre o preço do pano. Só tendo muita prática pode a operária evitar essas multas, e só com muita agilidade e treino é que conseguirá tomar conta dos três teares.

DEIXOU O GINÁSIO E INGRESSOU NA FÁBRICA

Os menores também ajudam. São na sua maioria filhos de operários que deixam os estudos, quando atingem a idade de poder trabalhar. Leonil tem 14 anos. Está de aprendiz na oficina mecânica. Ganha Cr\$ 600,00, mas com os descontos fica mesmo só com Cr\$ 400,00. Estudou até o 2.º ano do Ginásio, mas largou a escola para ajudar o pai. Roberto também consegue tirar seus Cr\$ 600,00 trabalhando, no escritório. Tem 16 anos, mas aparenta uns treze. São dois meninos de carinhas vivas que certamente têm ideais de estudo para alcançar outros objetivos que o escritório ou a oficina da Fábrica, sem perspectivas para

MOMENTO FEMININO

inteligências jovens em desenvolvimento. Mas a família operária precisa dos braços de todos para o seu sustento. E não há ajuda governamental para que filho de pobre possa estudar.

TODOS QUEREM NOSSA REVISTA

Distribuímos entre os grupos alguns exemplares de nossa Revista. Todos querem uma; as operárias, os meninos, os homens também. Algumas serão apenas folheadas, como álbum de fotografias, porque nem todas vão conseguir lê-las. É o caso de Isaura Ribeiro, a operária-doceira que é analfabeta. Entretanto, guardá-la na sua banca de trabalho é crime para o Diretor da Fábrica, que suspendeu Isaura por cinco dias, porque acreditou num milagre: Isaura, analfabeta, estava "lendo" a Revista no período de trabalho!

AS TECELAS APOIAM SEU SINDICATO

Rumamos para o Sindicato dos Textéis, à rua Mariz e Barros. Lá conversamos com Creusa..., a Tesoureira, que amavelmente nos fez visitar as instalações, orgulhosa de nos mostrar os Gabinetes Médico e Dentário e os aparelhos de Infra-violeta e Raios X. Aí encontramos uma barraca do SAPS e uma Farmácia.

Queríamos que Creusa nos desse mais algumas indicações para a nossa reportagem. Soubemos que 50% das operárias são analfabetas, as outras têm curso primário incompleto, na realidade são semi-analfabetas. A grande totalidade é também de mulheres que vivem sós, sustentando seus filhos pequenos, seja porque perderam seus maridos, ou porque são mães solteiras.

Disse-nos também Creusa que na última greve, que durou de 5 de dezembro de 1952 a 25 de janeiro de 1953, tomaram parte mais de 25.000 operários, na maioria mulheres. A participação feminina foi muito importante, demonstrando as mulheres um forte espírito de combatividade. Perderam a greve, mas continuam lutando por seus direitos, pela efetivação do salário mínimo que, conforme nos foi informado, não resultará em aumento de salários para a grande maioria que trabalha por produção, alcançando apenas as diaristas.

Outra luta em que se empenham as tecelãs, nos disse Creusa, é para derrubar a exigência desumana da assiduidade 100%. Uma operária que vive em Belford Roxo ou outro subúrbio distante leva 2 horas para chegar a uma fábrica de Vila Isabel. Acorda pela

(Conclui na pág. 29)

Esta é em geral a situação das tecelãs brasileiras — a corporação mais numerosa entre as mulheres trabalhadoras da indústria. Vivem em São Paulo, nossa maior concentração industrial, no Rio, em Recife, Alagoas, Sergipe, Pará, Rio Grande do Sul. Salário desigual por trabalho idêntico, cansaço, falta de assistência, imensas dificuldades familiares. Uma dirigente sindical argentina, Irma Othar, que assinou o apêlo da CONFEDERACION LATINO-AMERICANA DE MULHERES afirma que naquela república platina o ritmo de trabalho para as operárias têxteis foi aumentado duas vezes, sem que o salário acompanhe o aumento do trabalho. Na fábrica Grafa, por exemplo, deveriam ser embainhados 200 lençóis por 36 pesos diários; agora as operárias devem fazer 400 por 40 pesos. Na Fábrica de Alpargatas, também têxtil, a diferença de salários entre a mulher e o homem é de 30 centavos de peso por hora, o que assegura à fábrica um lucro extra extra de 1.050.500 pesos por mês.

ASSIM VIVEM NOSSAS IRMÃS DO CAMPO



RIO BONITO

uma cidade bonita do Estado do Rio — Terras férteis, que hoje apresentam aspecto sêco e desolado — Bernardina de Souza já viu muita água correr, teve terras e hoje mora numa cabana de barro batido, na mais absoluta miséria.

Reportagem de
Maria LUCIA

As mulheres trabalham ao lado dos homens de sol a sol. Não dispõem de amparo algum. As crianças ficam largadas nas palhoças ou acompanham as mães. Apesar da vida amarga as nossas irmãs do campo têm fé num futuro melhor



A maioria da população do Brasil vive no campo, completamente ao desamparo. Milhões de famílias vivem em cabanas de pau a pique, sem conforto algum e em péssimas condições de higiene. As mulheres e as crianças são terrivelmente sacrificadas. Não dispõem de hospitais nem escolas

RIO BONITO fica há apenas duas horas de Niterói, capital do Estado do Rio. Durante uma hora o ônibus corre por uma estrada que corta as terras do Sr. Maneco, o maior latifundiário daquela zona. São terras imensas, plantadas em alguns pontos e nos demais, inteiramente cobertas de capinzais. Em torno de Rio Bonito, pequenos municípios se congregam, alguns ainda florescentes e outros na mais completa decadência. Os morros são “pelados” por queimadas criminosas e a terra é cada vez mais sêca.

Fomos encontrar Dna. Bernardina, numa cabana de barro batido. Magra, seu rosto é cortado de rugas. Tem 54 anos e parece ter 70.

— E olhe moça, eu até estou vivendo de mais. Aqui se morre cedo. Se não é maleita, é picada de cobra, dor de barriga ou fome. Meu pai foi dono de terras. Está vendo aquela baixada? Tudo isso era nosso. Eu casei, fui embora para outras terras. Depois soube que meu pai tinha perdido tudo.

— Mas perdeu por que, Dna. Bernardina? De quem são agora aquelas terras?

— Eu tinha um tio, isto é, êle ainda é vivo, mas não é mais meu tio. Enganou meu pai, juntou-se com um tal de coronel, dono daquele mundão, e jogaram minha família pra fora. Quando meu marido morreu voltei para ver se salvava alguma coisa... Não pude fazer mais nada. Vim trabalhar de agregada.

— Quantos filhos tem a senhora?

— Tive 8, mas agora só tenho 3. Os outros morreram.

— Todos mortos? Mas de que?

— Não adianta perguntar. Uns morreram pequenos, de barriga inchada. Outros de mordida de cobra e outro de maleita. Ainda bem que tenho 3. Um trabalha como ajudante, aqui num sítio; o outro é entregador de pão em Rio Bonito e o terceiro ainda é pequeno. Ajuda aqui na terra.

— A senhora ainda trabalha?

— Pois então? Planto milho, roço, acordo de madrugada e só deito tarde. Trabalho a meias com o dono da terra. Quando a colheita é má, a gente nem para comida tem.

— A maioria das famílias vive assim, nessas condições?

— As famílias pobres vivem assim. E ainda mais com essa sêca. É uma coisa triste. Ninguém ajuda a gente. Falam muito, mas ajuda, nenhuma.

— E se dividissem as terras, ajudassem os camponeses, a senhora acha que poderiam produzir mais, viver melhor?

— Ah! Minha filha. Meus olhos já viram muita coisa. E ainda quero ver o dia que meus filhos trabalhem na sua terra. Isso aqui é uma beleza. Se replantassem os morros, dessem a terra para a gente e ajudassem com sementes e arados, ninguém precisava morrer de fome, nem fugir para a cidade. Meu filho não precisava de entregar pão. Êle gostaria mais de ficar aqui, trabalhando para a gente mesmo.

E com essas palavras, Dna. Bernardina encerrou sua entrevista. Tinha que limpar a roça. Esperamos, Dna. Bernardina, que seus olhos cansados ainda verão seus filhos, e os jovens de todo o Brasil, que trabalham no campo, possuindo sua terra, trabalhando alegres e felizes como merecem!



É assim em Rio Bonito, onde mora Dna. Bernardina. Mais para o sul dêsse grande país também a vida não é melhor. Quando se realizou em Porto Alegre a II Assembléia Nacional de Mulheres, camponesas de Erechim contaram que para ir ao trabalho são obrigadas a deixar os filhos num canto qualquer de mato, sob as vistas inexperientes dos maiorzinhos. Muitas vêzes vão encontrá-los picados de cobra.

Uma leitora de São Paulo escreve a MOMENTO FEMININO contando como nascem as crianças numa vilazinha do interior dêsse grande Estado. Não há nenhuma assistência especializada, as comadres fazem tudo, as condições higiênicas são as pióres. Vejamos o que diz: “Começaram dando uma vigorosa massagem na parturiente, com óleo de mamona bem quente, para esquentar a criança. A pobre sofria desde manhã e eram oito horas da noite. Não tinha comido nada e estava já sem fôrças. Sòmente lá pela madrugada a criança nasceu. Sufocaram-na então com um pano, pois dizem que dá azar ver o sexo da criança antes de estar desligada da mãe. Depois pegaram uma tesoura velha e enferrujada e cortaram o umbigo. Em seguida fizeram uma



Nas pequenas localidades nordestinas elas envelhecem curvadas sobre a almofada. Também lhes morrem dois terços dos filhos na primeira infância e as rendas trabalhosas que produzem, gastando a vista, são vendidas por qualquer coisa. Não chega o dinheiro nem para as necessidades mais urgentes.

massa nojenta de fumo picado e óleo de mamona e aplicaram em volta do umbigo, amarrando com um pano velho.

Sem a lavarem, porque dizem que faz mal banhar as crianças antes de um mês, levaram o recém-nascido ainda nú para traz da casa e o ofereceram á lua, para receber a influência dela quando crescesse.

No dia seguinte, a jovem infeliz, que já tivera 3 filhos, estava lavando as panelas no córrego!

Foi certamente assim que nasceram os filhos de Dona Bernardina. Nasceram assim, por êste imenso Brasil, milhares de crianças a quem aguarda a mais dura das vidas.

AS estatísticas confirmam o que dizemos: para 26 milhões de mulheres brasileiras, há 9.075 leitos nas maternidades.

E êsse número ínfimo, que não chega a 3% das exigências normais de nossa população feminina, encontra-se localizada nas cidades. No campo não há maternidades, escolas, médicos nem hospitais.

★ ★ ★

O panorama de penúria e dificuldades descritos na reportagem não difere muito na América Latina. Na Argentina, por exemplo, êle se manifesta com tôda a crueza, levando milhares de camponeses a demonstrações vigorosas como foi a marcha sobre Buenos Aires, acontecimento famoso nas lutas do povo daquele país irmão pela posse da terra. Milhares de camponeses abandonaram suas províncias, para ir a Buenos Aires exigir do governo Perón que cumprisse suas promessas de reforma agrária, um dos fundamentos de sua campanha eleitoral.

As mulheres argentinas tiveram nesse movimento um papel de relêvo. A União de Mulheres organizou uma grande festa para as camponesas que foram à "marcha", levando seus filhos. Foi uma confraternização comovente das mulheres cidadinas com suas irmãs do campo. Quatro automóveis cheios de doces e presentes das mulheres da cidade foram levados a essa festa.

Ali as camponesas contaram às mulheres da UMA que exigiam, junto com seus maridos, as terras em que trabalhavam, porque estas lhes pertenciam de fato. Uma delas contou como têm seus filhos: muitas vezes quase à porteira do chiqueiro dos porcos, no meio do campo, sem tempo para alcançar a palhoça onde moram. Cortam o umbigo com os dentes e no dia seguinte já as espera a terra para cuidar...

MOMENTO FEMININO

MARIA DA PAZ FEZ UM ANO

DO Ceará, as senhoras da União Feminina de Marupiára escrevem a "Momento Feminino", contando a festinha de aniversário da Maria da Paz. Que importância especial tem a pequena vida de Maria da Paz para que a União Feminina fale de sua festa, quando há tantas crianças a aniversariar Brasil a fora, e também no Ceará?

As senhoras de Marupiára contam: um dia, há um ano atrás, foi uma comissão de mulheres da União Feminina visitar o albergue Getúlio Vargas. Ali estavam alojadas as vítimas da seca, criaturas que abandonavam aos milhares as terras calcinadas do sertão e vinham para os arredores da cidade procurando escapar à morte pela fome. Reuniam-se no albergue, em condições que pouco se assemelhavam à humana. Nessa tarde as crianças choravam de fome, as mães de desespero. Acabara a água na bica. E a água era seu sustento, porque com ela faziam o pobre chá de ervas com que enganavam a fome dos pequenos.

Num grupo estavam Maria da Paz — um garrancho de gente, sua mãe e seus irmãos. Espalhados pelo chão, de qualquer jeito. Maria da Paz não chorava. Não tinha mais fôrças, "estava passada de fome". O pobre corpinho, que começava a esfriar, estava embrulhado num pedaço de saia da mãe. Esta, que não tinha uma gota de leite, pedía às mulheres que vinham visitar a hospedaria para levarem sua filha. Mas ninguém se animava, receando que a menina lhes morresse nos braços.

As senhoras da União Feminina de Marupiára aproximaram-se. Souberam que a menina nascera de 7 meses, há 10 dias. Sua mãe perdera o navio em que ia em-



barcar para os seringais do Pará, por causa do parto. E os encarregados de contratar os infelizes retirantes para levá-los ao "inferno verde" da Amazônia lhe ordenaram que desse a criança a qualquer pessoa. Doía-lhe o coração de mãe, mas era melhor do que ver a filha morrer à mingua...

Foi assim que Maria da Paz saiu dos braços aflitos de sua pobre mãe para se tornar filha adotiva das senhoras da União Feminina de Marupiára.

Destas senhoras, a que a guarda consigo, declarou na festa do primeiro aniversário da Maria da Paz: "Quando a tomei nos meus braços, estava no firme propósito de velar por ela e de lutar para defender nossos sagrados direitos de criar nossos filhos, para não ver nunca mais uma mãe ser obrigada a dar seus filhos!"

"Momento Feminino" envia seu abraço a Maria da Paz e às senhoras da União Feminina de Marupiára, que tão bem traduzem os anseios e as aspirações de milhares de mães brasileiras.

DOENÇAS NERVOSAS E MENTAIS

DR. FRANCISCO DE SÁ PIRES

PSICOTERAPIA E ANÁLISE

PROFESSOR DE CLÍNICA PSIQUIÁTRICA

Rua Santa Luzia, 732, S. 718 — 7.º and. — Diariamente

SUICIDOU-SE O SR. GETULIO VARGAS

O SR. CAFÉ FILHO, NOVO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Nossa revista já estava em fase final de impressão quando o país foi surpreendido com o trágico desaparecimento do Sr. Getúlio Vargas, que se suicidou com um tiro no coração. O ex-Presidente da República foi levado ao gesto extremo em virtude de forte pressão de certos círculos interessados em sua renúncia. O Sr. Vargas deixou uma carta amplamente divulgada denunciando "grupos internacionais e nacionais" que faziam violenta pressão sobre a economia nacional.

Verdadeira multidão visitou o cadáver exposto no Palácio do Catete. No dia 25 de agosto o corpo foi trasladado para S. Borja, onde nasceu o Sr. Vargas. Centenas de milhares de pessoas emocionadíssimas acompanharam o féretro até o aeroporto. Houve sérios choques entre populares e a polícia, resultando mortos e feridos. Em quase todos os Estados registraram-se grandes movimentos populares demonstrando o profundo descontentamento popular contra os acontecimentos políticos.

O Sr. Café Filho, então Vice-Presidente da República, tomou posse do governo num ambiente de grande tensão.

Preço Não Pode Subindo Como

A banha, a carne, batatas e açúcar fora do cardápio diário — O café está a 60 cruzeiros o quilo, preço proibitivo. E somos os maiores produtores — Apertem os cintos, diz o govêrno: NÃO, gritam as mulheres!
QUEREMOS O CONGELAMENTO DOS PREÇOS!

As mulheres estão compreendendo que têm que resolver juntas as suas dificuldades. As que vemos na fotografia, com seus filhos, acamparam nos corredores da Câmara Municipal, ali ficando dia e noite, até que os vereadores aprovaram um projeto que desapropriava os terrenos da favela do Morro da União, onde moram.

Reportagem de LÉA SÁ CARVALHO



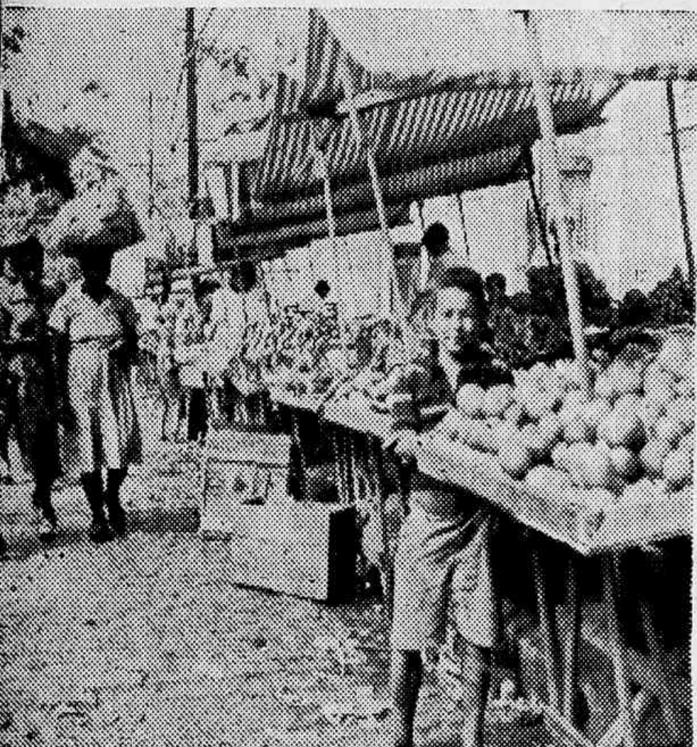
MANDEI colocar sola nos sapatos do meu garôto. Afinal fazia dois meses que eu pagara 250 cruzeiros por êles. O sapateiro, com voz melancólica, avisou:

— “E’ 100 cruzeiros, madame! E eu não tenho culpa. O couro que há 5 anos custava 12,00 o quilo, agora custa 80,00. Não posso fazer nada. A senhora precisa reclamar do govêrno!”

Na feira, na barraca dos tomates era grande a fila. Consegui chegar perto: 13,00 o quilo.

— Não adianta reclamar, madame.

Meio dia, hora de acabar a feira. O garôto favelado espera impaciente que as barracas sejam recolhidas, para apanhar uma laranja aqui e ali uma fôlha de verdura. Os gêneros, como se vê, vão ser de novo encaixotados e seguir o caminho das quitandas, onde são vendidos ainda mais caros, a quem pode comprar. Da forma por que sobem os preços, as donas de casa compram cada vez menos. Voltam da feira com os sacos quase vazios.



Estou comprando no mercado municipal a 12. Não posso fazer nada.

Fui ao açougue. Faltava carne, mas havia figado, miúdos e filé mignon. Também porco e vitela. Mas o corpo do boi não existia.

— A culpa é dos frigoríficos. O govêrno quer que paguemos mais aos frigoríficos e não deixa a gente aumentar. Achamos que não se deve mesmo aumentar o preço, mas os frigoríficos também não têm êsse direito! Não se pode fazer nada.

Afinal, eu já estava achando ruim essa história de “não se pode fazer nada”.

No armazém, a banha, o açúcar e a batata, estavam mais caras. E o vendeiro tornou a repetir a frase batida: “A culpa não é minha”.

Acontece que o dinheiro não dava para as compras. Eliminamos uma porção de coisas da comida diária. E procuramos uma solução. Nossos olhos depararam com uma notícia no jornal: “O govêrno toma sérias medidas para o congelamento dos preços”. Fomos diretas. Lemos de ponta a ponta e a conclusão da 8.ª mesa redonda do Conselho Técnico do Comércio era simplesmente a seguinte: “Não se pode fazer nada”.

Isso era demais. Concordáramos com o sapateiro, o açougueiro, o feirante e o vendeiro que se queixavam dos grandes exploradores, do govêrno que nada fazia para congelar os preços. Mas que o próprio govêrno venha dizer a mesma coisa, não é possível!

E vimos então que a solução era outra. A Comissão Feminina Contra a Carestia, congregando mulheres de todos os setores, não ia atrás do “não se pode fazer nada”.

E começou a luta pelo “congelamento dos preços”. A carestia precisava ser detida, de qualquer maneira. Não mais se admitia o conformismo enquanto a

comida desaparecia. O govêrno manda novamente apertar o cinto, mas as mulheres gritam: “Não”!

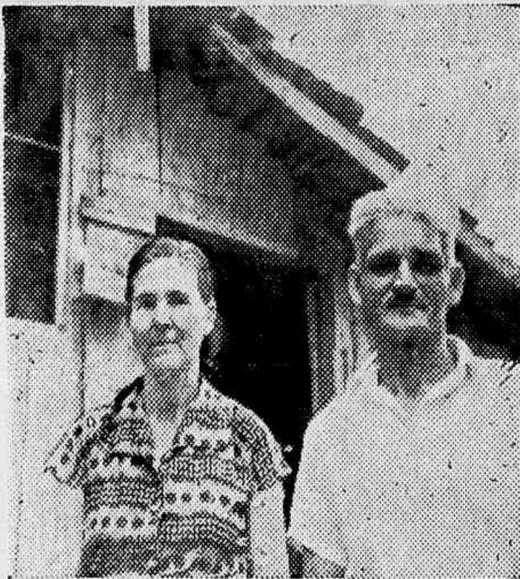
O movimento se estendeu como rasilho de pólvora. Listas e mais listas com centenas de assinaturas exigiam providências imediatas. No Largo da Carioca, no Largo de S. Francisco, na Praça Tiradentes, as mulheres aderiam à campanha e pegavam listas para colher assinaturas. Encostado num poste, com ar arrogante, um policial olhava a “agitação”. Adiante, um carro da Rádio Patrulha. Uma senhora, entusiasmada com a campanha, aproxima-se:

— Assine aqui, moço.

COMISSÃO FEMININA DE COMBATE A CARESTIA — E’ sob essa denominação que as cariocas dão combate à alta dos preços e exigem seu congelamento. Na fotografia os cartazes que levaram a uma concentração na Câmara Municipal. Diariamente aumenta o número de pessoas que assinam, nas mesinhas que põem na rua, o memorial exigindo o congelamento dos preços.



Continuar Balão



O policial não respondeu. E a senhora argumentava.

— Todos nós precisamos assinar. Assim não é possível. A banha a 48, carne a 28, açúcar a 7,20, leite a 5,20, arroz a 12...

O policial continuava imóvel, olhando para os lados, sem saber o que fazer. Era perigoso usar da sua contumaz brutalidade. Os ânimos estavam exaltados e a campanha era de domínio público. Afinal resolveu-se por um sêco "Não".

— Não? O senhor está mal vestido. Não me parece um "tubarão". E só mesmo os tubarões ou os homens das negociatas do governo podem ser contra o congelamento. O que é o senhor? Ah! Já sei! É um policial!

Virou as costas e o policial abaixou a cabeça. De nada lhe adiantava chamar a rádio patrulha, usar seu revólver ou casse-tete. Estava isolado no meio do povo. A campanha ganhara as ruas e a necessidade impulsionava todos a procurar soluções imediatas.

Nada, nem os policiais, nem o governo, nem a propaganda podem deter agora a campanha pelo congelamento dos preços. Não queremos morrer de fome. Não podemos mais apertar os cintos. Podemos e faremos novas coletas, passeatas e exigências, até que possamos levar novamente para a cozinha, a preços razoáveis, a comida de que necessitamos.

★

ASSIM fizeram as mulheres, no Rio de Janeiro, onde a vida está insuportável. Da mesma forma as mulheres do Paraná, unidas com os Sindicatos, fizeram um comício bradando pelo congelamento dos preços. No Distrito Fe-

D. Venina Panicé da Rocha e seu marido, Sr. Manoel Barbosa da Rocha, moram na favela da Rocinha. São vítimas da carestia, como quase todo o mundo nesse Distrito Federal, especialmente os pobres. Disse D. Venina à nossa reportagem: "Há muito tempo que eu falo: a nossa classe devia se unir... fazer como fazem os estudantes. Toda a vez que querem uma coisa eles se reúnem e conseguem o que desejam. Assim, também unidas, ao lado de todas as donas de casa do povo, nós poderemos botar um paradeiro na luta dos preços."

deral já foram em comissão ao Palácio do Catete, entregar ao Presidente da República quase 7 mil assinaturas pelo congelamento.

★

OUTRA força organizada também se empenha em fazer parar os preços, que sobem como balões em tarde de ventania: os operários. Depois do novo salário mínimo — que muitos patrões não querem pagar — resolveram fazer batalha pelo congelamento. No Distrito Federal, ainda há pouco, realizaram um grande comício, em São Cristóvão. As mulheres estavam lá: União Feminina do Distrito Federal, Associação das Donas de Casa de Sta. Teresa, União Feminina Pedro Ernesto-Ramos, Comissão Feminina contra a Carestia.

Em São Paulo, o mesmo. Comícios, protestos. E no Rio Grande do Sul, melhor ainda: vendo que o governo não quer resolver nada, os trabalhadores fizeram 24 horas de greve, exigindo a aplicação do salário mínimo e o congelamento dos preços.

A campanha cresce, vai terminar com a vitória...

★ ★ ★

Preços altos, no Brasil. Queixam-se do mesmo as mulheres da Venezuela. No Chile, dizem, os preços sobem em três vezes com relação a 1945. E' o mesmo na Argentina, no México ou em Costa Rica. Mais um problema comum à América Latina — alimento para os lares do Continente.

Quais as causas dessa calamidade, contra a qual se mobilizam as mulheres? A CONFERÊNCIA LATINOAMERICANA as estuda.

A MULHER E O DIREITO

(Extraído do boletim "Mujeres", editado pela Secretaria de Propaganda da "União Nacional de Mulheres" da Venezuela)

"Muito se tem falado sobre a igualdade jurídica entre a mulher e o homem.

Cumprem nossas leis este princípio? Podemos dizer que sim, em parte, uma vez que na legislação do Trabalho se estabelece o princípio de salário igual para trabalho igual; sim, o Código Civil estabelece a igualdade para o matrimônio; sim, a Constituição nos faz iguais perante a lei. Mas é certo também que muitas de nossas leis especiais encerram disposições que contradizem o princípio constitucional. Podemos anotar a incapacidade de a mulher casada, comerciar, sem a permissão de seu marido; a diferença das penas aplicadas pelo legislador com relação ao delito de adultério. Direito de morte é dado ao marido nos casos de surpreender em adultério a mulher, o que se conhece como delito de uxoricídio por adultério. Mas esse direito é negado à mulher, no mesmo caso.

Mas devemos fazer constar que na realidade nem sequer as disposições igualitárias que se encontram nas leis são cumpridas na prática. Por isso, torna-se cada vez mais imprescindível que as mulheres conheçam seus direitos e lutem por conservar os já obtidos e por alcançar os que até agora lhes foram negados pelas leis e os costumes de nosso país".

—//—

HAVERÁ grandes diferenças entre a situação jurídica das mulheres venezuelanas e das mulheres brasileiras, consideradas pelo Código Civil da mesma forma que os chamados "relativamente incapazes", ou seja, os menores e as tribos indígenas?

Acaso os dispositivos da Constituição que nos garantem igualdade de direitos são cumpridos? Ou os dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho, que protegerá a maternidade e a infância, acaso são uma realidade prática?

SÃO PROBLEMAS DAS MULHERES LATINO-AMERICANAS APRESENTADOS A CONFERÊNCIA.

Como Vive Uma Tecelã Brasileira?

(Conclusão da pág. 25)

madrugada, prepara a comida como pode e arruma na marmitta; sai correndo para a estação para pegar o "Maria Fumaça". Apertada de todo o lado, empurrada, faz a viagem de pé, consumindo energias. Se chega à fábrica com 5 minutos de atraso é descontada e perde o direito ao domingo ou a algum feriado que haja na semana.

O mesmo acontece se tem em casa um filho doente. Perde o dia em que falta e perde o domingo...

A visita ao Sindicato nos desafogou da penosa impressão que tínhamos experimentado ao conversar com aquelas mulheres, que contribuem com seu esforço anônimo para os enormes lucros dos indus-

triais de tecidos e a beleza dos desfiles de modas de Copacabana e Coberville. Para aliviar sua vida difícil agrupam-se em torno de seu Sindicato, porque aprenderam a lição simples e eficaz da máxima popular: "A união faz a força". E quando chega o momento de demonstrá-lo estão à frente da batalha para fazer valer seus direitos.



Ho-Chi-Minh, presidente da República Democrática Popular do Viet-Nam. Foi eleito em 1946, no primeiro pleito livre realizado no Viet-Nam (Hanan, Tonkim, Cochichina). Liderou, antes, à frente da Liga pela Independência do Viet-Nam (Viet-Minh), a luta para expulsar os japoneses da Indochina. A França, depois de havê-lo reconhecido oficialmente como chefe de Estado, recebendo-o em Paris com tôdas as honras, exigiu um estatuto especial para a Cochichina e, finalmente, em dezembro de 1946, atacou o Viet-Nam. Durante a sangrenta luta de oito anos que mantiveram com os colonialistas, para resguardar a independência de sua pátria duramente conquistada, os vietnamitas inflingiram crescentes derrotas às tropas invasoras. Culminaram na grande batalha de Dien-Bien-Phu. A conferência de Genebra, celebrando o armistício, abre ao Viet-Nam uma fase de reconstrução e independência, ardentemente desejada por este bravo povo, cujas lutas pela emancipação nacional datam de quase um século.

PAZ PARA A INDOCHINA E A FRANÇA --

— DESAFÔGO PARA O MUNDO

CESSOU, finalmente, a guerra da Indochina. O mundo recebeu a notícia com uma sensação de desafôgo.

Entre os povos atingidos diretamente por êsse conflito de oito anos um hino de alegria substituiu a sensação permanente de angústia, o choro desesperado das crianças, a dor sem consôlo no coração das mães. As mães indochinesas e francesas; sobretudo, receberam a paz no Viet-Nam como o maior bem a que aspiravam. Em Paris, Saigon e Hanoi uma alegria igual explodiu no peito de mulheres latinas e asiáticas. Seus filhos estavam livres do monstro que os fazia perecer aos milhares, cada ano. E essa alegria se espalhou ao Senegal, ao Marrocos, onde homens negros e árabes eram levados a conduzir a morte e a perecer numa guerra fatídica e criminosa, que consultava somente os interesses da pilhagem colonialista.

Os franceses saudaram nas ruas, na imprensa e nos "meetings" o fim daquilo que denominavam "guerra suja". Uma guerra em que pereciam todo ano mais oficiais do que os saídos de Saint-Cyr — a famosa academia militar francesa — em cada formatura. No Viet-Nam as mulheres, em tôdas as ocasiões, em tribunas mundiais, proclamavam a vontade de paz de seu povo. Sabem que lhes acenam agora, de todos os pontos do mundo, as mãos de suas irmãs de tôdas as raças, expressando ardentes votos de que possam realizar seus sonhos de vida feliz.

Impera na Guatemala A VIOLÊNCIA E O TERROR FASCISTA

UMA voz se ergueu na América, na Conferência de Caracas. Não puderam abafá-la as vozes submissas dos governantes dessa parte do mundo, porque os aplausos dos povos inconformados do Continente a tornaram mais forte e acusadora. Era a voz de Guatemala, refletindo protestos contra a intervenção norte-americana que se queria sacramentar, assinalando aspirações de independência e soberania da pequena República e dos povos latino-americanos.

O que veio depois sabe-o o mundo inteiro — foi um insulto lançado à sua face, a vitória da força sobre o direito. O Departamento de Estado, sem procurar mesmo esconder sua responsabilidade, armou o braço de novo verdugo, encomendando-lhe a tarefa de abafar a voz da liberdade. E na terra dos lagos azuis e vulcões pachorrentos avultou a mancha de sangue que cobre o peito dos "querzais", o pássaro verde-esmeralda símbolo da insubmissão de um povo à tirania.

Sob o influxo da liberdade em seu país, a mulher guatemalteca abandonava a condição de dependência que o atraso dos povos faz mais dura. Agrupada em tôrno da União Feminina Guatemalteca desenvolvia intensa campanha para que o nível da camponesa se tornasse mais elevado, o analfabetismo deixasse de existir e a mulher se incorporasse como elemento ativo da comunidade social. Ajudava a efetivar a reforma agrária, participava do esforço de construção do governo Arbenz para tornar a Guatemala um país economicamente independente.

Mas os verdugos de América consideram um crime o progresso. E criminosos os que para êle contribuem. Foi assim que ao lançarem bombas de gasolina gelatinosa sobre uma cidade indefesa — a capital guatemalteca — atingiram mortalmente uma criança, como uma advertência do castigo que pretendiam infringir às que se rebelavam contra a condição de escravas.

A história nos diz que só momentaneamente a força sufoca a liberdade. O destino dos tiranos é precário, a liberdade imorredoura, porque representa o anseio de milhões.

Uma criança foi sacrificada no centro da América, espalhou seu sangue no peito do Continente. Homens simples da Guatemala, lares humildes e esperançosos de camponeses, foram destrôçados a ferro e fogo.

As mulheres latino-americanas que agora se reúnem compreendem que forjar sua unidade representa uma resposta a êste assalto contra o progresso e um elo a mais na batalha comum pela liberdade, que impedirá novas lágrimas e novos crimes.

Falecim nro

D. LEONIDIA CARDOSO

Em julho último deixou de viver uma mulher valorosa, exemplo de altas virtudes cívicas — a Sra. Leonidia Cardoso. D. Leonidia foi a esposa dedicada do Marechal Joaquim Inácio Cardoso, figura histórica das lutas republicanas. E era progenitora dos generais Felicíssimo e Leônidas Cardoso, nomes destacados das grandes campanhas pela libertação econômica de nosso país e hoje integrantes da Diretoria da Liga Pela Emancipação Nacional, que nela encontraram sempre o mais vivo estímulo a suas atividades patrióticas.

"MOMENTO FEMININO" associa-se ao pesar que atingiu a família dos dois ilustres militares e anuncia a suas leitoras que no próximo número publicará alguns episódios da vida de D. Leonidia, figura exemplar de mãe e cidadã.

Faça uma assinatura anual de sua Revista

Recorte, preencha e envie êste talão para Ethel de Souza — Rua Evaristo da Veiga, 16, sala 808 — Rio de Janeiro, acompanhado da importância de Cr\$ 35,00 em cheque ou vale postal.

Nome

Rua N.º Bairro

Cidade Estado

O QUE VAI PELO MUNDO

Toronto, Canadá — Regina Frederick Drake, presidente da Liga de Mulheres Católicas, discursando na 34.^a Reunião Anual do Conselho Diocesano, protestou contra a literatura imoral e contra espetáculos impróprios de moldes pagãos e obscenos, que escandalizam a vida da família cristã. Seguiu declarando que os canadenses fracassaram nesse sentido, não tendo cumprido seu dever, devendo pois protestar violentamente contra a violação das leis sobre moralidade, já que o governo não reage.

Chipre — Foram colhidas mais de 10.000 assinaturas para um memorial de protesto contra a construção de bases militares na ilha.

Exploração de mulheres japonesas — Nas fábricas de tecelagem da Companhia "Ohmi", as mulheres entraram em greve. A grande maioria das operárias é composta de adolescentes que são exploradas, trabalhando muito além do horário estabelecido. São mal alimentadas, dormindo em locais superlotados; só podem sair do recinto da fábrica com permissão especial; sua correspondência é censurada. Se alguma operária se enamora de um companheiro de trabalho, um dos dois é imediatamente transferido para outra fábrica. O salário dos dois é diminuído sob a alegação de "decréscimo de eficiência no trabalho". O dono dessas fábricas teve ultimamente um lucro líquido de 3 milhões de dólares, sendo que seu capital, há sete anos passados, era de 30.000 dólares...

Inglaterra — Pais e professores redigiram uma petição de protesto ao "Banffshire County Council", protestando contra as péssimas condições de uma escola, cujo parque de recreio está tão estragado que chega a ser invadido pela água.

República Democrática Popular da Hungria — 200 crianças coreanas celebraram recentemente o primeiro aniversário da fundação de seu lar estabelecido pelo governo húngaro nas montanhas de Huda. As crianças organizaram uma grande

feita, cantaram e dançaram canções típicas coreanas e húngaras.

NewCastle-Austrália — 400 mulheres operárias da fábrica têxtil de "Lustre e Cia." iniciaram sua luta por melhores condições de vida. Promoveram um grande comício exigindo dos patrões que fosse instalado um sistema de calefação interna. Também reivindicaram a instalação de ventiladores e outras melhorias para o verão.

Grécia — Segundo dados fornecidos pelo Ministério do Trabalho, a mortalidade infantil nas aldeias gregas atinge à espantosa cifra de 50 %.

Colorado Springs — Estados Unidos — O Conselho Nacional dos Juizes de Côrtes Juvenís pediu que fossem declaradas ilegais tôdas as revistas de histórias em quadrinhos e tôdas as revistas nas quais o crime, o sadismo, questões sexuais e cenas de terror são apresentadas constantemente. Foi declarado que estas publicações contribuem para o rebaixamento da moral das crianças. Foi também pedida a intervenção dos governos federal, estaduais e locais no sentido de serem proibidas tais publicações, assim como sua distribuição, propaganda e venda.

Nova Delhi — Índia — 13.000 mães donas de casa enviaram um memorial contra "o Mal no cinema" ao Primeiro Ministro da Índia.

"Os filmes atuais, diz o documento, estão se tornando uma ameaça nacional contra a saúde moral de nossos filhos. Tais filmes os incitam a precoces hábitos sexuais, ao crime e à decadência da sociedade. O cinema, que se tornou um grande meio de comunicação para as massas populares, deve ser um fator importante para o desenvolvimento do bem estar social e para o progresso da sociedade; entretanto, está servindo erroneamente para perverter. Os filmes estrangeiros, especialmente os americanos, conduzem ao crime e ao derramamento de sangue. O governo tem o dever de impedir que isso continue".
(Dos boletins da FDM)



LEDA SA

ISRAEL SJAUMBRUM, jovem pintor, laureado com medalha de ouro da ENBA e possuidor de outros prêmios em salões oficiais, apresentou seus mais recentes quadros na ABI. A exposição foi visitada por destacadas figuras intelectuais, sendo sua obra elogiada por professores, críticos e jornalistas.

★

NOS salões do Museu de Belas Artes assistimos ao VI Salão Municipal da Cidade do Rio de Janeiro, patrocinado pela Sociedade Brasileira de Belas Artes. Esse salão, como em todos os anos, despertou bastante interesse entre os artistas plásticos cariocas.

★

CADA vez mais concorridas têm sido as exposições do Diretório no Distrito Federal.

Acadêmico da ENBA. Por uma feliz iniciativa do diretório foi realizada, durante o mês de julho, uma mostra de quadros do corpo docente da escola. Assim, tiveram os alunos a oportunidade magnífica de conhecer trabalhos de seus mestres. Em agosto outra exposição foi feita no diretório, dessa vez organizada pelo grupo "Vida, Valor e Arte". Novamente professores e alunos apareceram lado a lado, dando com isso um esplêndido exemplo de compreensão e bom entendimento que deve reinar entre mestres e discípulos para maior proveito de ambos.

O grupo "Vida, Valor e Arte" também patrocinou uma semana de conferências no salão da diretoria da escola.

Parabéns à Escola Nacional de Belas Artes que tem conseguido, através dessas organizações, um clima mais elevado para a pintura

'MOMENTO FEMININO' Sobe o Morro

(Conclusão da pág. 15)

O "MORRO DA UNIÃO" OCUPOU A CÂMARA MUNICIPAL

O terrível drama dos 500.000 favelados do Distrito Federal agrava-se com os despejos constantes ordenados pela Justiça para atender à ganância dos proprietários dos terrenos e morros por onde se espalham as favelas.

A única solução de emergência que pode evitar de jogar ao relento milhares de favelados é a desapropriação dessas áreas pela Prefeitura. Essa medida deve ser aprovada pela Câmara de Vereadores. Havia um projeto visando desapropriar o Morro da União mas a maioria dos Vereadores preferia fazer o jogo dos milionários donos dos terrenos. A cidade assistiu então a um espetáculo inédito: milhares de homens, mulheres e crianças, carregando cartazes e faixas com frases sugestivas, ocuparam a Câmara Municipal, exigindo a aprovação do projeto que lhes garantiria os tetos pobres.

Durante 24 horas ali permaneceram, até que viram atendidas as suas pretensões. Várias senhoras tiveram que ser socorridas, a Associação Feminina do Distrito Federal prestou assistência e forneceu alimento às crianças. A polícia compareceu mas orientados pela União Geral dos Favelados que surgiu de outros movimentos verificados no Morro do Borel, Santa Marta e outros, ali permaneceram em ordem aquelas milhares de pessoas.

Obtiveram os favelados uma grande vitória. Resta agora que consigam melhoramentos que tragam um pouco de asseio e conforto aos seus tristes lares, já que os atuais poderes públicos são incapazes de encontrar-lhes outra solução.

MOMENTO POLÍTICO

UMA delegação de parlamentares japoneses em visita ao Brasil deu uma entrevista coletiva à imprensa. O chefe da delegação, Sr. Tokuya Furuhatam declarou: "Com a ocupação americana no Japão certos costumes morais e sociais inconvenientes à índole do nosso povo foram implantados." Declarou ainda que em consequência das explorações atômicas ocorridas sobre o Japão pelos Estados Unidos, está-se operando profunda modificação na temperatura, o que vem causando grandes danos materiais, notadamente nas culturas agrícolas e indústrias de pesca. O parlamento japonês aprovou duas resoluções, por unanimidade: sobre a proibição das armas atômicas e sobre o controle da energia nuclear."

NA Guatemala, agora novamente nas mãos de agentes da United Fruit, foi assassinada a Sra. Haydée Godoi, Secretária da Aliança Feminina Guatemalteca. Foi anulada a lei agrária e instituído um regime de terror.

O Sr. Adlai Stevenson, candidato democrata às últimas eleições nos EE. UU., declarou: "O prestígio internacional dos Estados Unidos se acha, atualmente, no nível mais baixo da história deste país."

EM Moscou foi inaugurada, no dia 3 de agosto, a Exposição agrícola da URSS. Foram construídos diversos hotéis nas proximidades do local da Exposição para hospedar milhares de visitantes. No primeiro dia, mais de 35 mil convidados do país e do exterior visitaram várias dependências da Exposição. Para percorrer todos os pavilhões são necessários cinco dias. Há pavilhões de mecanização e eletrificação, foram plantadas milhares de árvores e arbustos, pomares, flores aos milhares, granjas-modelo, pavilhões de pecuária etc. Um pouco, pesando mais de meia tonelada, atraiu a atenção de milhares de pessoas. A Exposição será permanente, renovando-se à medida dos progressos agropecuários da URSS. Entre os pavilhões, há restaurantes para os visitantes.

FESTEJANDO o bom término da Conferência de Genebra, foi oferecida uma recepção ao Ministro do Exterior da República Popular da China, Chou En Lai, em Moscou, por Molotov. Estavam presentes os embaixadores da Inglaterra e da Índia, entre outros. A recepção decorreu em ambiente cordial e festivo.

NUM comício em Nova Delhi, o primeiro ministro Nehru afirmou perante mais de 100 mil pessoas que o acordo de Genebra, que pôs fim à guerra da Indochina, é uma grande vitória para todo o mundo que deseja a paz.

NO bairro de Copacabana, no Rio, houve um atentado contra o Sr. Carlos Lacerda, diretor da "Tribuna da Imprensa", no qual perdeu a vida o seu acompanhante, major Rubem Vaz. O fato teve grande repercussão, ocorrendo protestos no centro da cidade, no dia da missa de 7.º dia do Sr. Vaz. A polícia atirou bombas de gás lacrimogênio e fez disparos de arma de fogo contra os manifestantes. Populares incendiaram um carro de propaganda eleitoral do PTB e arrancaram várias faixas de propaganda do Sr. Lutero Vargas, apontado como mandante do crime. Certos grupos políticos tentaram criar um clima próprio para um golpe militar. Na Câmara Municipal do Rio o Sr. Aristides Saldanha, do PCB, fez um discurso contra o governo do Sr. Getúlio Vargas e contra o Sr. Carlos Lacerda e seu grupo. Esse discurso teve grande repercussão na cidade.

A propósito desses acontecimentos, o jornal americano "Washington Tribune Herald" disse que o incidente entre os Srs. Vargas e Lacerda "não provocará interrupção das boas relações entre o Brasil e os EE.UU."

NO XVII CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDANTES, realizado na Universidade Rural, no Rio de Janeiro, foi apresentado um programa mínimo incluindo reforma agrária, condenando a exportação de manganes e pedindo imediatas relações comerciais com todos os países.

COM a liberação da carne na Inglaterra, os preços do produto aumentaram assustadoramente. As donas de casa "boicotaram" a carne, organizada, e os açougueiros foram obrigados a baixar os preços.

NA Alemanha ocidental houve um violento protesto contra os norte-americanos, devido a uma ordem de evacuação de 25 casas de cidadãos alemães para dar lugar a membros das forças norte-americanas. Os estivadores e a direção sindical de Bremerhaven apóiam o protesto. O Prefeito local declarou que se trata do "protesto de pessoas que se sentem vítimas de uma injustiça."

OS governos da Dinamarca e Suécia protestaram junto ao governo dos Estados Unidos contra as leis que exigem que os marinheiros dos navios mercantes estrangeiros obtenham vistos americanos para poder desembarcar em território norte-americano.

DURANTE os seis primeiros meses deste ano aumentou em 11% o número de crimes cometidos em Nova Iorque. Tais declarações foram feitas pelo prefeito de polícia da cidade num programa de televisão.

NA Índia houve várias manifestações populares contra o domínio português em Goa, Diu e Damão, possessões portuguesas e território hindu. O governo português tentou reagir contra esse movimento de libertação dos hindus mas agora já se fala em conversações para resolver a questão por meios pacíficos. O Senhor Nehru, primeiro ministro da Índia, manifestou-se disposto a manter essas conversações.

BIBLIOGRAFIA

Donos do Orvalho — Romance de Jacques Roumain.

JACQUES ROUMAIN é o maior escritor haitiano, sendo o seu livro, que ora aparece em português na coleção "Romances do Povo", considerado uma das melhores obras latino-americanas de atualidade, já traduzida em mais de 20 idiomas.

Num estilo simples e poético, o autor que é profundo conhecedor dos problemas dos camponeses pobres do Haiti, relata a vida dessa gente e a luta que trava para melhorar a terra que lhes pertence. Os costumes do ambiente e aspectos do local, cujo cenário são as montanhas e os vales da República negra das Antilhas são descritos com admirável realismo.

O livro gira em torno de um lindo romance de amor; Manuel e Annaise são dois filhos da terra, cuja ternura emocionada, mas suas famílias são inimigas e o romance dos jovens é ameaçado pelo ódio e pela vingança de um perigoso rival.

A leitura de "Donos do Orvalho" prende, da primeira à última página, levando-nos a conhecer mais um belo país, seu povo e suas lutas.

GRUPO TEATRAL DA JUVENTUDE

(folclore brasileiro)

Venha dançar e cantar Baião, Côco, Maracatu, danças brasileiras. Conservemos o que é nosso!

RUA DA CARIOCA, 30 (das 18 às 21 hs.)

DICIONÁRIO DE PRONÚNCIA DA LÍNGUA FRANCESA

de EDGARD LIGER-BELAIR
do Colégio Pedro II

Aqui está o livro que faltava ao Professor, ao Aluno de Francês de qualquer grau e aos estudiosos em geral.

Facilita consideravelmente o estudo da língua de Voltaire, eliminando o medo de errar na pronúncia, que domina, com frequência, o estudante.

Livro prático, escrito por professor experimentado, trata da pronúncia das letras, fonemas, sílabas e vocábulos em si e em conjunto, dos vocábulos conforme sua função na frase, assim como das influências sofridas eventualmente de outros vocábulos; trata, ainda, da pronúncia dos números, que possui regras próprias, etc.

Texto em português e francês, acompanhado, quando necessário, da pronúncia figurada, para maior clareza.

Já adotado em diversos estabelecimentos de ensino.

Atende-se pelo Reembolso Postal — Cr\$ 25,00

Nas Livrarias ou diretamente na Editora

CONQUISTA

Av. 28 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro

CLINICA CAMPOS DA PAZ

Direção: DR. A. CAMPOS DA PAZ FILHO

Tratamento do Casal Estéril — Clínica e Cirurgia de Senhoras — Clínica de Prevenção do Câncer Genital Feminino.

DR. AFRANIO DE ALENCAR MATOS

Assistência à Gestante — Partos — Doenças e Operações de Senhoras.

DR. LUIZ DA COSTA LIMA

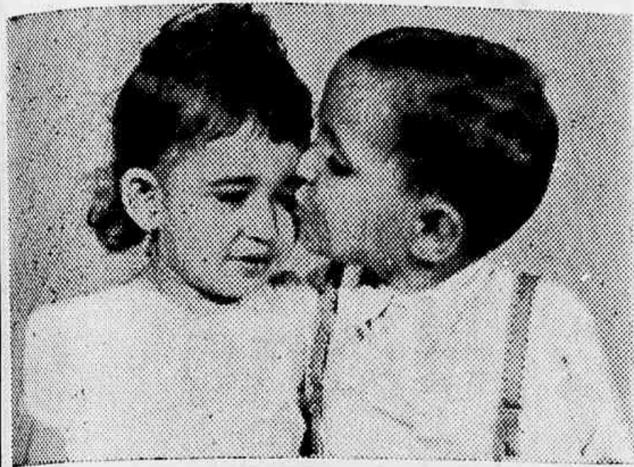
Doenças e Tumores do Seio — Câncer — Cirurgia.

DR. CARLOS CAMPOS

Radiodiagnóstico Especializado.

Rua São José, 50 — 4.º andar — Diariamente, das 15 às 19 horas CONSULTAS COM HORA MARCADA
TEL. 42-7550.

NOSSOS GAROTOS



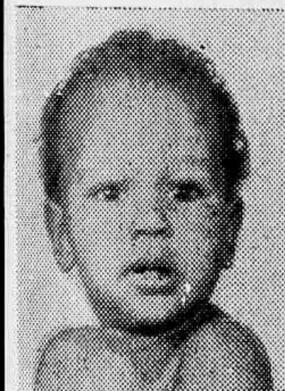
Dickson e Sônia Maria, filhos do casal Roseniva e José Rodrigues de Freitas, nossos amigos de Nova Iguaçu — Estado do Rio.



Vânia, filha da Sra. Deusina Goulart, de Uruguiana — Rio Grande do Sul.



Nádia, filha de Ítala e Rafael Carvalho — Distrito Federal.



Renato Ribeiro de Oliveira — Juiz de Fora — Minas Gerais.



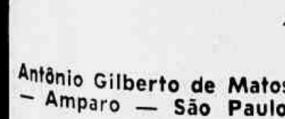
Ivo Marx, filho de D. Ned Pereira Soares, de Ribeirão Preto — São Paulo.



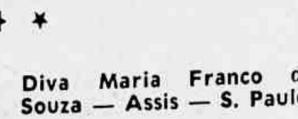
Palestina Rolim — Lins — São Paulo.



Luiz Carlos Dias de Lima — Santa Maria — Rio Grande do Sul.



Antônio Gilberto de Matos — Amparo — São Paulo.



Diva Maria Franco de Souza — Assis — S. Paulo.



“A Sorte do Mundo



ESTÁ EM NOSSAS MÃOS”

MULHERES DE TODOS OS CONTINENTES PRONUNCIAM-SE CONTRA O TERROR ATÔMICO

INDONÉSIA — Trezentas delegadas ao Congresso Nacional da União de Mulheres da Indonésia adotaram uma resolução no sentido de serem banidos os meios de destruição em massa e aclamaram a Conferência de Genebra.

★

ITÁLIA — N II Conferência Nacional da União de Mulheres da Itália ficou aprovado organizar uma grande campanha entre as mulheres italianas esclarecendo sobre o perigo dos engenhos atômicos, conclamando-as a lutar pela interdição dos meios de destruição em massa. Ficou decidido enviar milhares de cartas concitando os leitores a pedirem imediata suspensão das experiências atômicas que apavoram o mundo.

★

ESTADOS UNIDOS — Mulheres americanas enviaram milhares de cartas aos jornais pedindo a interdição das experiências atômicas e pedindo a proibição dos meios de destruição em massa. A Senhora Marthy Ranto, de Cleveland escreveu para o “Cleveland Press”: “A única solução justa e sensata para essa coisa monstruosa é a suspensão imediata da fabricação dessas bombas e a destruição das que já existem (se é pos-

sível essa destruição de maneira segura) mas NUNCA utilizá-las. Só assim tranquilizaremos nossos corações e poderemos pensar em paz para todo o mundo. Somos bastante civilizados para fazer isso? Penso que sim.”

★

INGLATERRA — Engenheiras inglesas, na conferência de sua União, fizeram um caloroso apelo a todos os povos e às Grandes Potências pedindo a imediata proibição da bomba H, tendo em vista as recentes experiências atômicas no Pacífico.

A Columbia Broadcasting Company transmitiu, num programa de televisão, um apelo das mães de Coventry às mães da América, pedindo que se esforcem para garantir a paz e a proibição dos engenhos atômicos.

★

DINAMARCA — A Liga Democrática de Mulheres da Dinamarca protestou junto ao governo contra as experiências com a bomba de hidrogênio. Diz o apelo: “Ninguém sabe a extensão que pode

atingir esse terrível e incontável teste sobre a terra. Pedimos ao governo da Dinamarca que se esforce para fazer parar esses testes. Apelamos a todos os povos no sentido de protestar contra essa loucura.”

★

SUÉCIA — A organização sueca da F.D.I.M. enviou ao governo do seu país um protesto contra a continuação das bombas H, pedindo a proibição dos meios meios de destruição em massa.

★

AUSTRÁLIA — A União das Mulheres Australianas fez um apelo a todas as mulheres para assegurar que a bomba H jamais será usada contra qualquer país. “Nós, as mães, precisamos erguer nossas vozes antes que seja tarde — a sorte da humanidade está em nossas mãos.”

A Sra. E. B. Freeman, Presidente do Conselho Nacional de Mulheres em Brisbane declarou: “Como todas as mulheres, deploro a guerra sob todas as suas formas. A energia atômica, usada convenientemente, pode tornar o mundo muito melhor.”

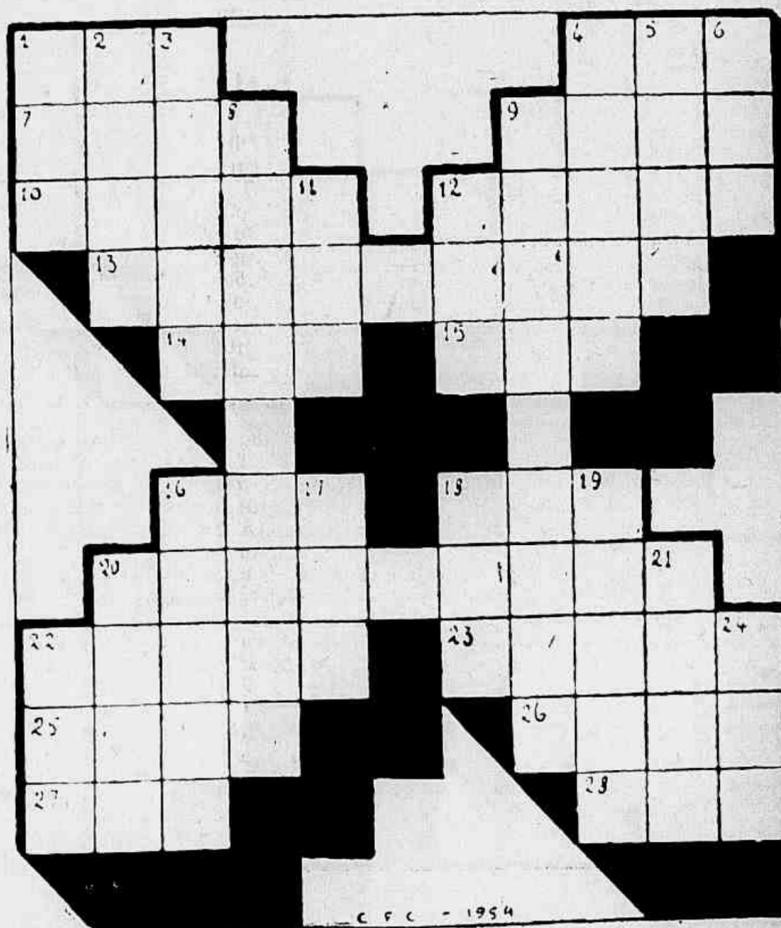
Horizontais :

1 — Senhor, patrão; 4 — Protóxido de cálcio; 7 — Gira sobre si mesmo; 9 — Irmão; 10 — Doido; 12 — Usa; 13 — Afinai; 14 — Gosta; 15 — Cloreto de sódio; 16 — Sulca a terra; 18 — Textualmente; 20 Cartas; 22 — Acrescente; 23 — Franco, sincero; 25 Dá origem a; 26 — Paixão; 27 Espaço de tempo em que a terra dá uma volta completa em torno do Sol; 28 — Borda.

Verticais

1 — Argola; 2 — Reside; 3 — Golpe de sorte; 4 — Par; 5 — Prefixo (significa “contra”); 6 — Elogio; 8 — Assista; 9 — Maça pequena; 11 — Pronome pessoal reto; 12 — Substância aeriforme; 16 — Elegância; 17 — Membro empenado das aves; 18 — Astro central de um sistema planetário; 19 — Veado do cabo; 20 — Paraíso; 21 — Sujeito afetado e hipócrita; 22 — 8.ª letra do alfabeto; 24 — Conjunção adversativa.

PALAVRAS CRUZADAS — N.º 3





O Público Francês

Não viu

Galina Ulanova

Dançar

ZENAIDE MORAIS FALA DE PARIS E MOSCOU

A França é um sonho ao qual nos acostumamos a vida toda, nós que viemos de uma geração que guarda a memória dos ideais de beleza e liberdade que ali criaram forma. Mas dificilmente seríamos capazes de acreditar que chegaria uma vez em que poríamos os olhos nos Campos Elíseos, vendo desfilar diante de nós as parisienses com sua arrojada elegância. E que Notre Dame, cheia de Victor Hugo, receberia nossa apressada visita de turista no meio dos vetustos edifícios da ilha da Cité, que o Sena abraça, cortado de pontes, exibindo seus célebres alfarrabistas. De verdade, estávamos em Paris. Sempre fôra um sonho. Mas agora era realidade. Como realidade, era diferente do sonho. Mas era melhor ver Paris que sonhá-la.

Paris é bela, altaneira, galante. Descobrimos que o Rio é famoso na França. Mas os nossos encantos de jóia suntuosa, despejados na Guanabara pelos dedos pródigos da natureza, — que nos deve ter amado muito em particular, — são diversos do encanto próprio que Paris exhibe. E' velha como os tempos, atestam seus dois mil anos. Nela cada pedra, cada lanterna da rua guarda a história, como os museus. Mas o tempo, que a vestiu de experiência, enriqueceu-lhe a forma, conferiu-lhe a audácia da certeza. E Paris se mostra como uma bela mulher que desafia as outras porque confia em seus encantos de coquete.

PARIS vestia-se para a primavera. Preparavam-se as mulheres e as árvores. Roupas novas, alegria nas fôlhas jovens e nas côres que a nova estação trazia para as ruas. Os costureiros famosos ousavam novos falhos, o encanto eterno de Paris vestia as parisienses, as ricas e as "midnettes".

Paris esperava esta primavera acontecimentos novos. A "Comédie Française" regressara de Moscou, onde fôra hóspede de honra do governo soviético. Representara nos palcos da capital socialista Molière, Shakespeare, Beaumarchais. Coisas assombrosas vinham contando de lá os atores franceses: pelo menos duas vezes por ano levam Molière à cena nos mais longínquos kolkoses da União Soviética. O povo sofre de verdadeira febre artística, seu nível cultural se revelava ao mundo como o mais elevado entre os povos da terra. Isso diziam os jornais, enquanto o público da velha Lutécia, da bela Paris, esperava ansioso pela novidade do ano — o ballet soviético. Galina Ulanova, a maior bailarina do mundo, com o famoso conjunto de ballet da União Soviética, ia exhibir-se em Paris.

NOSSA pressa de profissional que faz turismo aproveitando as pequenas folgas nos levou a Berlim, onde nos esperava a Conferência de Imprensa Feminina. E depois, pela sorte de um convite, à Moscou. Era outro sonho que se fazia realidade, sonho de uma geração onde se olha a vida com os olhos do futuro.

Moscou. A velha Rússia que enche as páginas de Dostoievsky e Tolstoi, de Tchekov e de Gorki. Moscou da Revolução proletária, como Paris foi a capital da Revolução burguesa. Decididamente, tínhamos sorte. Era-nos dado mirar o passado e o presente. Um presente que a história ainda não viveu todo, que é futuro para metade do gênero humano.

A URSS tinha recebido com os mais vibrantes aplausos a delegação de artistas franceses, que traziam Molière e Beaumarchais da pátria desses gigantes da cena. A hospitalidade ali é calorosa, fraterna, espontânea. Verificamos por nós mesmas. Recebiam com igual ênfase a modesta jornalista de uma revista feminina de combate e a uma numerosa dele-

gação de senhoras francesas. Entre elas estava a Sra. Henri de Lipkowsky, deputada ao Parlamento da França pelo partido do general De Gaulle; a mulher de um mineiro do Norte, Malvina Moura (francesa mesmo, apesar do nome); uma jovem operária católica de Lyon e uma jovem camponesa; a elegante esposa de um parlamentar; uma idosa conselheira municipal de Marselha, socialista, Mme. Thibaut.

Era delicado comentar com elas sobre a vergonha que assaltara a França. A notícia, que tínhamos desde Berlim, de que o ballet soviético fôra proibido de exhibir-se em Paris, deixava estarecidos os soviéticos. Decididamente, não compreendiam! Ou melhor, compreendiam, sim. Obtinham a prova de que aos governos ocidentais assusta até a arte — a mais superior — que se origina de um país onde venceu a classe operária...

Estávamos encabuladas pelas tradições da França, quando nos defrontamos com as francesas. A França — que durante séculos fôra símbolo de cultura para o mundo — sofria com essa proibição, partida de um Bidault qualquer, mais um rude golpe em seu prestígio tradicional.

QUANDO as conhecemos acabavam de vir da Embaixada francesa em Moscou. Mm. Monod, médica. Viera para assistir em pessoa ao novo acontecimento do século que liberta a mulher da dor — essa realidade quase inacreditável, que é o parto natural. Collette, a jornalista de "Esprit", que queria escrever um livro. Mme. Lipkowsky, a deputada, viúva de um herói da Resistência. A delicada e intelectual Mme. Boureau; uma representante da União de Mulheres Francesas e a própria presidente da delegação.

Indagamos discretamente o porque dessa visita. All tinham ido expressar o protesto da delegação contra a medida vexatória do governo francês. E fizeram o secretário da Embaixada suar uma boa meia hora, à procura de evasivas e explicações para uma posição sem defesa.

Vista do Kremlin. Quando foi batida a fotografia passava na Praça Vermelha uma delegação de mulheres coreanas.





Ulanova, em Paris, conversa com uma atriz francesa

Jean Paul Sartre visita o Kremlin



mas

Jean Paul Sartre viu Moscou

O público parisiense não viu Galina Ulanova dançar. Não viu os bailarinos soviéticos. Nós, sim. No Teatro de Ópera e Ballet tivemos a grande oportunidade que Bidault negou ao povo francês e as farras de Pina Gomalina nas mesas do hotel Nacional negam ao nosso povo. Sem nos referirmos, nesse particular, à ingerência ianque em nossos negócios internos.

A bailarina principal não era Ulanova. Mas era um sonho materializado, que se tornava coletivo nos trechos do "Lago dos Cisnes" em que a cena fica repleta. Sua idade só se pode dizer porque é uma bailarina soviética. Tem 18 anos.

As amigas soviéticas pediram nossas impressões, ao terminar o espetáculo. "Não há palavras para o que vimos. É a beleza!" — declaramos.

A manhã de primavera estava um tanto enevoada, em Moscou. Uma chuva rápida desabou à traição sobre uma fila de jovens estudantes, no jardim exterior do Kremlin. Era primavera, muitas moças usavam sapatos brancos e abrigos leves. Em benefício de sua despreocupada elegância abandonaram rápidas seus companheiros que procuravam abrigá-las. E pularam para baixo das árvores, fugindo às gotas pesadas que lavavam o passeio. Mas não tiveram sorte. A terra fôfa e molhada subiu-lhes aos pés, prejudicando-lhe o branco dos sapatos. E risos e piadas lhes acolheram a desventura.

Estávamos entre este grupo buliçoso, na manhã primaveril. Íamos em visita ao Museu do Kremlin, ver suas famosas catedrais ortodoxas e os milhares de jóias que fizeram dos tzares os mais ostensivamente ricos dos soberanos que reinaram sobre povos famintos.

Milhares de florinhas de ouro subiam com a relva até os muros fortificados do Kremlin — hoje os mesmos da época em que foram construídos — o século XIV. Não compreendíamos o que faltava para entrarmos, nós que furávamos filas de teatro, cinema, museus — filas de que há profusão na União Soviética. As francesas estavam em Leningrado, tínhamos ficado com a intérprete. Disseram que vinham outros visitantes estrangeiros. Em breve, exatamente às 11, hora em que abre o Museu, surge um homenzinho de óculos, olhos desiguais, uma figura como qualquer outra de seu porte, aos 50 anos.

Penetramos no Kremlin. Zombando intimamente da ineficácia da propaganda que apresenta esse conjunto de palácios e catedrais históricas como o flagelo do "mundo livre".

A porta do Museu fizeram-se as apresentações. Não dei atenção ao nome do nosso companheiro. Mas a intérprete, Bela, jovem soviética em quem deixamos uma amiga, nos advertiu: — É Sartre! Paramos um minuto, interditas.

Sartre? Sartre em Moscou?...

Era realmente Sartre, embora naquele momento estivéssemos longe de pensar em Saint-Germain des Prés, a velha igreja que os guias de Paris dizem ser dos mais velhos monumentos góticos da cidade Luz! E em seu bairro que a teoria de Sartre tornou famoso com seus cabarés esfumaçados...

Alli estava Sartre, o homem que há algum tempo renegara sua obra pessimista, o inimitável autor da novela "O Muro", dolorosa em sua crueza sem esperança.

Lado a lado vimos as catedrais douradas, rendas de pedras, ícones dos séculos mais recuados. Tudo conservado com um carinho que atesta um elevado nível de civilização.

Depois jóias preciosas, mantos, arreios de pedrarias, baixelas, carruagens. Todo o luxo ofuscante, dos antigos tzares. E o Palácio do Kremlin, com a sala de São Jorge de mármore branco, tãda branca, resplandecente de singela e ao mesmo tempo preciosa beleza. A magnífica e enorme sala de sessões do Soviet da URSS, onde tomam assento 2 mil deputados que representam o regime mais novo e progressista do mundo.

A saída nos apresentamos profissionalmente a Sartre. Não lhe pedimos entrevista. Apenas pedimos licença para felicitá-lo por suas recentes atitudes que fazem honra aos intelectuais honestos de nosso tempo. Agradecemos em nome de nossas leitoras, recordando-lhe como às mulheres, mais que a ninguém, toca-lhes de perto a necessidade de paz. Agradeceu com uma ponta de efusão, apesar de sua simplicidade. Via-se que lhe era grato saber que no Brasil distante seu nome era conhecido e sua filiação ao campo dos que lutam para que o mundo viva em paz aplaudida com entusiasmo.

CONVERSAMOS até o hotel, o mesmo em que estávamos. Sartre nos disse que foi convidado para vir ao Brasil. Interessa-se por nós, conhece Jorge Amado. Leu "O Cavaleiro da Esperança", apenas. Disse-lhe que era pouco, embora somente por esse livro Sartre nos afirmasse que Jorge é um grande escritor. E nos comprometemos a providenciar para que recebesse em Paris os livros de Jorge Amado que já foram traduzidos para o francês.

Desde que tornamos ao Brasil não vimos Jorge Amado para dar-lhe conta do compromisso que assumimos pensando em transferi-lo para o autor de "Subterrâneos da Liberdade". Deixamos aqui o recado.

SARTRE mostrou-se durante a conversa preocupado com a ameaça atômica, com a bomba de hidrogênio. Acabara de chegar da reunião do Conselho Mundial da Paz, em Berlim. Disse que ali fizera um discurso sobre o tema. Suas palavras, os comentários que fazia sobre os soviéticos, demonstravam um desejo constante de trabalhar pela aproximação entre os povos.

Recordo o que dizia quando sua intérprete lhe falava de ter estado na França tão rapidamente que não vira Paris, por causa das restrições do governo francês. Essa senhora — soubemos mais tarde — é especialista em literatura francesa. Sartre lhe afirmou, com convicção:

— A senhora verá.
Apoi-o calorosamente.

HOUVE um momento, nessa breve palestra, no breve percurso do Kremlin ao Hotel, em que nós rimos com vontade. Avançamos para atravessar a rua. Os moscovitas são audaciosos nisso — abusam dos "chauffeurs". Era uma curva ampla dessa cidade de vastas avenidas e Sartre afoitou-se demais. Vinha um automóvel, seguramos-lhe o braço para detê-lo. Subimos a calçada, ainda sob o efeito do pequeno susto. Ocorreu-nos um gracejo:

— Mr. Sartre, todos nós somos mortais. Mas há pessoas que não têm o direito de morrer em Moscou!

Os olhos incertos de Jean Paul Sartre sorriram, num sorriso que lhe ganhou o rosto.

REVIMOS Sartre somente dois dias depois, na Praça Vermelha, assistindo entusiasmado à monumental parada comemorativa do aniversário da unificação da Ucrânia com a Rússia. O símbolo da amizade entre os dois grandes povos eslavos pareciam confirmar as convicções do pai do existencialismo na possibilidade de viverem e se compreenderem os povos do mundo.

AL - FA - BE - TI - ZA - ÇÃO

Professôra :
Lydia SENNA CAMPOS

Professôra LYDIA SENNA CAMPOS

PUBLICAMOS hoje as últimas aulas do Curso de Alfabetização de adultos, da Professôra Lydia Senna Campos. Como já sabem as nossas leitoras, o referido curso compõe-se de 14 aulas apenas. Nos números 104 e 105 de nossa revista publicamos as primeiras aulas. A todos que nos solicitarem, enviaremos, pelo correio, o curso completo.

Dessa forma, MOMENTO FEMININO colabora no sentido de diminuir o analfabetismo em nosso país.

10.^a LIÇÃO

nha nhe nhi nho nhu
lha lhe lhi lho lhu
a-ma-nhã fi-lho ne-nhum pa-lha
rô-lha ni-nho ra-lhe i-nha-me
a-lhu-res pu-nho fo-lha-gem

11.^a LIÇÃO

(guê q)
gua qua quo
gual guar guan guas
qual quar quan quão
a-quô-so guar-da a-quá-rio
ta-qua-ra quó-ta á-gua
quar-to gua-ri-da quan-to
qua-se i-gual qual quer

12.^a LIÇÃO

bra bre bri bro bru
cra cre cri cro cru
dra dre dri dro dru
fra fre fri fro fru

14.^a LIÇÃO

a b c d e f g h i j l m n o p q r s t u v x z
A B C D E F G H I J L M N O P Q R S T U V X Z

Observação: Ensina-se, alternadamente, as letras manuscritas.

gra gre gri gro gru
pra pre pri pro pru
tra tre tri tro tru
vra vre vri vro vru
bril cruz dras fren
gran tres prin vros prar
cra-vo bre-ve dra-gão fren-te fran-go
tra-ço li-vros fri-to gru-ta gra-ve
a-bril tre-cho brin-co pra-to
trin-co pe-dras fro-nha pro-tes-to
gram-po com-prar gri-to tru-que

13.^a LIÇÃO

bla ble bli blo blu
cla cle cli clo clu
fla fle fli flo flu
gla gle gli glo glu
pla ple pli plo plu
blin flar plas
blo-que-ar re-cla-me con-fli-to glu-tão
plu-ma a-cla-ma-ção flu-tu-ar plas-mar
cla-ve re-ple-to blu-sa cle-men-te
cli-ma fla-gran-te ru-flar ple-no
blin-da-do

AS LEITORAS ESCREVEM

De Juazeiro do Norte, Ceará, recebemos de uma leitora que se assina "Fan", esta homenagem a MOMENTO FEMININO, que muito agradecemos.

MOMENTO FEMININO

Fan

De parabéns a gente feminina, Porque agora, nas horas de lazer, Quando a tristeza domina em

[surdina, Ela tem uma revista para ler.

As suas crônicas, contos, [reportagens,

Lendo-as atentamente, é estar [sonhando, Quando as horas velozes nas [passagens Sem se notar, o tempo vão [roubando.

Passávamos outrora êsse [momento A conturbar o nosso pensamento, Lembrando às vezes, máguas do [destino.

Se quiseres, mulher, mais alegria, Ocupa as horas vagas do teu dia, Lendo a revista MOMENTO [FEMININO.

P A Z

Maria José
Distrito Federal

Mamãezinha, escuta aqui,
O que é a paz na terra?
No cinema eu vejo a guerra
Mas a paz eu nunca vi.

Paz — é cantar cirandinha
De braços entrelaçados,
Crianças louras, pretinhas,
Também de olhinhos rasgados.

Paz — é ouvir sempre as [gracinhas
De um menino alegre, forte,
Sem a ameaça da morte
Que persegue as criancinhas.

Paz — meu filhinho, é o [anseio

Da mocidade risonha,
Da mocidade que sonha
Sem medo de bombardeio.

Paz — é o campônio plantando
O seu pedaço de terra,
O sol nascendo na serra
E a passarada cantando.

Paz — é o trabalho, é o braço...
As rodas sempre rodando,
As chaminés fumegando
E o ferro forjado em aço.

Paz — é fôrça inençável,
Capaz de fazer parar
Para sempre, emudecer,
Fazer o mundo esquecer
Dos engenhos de matar.

MOMENTO FEMININO



As mulheres exigem a presença nos órgãos legislativos de legítimas representantes suas. Querem influir de maneira direta nas decisões e nas leis do país, fazer ouvir sua voz e seu protesto em defesa de suas aspirações e das aspirações de nossa gente.

MOMENTO FEMININO apresenta nesta página algumas candidatas, dignas de merecerem o voto conciente de qualquer leitora. Ao alto ARCELINA MOCHEL GOTO, Secretária Geral da Federação de Mulheres do Brasil, membro do Conselho Executivo da F.D.I.M., títulos que falam eloqüentemente sobre a atuação da candidata à vereança pelo Distrito Federal.



DRA. ELINE MOCHEL DE MATOS, médica, candidata a deputada federal. Apresenta-se com um programa de defesa dos direitos da mulher e da infância. Defenderá uma política exterior de congraçamento entre os povos, a liberdade de comércio com todos os países. Uma política interna baseada na utilização de nossas riquezas, contra os acordos que impedem nosso livre desenvolvimento. Contra a carestia, por uma rede de maternidades, creches e jardins de infância. Desde 1945 dedica todo o seu esforço à emancipação da mulher e do Brasil.



DRA. LILA RIPOLL, poetisa, professora primária no Rio Grande do Sul. Candidata a deputada estadual. Sensibilidade rica, voltada para o desejo constante de ver feliz o seu povo. Das mais destacadas representantes da cultura em seu Estado, Lila será uma digna porta-voz das mulheres riograndenses. Seu programa em defesa da cultura brasileira, do acesso das mulheres à instrução, da necessidade de medidas concretas para minorar o sofrimento da infância, tem sido por ela defendido em tôdas as ocasiões, especialmente no Congresso de Intelectuais Brasileiros, realizado em Goiânia.

USAR A ARMA DO VOTO

A 3 de outubro o eleitorado brasileiro vai escolher nas urnas seus representantes à Câmara e ao Senado Federal. Quatro anos de descalabro e violências, que não encontraram no Parlamento a oposição que o povo esperava de seus representantes, desiludiram a muitos, fazendo-os descreer da eficácia do voto. Nesse intervalo os preços cresceram, os salários não valem mais nada, cresce a miséria e nosso país regride, comprometidas suas riquezas, asfixiado seu progresso.

A lição foi dura, mas ensina que é preciso corrigir o erro, uma vez mais, comparecer às urnas e escolher candidatos que nesses quatro anos provaram estar ao lado do povo e do Brasil, sufragar novos nomes de patriotas e lutadores honestos pela felicidade de nossa gente. E' necessário ainda lutar para que esses homens e mulheres honestos, tenham seu registro eleitoral assegurado; para que os atuais responsáveis pela pilhagem do Brasil não impeçam, como querem fazer, utilizando o Supremo Tribunal Eleitoral, que os patriotas figurem como os candidatos do povo. Temerários do pronunciamento das urnas, querem mais uma vez desrespeitar a Constituição e impedir que seus honestos opositores se candidatem. Para isso, pretendem simplesmente, levantar contra eles a acusação de "subversivos".

Mas, sobretudo, é necessário lutar com tôdas as forças de que dispõe o povo contra as tentativas de golpe militar, ameaça grave às liberdades já precárias de que dispõem os brasileiros. Têm por finalidade substituir por outro bando o que detém o poder atualmente e evitar assim o pronunciamento das urnas.

As mulheres, que dia a dia se afirmam e revelam um crescente espírito de responsabilidade cívica, cabe neste momento um papel construtivo: contribuir para que os inimigos do povo sejam expulsos do Parlamento, substituídos por dignos representantes de nossas aspirações de progresso. E também escolher suas candidatas para que se faça ouvir sua voz autorizada.



SRA. ELISA BRANCO BATISTA, candidata por São Paulo a deputada estadual. Simboliza, através de um feito que passou à história, a aspiração das mães brasileiras a uma vida de paz para seus filhos. Num momento crítico para a juventude brasileira, quando os norte-americanos exigiam do governo Vargas que enviasse tropas para a Coréia, Elisa Branco desfraldou numa parada militar a faixa célebre: "Os soldados, nossos filhos, não irão para a Coréia". Tinha razão — os jovens brasileiros não seguiram para matar e morrer naquele país distante. Elisa é credora do voto das mães, das noivas, das espósas paulistas.



DRA. CLOTILDE PRESTES, candidata a vereadora pelo Distrito Federal. Defesa dos direitos das trabalhadoras, contra a carestia, por habitações dignas para o povo, centros médicos para as mães e as crianças, transportes, água para as bicas do Rio de Janeiro — eis alguns pontos do programa com que se apresenta ao eleitorado carioca essa honesta e ativa trabalhadora pelo bem-estar de nossa gente. Seu nome é querido das mulheres simples do Distrito Federal, seu esforço é um estímulo para todos os que desejam progresso e dignidade para nosso país.

Três candidatas de São João de Meriti, a progressista cidade fluminense. Mulheres simples, animosas, cheias de vida e disposição de luta. Exigem para as mu-

lheres um lugar no legislativo do Município, de onde pedirão, em nome das que trabalham, das mães, das crianças, melhoria de vida e respeito a seus direitos

legítimos. Nas fotografias, da esquerda para a direita: Dautá Joubert Barreto; Maria do Carmo Maciel e Elsa Fontes Caravana.



SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 3



Meus sobrinhos.

Como vão passando vocês? Passaram bem as férias?

Recebi cartinhas de Elvira e Custódia Fernandes, de Juiz de Fora, de Dora e Tânia Cunha, de Caxias, Zângara Sasse, de Niterói, Olga Maria, de Itapetininga, e Ana Maria de Castello Cruz, do Distrito Federal.

Mandaram-nos as respostas de nossos primeiros concursos, todas certas. Muito bem. Receberam os livrinhos que lhes mandei? Continuem nos escrevendo. Dora, Ana Maria e Zângara agradaram muito com suas palavrinhas sobre o Pica-pau. Ele ficou muito contente. Mas desejamos que os outros sobrinhos preguiçosos também nos escrevam. Então? Será que vocês não acertaram nossas perguntas? Acreditamos antes que vocês não saibam como é que se põe no correio uma carta para o MOMENTO FEMININO. Pica-pau anda triste porque diz que não sabe tocar flauta nem acordeão; não sabe mesmo cantar bonito como o sabiá, por isso vocês não ligam para ele. É verdade? Está acabrunhado porque acha que os sobrinhos de Tia Rosa não gostam dele. "Qual nada, rapaz, eu lhe disse. São os estudos; a garotada está cansada das provas!" Foi essa a desculpa que encontrei... Mas não esqueçam que o Pica-pau sempre pergunta por vocês e quando chega uma cartinha, ele pega o envelope com o bico, e vem correndo me trazer.

Vamos trabalhar um pouquinho, hoje? Mas, antes vamos às respostas do último concurso.

Menores

PARTE I

Coloquem no traço ao lado uma letra, formando uma palavra:

b ato, t ato, c ato, m ato, d ato,
f ato, g ato, j ato, p ato, r ato.

PARTE II

Vocês conseguiram juntar as letras do desenho? Que bicho deu?

Maiores

PARTE I

1) botão. 2) relógio. 3) escuridão. 4) sol. 5) as horas.

PARTE II

No trenzinho de 5 vagões viajam: no primeiro vagão, 8 passageiros; no segundo, 9; no terceiro, 10; no quarto, 11 e no quinto 12, dando um total de 50 passageiros.

Saudade

Olga Maria - 12 anos
(Itapetininga)



Olga Maria

Desapareceu do mundo dos vivos, e para sempre, o nosso bondoso companheiro Gaspar. Coração amigo e homem útil ao meio em que viveu, Gaspar era um lutador. Sua alma bondosa depois de um sofrimento indescritível, desprende-se do corpo e alçou vôo, em espiral, pelo espaço, a caminho dos céus!

Gaspar, você não morreu para nós que o conhecíamos tão bem. Você viverá sempre em nossos corações, onde terá o calor de nosso reconhecimento e da nossa gratidão. Já disse alguém que nada se leva do mundo senão as boas obras, que estas sim são perenes, ficam pela eternidade. Você, amigo Gaspar, na sua simplicidade e modéstia, na sua pequena estatura, trazia algo de grande: era um bom. Pai

amoroso, lutava pela felicidade dos seus, e só isto bastaria para torná-lo digno de nossa estima e de nossa admiração. Agora, tudo acabou-se e para sempre! São as leis da natureza, e nenhum de nós pode fugir a elas. No mar tormentoso, cheio de perigos, tantas vezes a morte é percebida. Na terra, as luzes, os enganos, as necessidades aborrecidas. Para Gaspar já não existe mais nada! Mas, para nós, continua existindo o seu ensinamento e você viverá, Gaspar, na nossa gratidão e na nossa saudade!

(À memória de Antônio Rodrigues Gaspar)

Muito bem, Olga Maria; esperamos que você mande outras colaborações e sugestões para a Seção Infantil.

MÃES

Maria Icléa Fernandes
Juiz de Fora

Mães, como sois benditas, e que amor tendes vós para conosco.

Quando somos crianças pequeninas, já sentimos vosso amor no carinho com que nos tratais. Vós nos guiais através da vida cheia de tropeços e embaraços, ensinando-nos a vencer as dificuldades.

Crescemos, tornamo-nos adolescentes, e vós sempre ao nosso lado, cercando-nos com o vosso carinho maternal.

Filhos pobres ou filhos ricos, todos vos agradecem por terem de vós recebido a vida, o alimento e os bons conselhos.

Mãe! Vosso nome ficará sempre guardado no coração de cada filho, como uma chama de amor, carinho e dedicação.

—//—

Elvira Fernandes, de Juiz de Fora, também nos envia uma sugestão: que publiquemos no Concurso Pica-pau uma carta enigmática. Vamos fazer o possível para atendê-la.

O Pica-pau agradece a vocês os beijos e abraços, manda dizer que você não acertou a parte II do Concurso e quer que você veja a solução certa no nosso último número. Ele gostou muito dos seus desenhos da primeira carta, mas devem ser feitos a nanquim.

Nossa nova amiguinha Anna Maria de Castello Cruz, do Distrito Federal, também fez um versinho dedicado ao Pica-pau. Ei-lo:

Como é que ele será?
— Ele quem, perguntará?
O chefe destes concursos,
O pica-pau que verás.

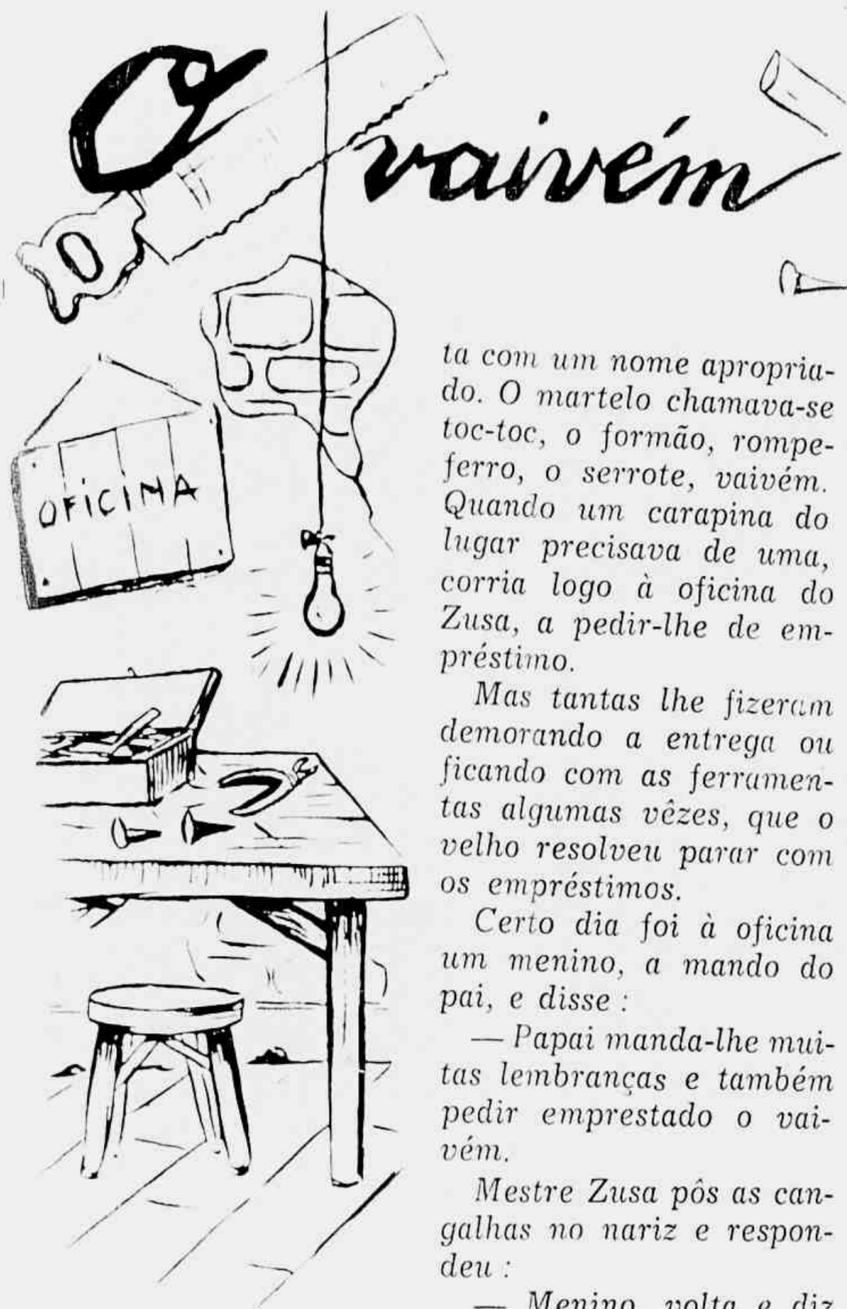
Muito bem, Anna Maria. Continue escrevendo. Seu desenho também está muito bonito. Da próxima vez mande um desenho em papel liso, feito à tinta nanquim. Você tem jeito.

O Pica-pau está ficando pro-sa... Vocês nem imaginam. Está pensando que é mesmo o "tal"...

Aos nossos pequenos colaboradores, os abraços da

TIA ROSA

MOMENTO FEMININO



ta com um nome apropriado. O martelo chamava-se toc-toc, o formão, rompeferro, o serrote, vaivém. Quando um carapina do lugar precisava de uma, corria logo à oficina do Zusa, a pedir-lhe de empréstimo.

Mas tantas lhe fizeram demorando a entrega ou ficando com as ferramentas algumas vezes, que o velho resolveu parar com os empréstimos.

Certo dia foi à oficina um menino, a mando do pai, e disse:

— Papai manda-lhe muitas lembranças e também pedir emprestado o vaivém.

Mestre Zusa pôs as cangalhas no nariz e respondeu:

— Menino, volta e diz a teu pai que se vaivém fôsse e viesse, vaivém iria, mas como vaivém vai e não vem, vaivém não vai.



(Conto popular colhido em Carangola, Minas, por Lindolfo Gomes).

Era um dia um velho chamado Zusa, que trabalhava pelo ofício de carapina. A sua oficina era um brinco, sempre muito asseada, a ferramenta muito limpa, tudo nos seus lugares.

Mas a mania do velho era batisar cada ferramen-

AO PICA-PAU

De nossa amiguinha Zângara Sasse, de Niterói, recebemos muitos versinhos bonitos para o Pica-pau. Gostaríamos de publicar todos, porque o Pica-pau gostou tanto que começou a decorá-los. Mas como não temos bastante espaço, publicamos apenas os que seguem.

Eu gosto da letra P
Por ela tenho paixão
Com ela posso escrever
Pica-pau do meu coração.

Pica-pau tu és um cravo,
Pica-pau és um botão,
Pica-pau tu és a chave
Que fecha o meu coração.

Pelos pássaros em geral
Tenho grande admiração
Mas somente o Pica-pau
Eu trago no coração.

Sou eriancinha arteira
Quando estou no laranjal
Pois minha arte primeira
É brincar com o pica-pau.

Da letra peço desculpa
Dos erros peço perdão,
Aceite pois da amiga
Um abraço do coração.

A Zângara o Pica-pau agradece, muito contente, e envia um abraço bem macio da aza penuda.

DIVULGUE
"MOMENTO FEMININO"
entre seus amiguinhos

CONCURSO PICA-PAU N.º 4

Para os menores

PARTE I

Combine as letras da palavra abaixo, de forma a obter 12 outras palavras. (no singular, ou no plural).

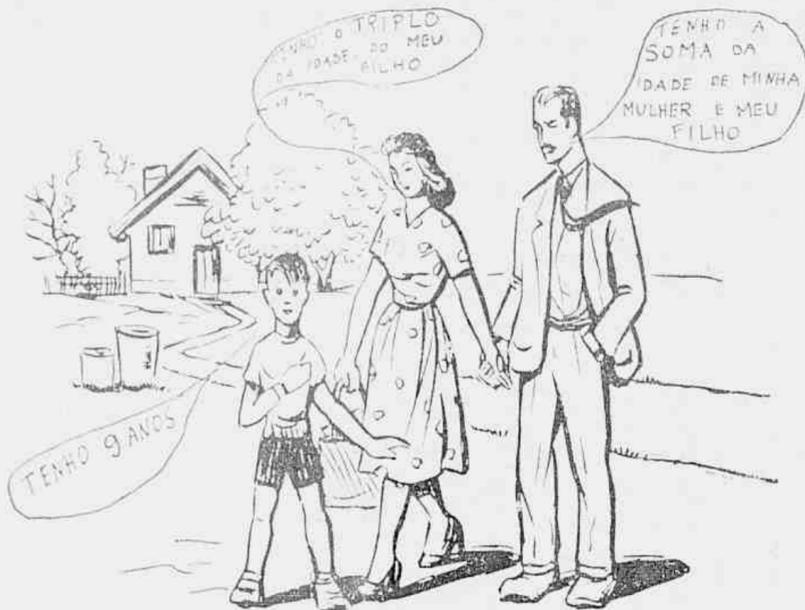


Exemplo : pato
S A P A T O

PARTE II

Impares	Pares	
1	2	Se você somar qualquer número ímpar da 1.ª coluna com certo número par da 2.ª coluna, escolhendo com cuidado esses números, você encontrará sempre o mesmo resultado. Qual é?
3	4	
5	6	
7	8	

Para os maiores



PARTE I

Nesta casa mora uma família com as três pessoas que você vê : o pai, a mãe e o filho. Qual é a idade dos pais ?

PARTE II

- Qual é o país da América do Sul que tem três vezes a letra u ?
- Qual é a palavra que tem 8 letras e da qual tirando 4, fica oito ?
- O que é que segue o curso no próprio leito ?
- Qual é a palavra que é verbo e é formada de uma só letra ?
- Qual é a ave cujo nome fica o mesmo se lido de traz para frente ?
- Qual é o Estado do Brasil cujo nome sem o acento, fica uma preposição simples ?
- Qual é o nome da mais bela baía do mundo ?
- Qual é a parte da ave que se invertermos as letras fica a mesma palavra ?
- Qual o país da América do Sul que tem nome de ave e cuja capital é uma fruta ?
- Qual é a flôr maior do mundo ?



UMA SUGESTÃO
PARA O SEU TRICÔ